

6078



6073

4

MICROFILMADO
3 / 10 / 91
Caicedo *[Signature]*

8703



CRISTAES DA ALMA,

FRASES DO CORAÇAM,

Rethorica do sentimento, Amantes
desalinhos,

ESCREVEOS



GERARDO DE ESCOBAR,

Offerecido

A Illustrissima Senhora, a Senhora

D. MARGARIDA IVLIANA

DE TAVORA,

Filha dos Senhores Condes de
S. Miguel.



LISBOA:

Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. DC. LXXIII.

Com todas as licenças necessarias.

6078

Jorge

Memoria dos Parlymas
Tos. de S. Jorge
Parlymas de M. em
29 de Junho de 1760
E. em 20 de Mayo de 1763
E. em 23 de Junho de 1764
E. em 1 de Junho de 1765
E. em 1 de Dezembro de 1769
E. em 10 de Mayo de 1770

Manoel Jorge
de S. Jorge



DEDICATORIA:

Ninguem estranharà que estas rusticas flores do meu Iuizo busquem em V. Senhoria, os rayos do mais galhardo Sol ; as influencias da mais bella Aurora ; e os verdores da mais linda primavera. Não temem, que a pequenbes da offerta de zarme em offensas o que o affecto fabricou para lizonja, vendo que o Sol com taõ beneuolos rayos corõa de resplendores a grosseira espada-na, que o jasmim polido. Se a luz de hum a vella recambia em estragos os ren-

dimentos da borboleta, he que o seu nascimento lhe não dicta maiores bizarrias; Filha de ham pauio obra pelas qualidades da cera humide, que a alimenta, conforme à de seus a vòs abelhas, & flores agrestes; mas o Sol, que tem por solar a primeira luz recebe com cortezes agaalhos os grosseiros affectos do girasol. Disse Licurgo que os Deozes formaraõ aos Principes de pedagos do Sol. V. **Sententia** tendo por ascendentes as luzes do mais generoso sangue de Portugal, ha de aceitar benigna as grosserias que lhe offerece o meu affecto.

Não entendo que V. **Sententia** estrague o tempo que emprega em tão luzidas applicaçoes em terrestres dezalinhos; mas como os escrevi à instancia de varias pessoas, & me derão estes assumptos, quero que agora a minha penna faça estalizoja

ao meu gosto, & à minha obrigação,
para que emmendem bem offerecidos o de-
zar de mal escritos. O applauzo das pren-
das de V. **Senhoria** não pode caber na
pequena taboa deste papel, quando tem a
admiração por obelisco. V. **Senhoria**
as logre com as felicidades que me-
rece, que o meu affecto lhas ³não ²podezejar
maiores. Como em V. **Senhoria** se vnirão
a beleza, & a discrição, ordinariamen-
te entre si ^{nao}mal auindas, tambem espero que
em V. **Senhoria** veja Portugal a noui-
dade das prendas venturosas. Nosso Se-
nhor guarde a V. **Senhoria** por muitos
annos. Lisboa. 17. de Abril de 1572.

Beja a mão a V. **Senhoria**.

Seu menor criado.

Gerardo de Escobar.

AO LEITOR.

Lucy Lamy amante

L Eitor amigo, ou inimigo, a como der, & vier, +
Estes Cristaes escreui a petição de varias
pessoas, & saem a luz à instancia do gosto, que
tenho de as offerecer tão altamente; com que
de nenhum modo me ficas obrigado no feitio;
ou na estampa; se os comprares, ao teu dinheiro
os deues, se tos prestarem, a quem tos prestar os
agradece, com que te deixo com toda a liberda-
de para murmurar da ociosidade, dos assüptos,
que o mesmo faço eu quando sou leitor por mais
saluos condutos que me peção. Vale.

I N D E X.

- F** Ensarão ausente, pag. 1.
Bateria de huns olhos, pag. 29.
Piques de hũa memoria, pag. 59.
Incredulidade na certeza, pag. 77.
Borrascas da saudade, pag. 105.
Finezas mal auxiliadas, pag. 132.
Saudades de Aonio, pag. 157.
Quinta essencia do amor, verdades abonadas no segredo, pag. 187.
Magoas de Lisardo no achaque, sangrias, & morte de Amarilis, pag. 211.
Queixas sem aggrauo de hũa mudança sem culpa, queixas de Aaio, quando se muda Cloris, pag. 242.

L I C E N Ç A S .

V Ista s as informações , podem se imprimir estes dous liuros , hum que contém doze Nouelas, outro intitulado *Cristaes dalma, &c.* menos o que em hum & outro vai riscado , Autor de ambos Gerardo de Escobar , & impressos tornaráo para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella não correráo. Lisboa 16. de Setembro de 1672.

Fr. Pedro de Magalhaens. Manoel de Magalhaens de Menezes. Alexandre da Sylva. Manoel Pimentel de Sousa. Fernão Correa de la Cerda.

P Ode se imprimir. Lisboa 29. de Janeiro de 1673.

Fr. Bispo de Martyria;

Que se possaõ imprimir, vistas as li-
cenças do S. Officio, & Ordinario,
& depois de impressos tornarão à Mesa
para se taxarem, & conferir, & sem isso não
correrão. Lisboa 24. de Julho de 1673.

Magalhaens de Menezes. Miranda.

Visto estar conforme com seu origi-
nal, pôde correr este liuro *Cristaes*
da alma. Lisboa 21. de Outubro 1673.

Fr. Pedro de Magalhaens. Magalhaens de
Menezes. Alexandre da Sylva. Manoel Pi-
mentel de Sousa. Pedro Mexias de Magalhães.

Taxão este liuro em seis vintens.
Lisboa 8. de Nouembro de 1673.

Magalhaens de Menezes, Miranda.
Carneiro, Roxas.



CRISTAES
D A
ALMA.

Fenifardo ausente.



OR mais que o mar aquella rocha bata
Com balas de cristal tão repetidas;
Olha com que valor são resistidas

As baterias de salitre, & prata?

Ves como aquella Palma desbarata
Do vento as furias mais embravecidas;

Atè que vendoas à seu pè rendidas,
Prende os rigores, as bravesas ata?

Sobe o vapor de hum Monte à eminencia;
Porem logo cansado se desalma

Roto a golpes da sua impertinencia,

A

Adoç

Cristaes da alma.

*Adorado feitiço da minha alma,
Por mais rigores, que vibre esta ausencia,
Veràs, que sou a Rocha, o Monte, a Palma.*

NEstas pontualidades me empenhao
nome (amada prenda) Fé Fenix,
& arder promete o nome de Fenizardo,
& eu bem o desempenho na Fè, que te
guardo ausente, & em abrazarme Fenix
nas memorias da tua belleza. Não allego
os desuellos, em que viuo, não te enca-
reço as ancias, em que morro, porque
não pode o dizer explicar tanto sentir,
nem he possiuel que o sentimento iguale
ao amor. Não cabe nas esferas da elo-
quencia tanta magoa, nem as ancias de
ausente podem correr paralelos com os
extremos de amante. Dizem que a pena
he medida do amor, que tanto se ama,
quanto se padece; mas eu nos empenhos
de te amar sigo os dictames da vontade
propria, não os aforismos do discurso
alheo, & em amorozas experiencias te-
nho achado, que amo mais do que finto,
que

que as verdades de amante excedem as magoas de saudoso. As penas de ausente diminuenſe nas eſperanças de verte, diuertemſe nas conſideraçõens da tua belleſa ; mas os rendimentos da alma nada os diminue, nenhuma couſa os diuerte, o pensamento os aſſopra, a memoria os multiplica. Mais executiuas ſão na minha idea as tuas prendas do que as minhas magoas ; mais viuos eſtão em mim os ſacrificios, que faço a tua belleſa, do que as atençoens ao meu ſentimento. As ancias de ausente cifraõſe em huma perda dos olhos, & o emprego de meu amor he hũa vſania da alma, & fora groſeria grande que nesta auzencia me deueſſe ſe mais atençoens a magoa de hum ſentido que os logros de huma alma. As penas de ausente resultaõ da perda da tua viſta, & o meu amor nasceo das tuas prendas, mais executiuas ſam em mim as memorias da tua belleſa, que os intereſſes de meu goſto. Mayor he logo a fineſa com que te amo, que o ſentimento

em que viuo. Não he isto tirar quilates á magoa da saudade, he dar mais viuos esmaltes ao amor que na boa filosofia se aprende, que sendo grande o sentimento de ausente, maior ha de ser o extremo de amante pois do amor resulta; & assim precisamente ha de ser mais extremo o amor que lhe da os requintes. Não digo que he pouco o que padeço, senão que he mais o que amo, para que das ançias com que luto nesta ausencia infirma, quanto maior será a fineza do resultado, que he grande a causa de que tamanho efeito nasce, será também, que o extremecimento com que te adoro, não cabe na comprehensam, & assim não emprendo o descreuello, as magoas em que viuo ausentes, como são menores posto que tamanhas, arrojome a relatallas.

P Adeço em minha saudade,
 O tempo que ausente viuo,
 Em cada instante huma magoa,
 Em cada hora hum martirio.

Estes Montes se lastimão
De ver que sempre repito,
Em cada queixa hum desmayo,
Hum Etna em cada suspiro.

Em esta ausentia he pesar
Aquillo que foi martirio,
Cada lembrança he hum golpe,
Cada discurso hum delirio.

Na iaea, que nunca para,
Encontro o mayor perigo,
O que foi, porque não he,
O que não he porque ha sido.

Os proprios fauores acho
Em pesares conuertidos;
Cada gosto he hum tormento,
E cada perda hum martyrio.

O que vi, & o que não vejo
São as Syrtes do juiso,
O que vi he o incendio,
O não ver o desatino.

Tão encontrados os mares
Encontra este batel viuo,
Que em os fauores çocobra,
E flutua em os carinhos.

Nas flores de mil memorias,
 Que nas ideas repito,
 Podendo chupar doçuras,
 Venenos somente tiro.

Sendo o fugir dos pesares.
 Da Prudencia o aforismo,
 Ama o pensamento os laços,
 E busca a memoria os riscos.

Sendo o remedio do amor
 O procurar diuertillo,
 Remata extremecimento,
 O que se buscou desjuio.

Mais me entrego à saudade,
 Quando a rebatella aspiro,
 Cada prenda he huma seta,
 E cada agrado hum feitiço.

Foi este emprego encontrado,
 No acerto teue o perigo,
 Quanto o tino foi discreto,
 Foi desgraçado o destino.

As contradicoens sabidas.
 Tinha amor tambem nacido,
 Cada constancia hum malogro,
 Cada finesa hum desjuio.

de Gerardo de Escobar:

Mas sem vencer o Dragão
Não se ganha o Velocino,
Não se cerra de glorias,
Quem não triumphou dos perigos.

Melhor nas contradicoens
O meu amor examino,
Aos encontros da fortuna,
Deue os realces de fino.

Espero que se desconte,
Tempo tão mal repartido,
Por cada hora hum fauor,
Por cada instante hum aliuiio.

O menor ralgo da esperança de verte
anima para os pesares, & aluoroça pa-
ra as glorias, & como as penas haõ de
ter tamanha recompensa, quanto as ma-
goas forem mais crecidas, feraõ mais
releuantes os gostos, & na fê dos logros
que haõ de merecer os desuellos, a espe-
rança acallanta o sentimento.

Tambem a fê que te guardo nesta au-
sencia não he grande prodigio por mais
extremosas que sejaõ as constancias. Cha-
maõ

maõ à ausencia madrasta do amor. Dizem que com terra em meyo fica a fineza enterrada; mas eu como não te amo por arte, não sigo as regras della; & assim desuiã-dome do cõmum sentir, considero, que na presença està a fé mais arriscada. Os manjares azedos, quando muito desbotaõ os dentes; os doces os apodrecem. Nos fauores que se logrão na presença viue mais auenturada a fineza. Nam só foi Capua a que vio vencido das delicias aquelle valor Africano triunfante da potencia Romana. Mimosa a vontade entre os fauores, mais arriscada viue, & mais segura està aquella a quem as contradicõens combatem. Nace a Roza joya do jardim, rizo da manhã, exatmento da tarde, o menor vento a derriba, o Sol a murcha, qual-quer descuido que a toca, a desfolha, em o seu mimo tem o seu perigo; pois se hũ crepusculo a galátea, o outro a chora; mas o junco, que criado às brauezas do vento, nas innundaçoens das agoas, a todas as furias do tempo sabe resistir. Hum empe-

nh

nhão entre os fauores que logra, he fragil como a Roza, combatido da desgraça inuenciuel como o junco. Entre os logros viue descuidada a fineza, & nos descuidos se arrisca. Entre as perseguiçoens viue mais cuidadosa, & o cuidado assegura as pontualidades. Na presença o arrufo, a desconfiança, a porfia, & outros muitos accidentes, pôdem diminuir a fineza; porém na ausencia, estando mais viuas as razões de amor, faltão os motiuos de se diminuir a fé. Satisfeito o gosto entre as ditas, pôde diuertirse; porém combatido dos rigores de hũa ausencia, como viue em campanha, sempre os sentidos estam à lerta, sem que o menor descuido ache já mais brecha por onde assalte a vontade. Mais fino está logo o amor, & menos arriscado na ausencia, do que na presença de quem ama. Não he logo prodigio grãde a fé que te guardo ausente; porque como he mais tenás a memoria, do que a vista presente, poderião diuertirse os olhos da tua belleza, porém ausente, nam pôde

a memoria descuidar-se da tua adoraçã:m:
 Aqui verás amada occasiam de meus ex-
 tremos, que taõ confiado estou no que te
 merece a minha fé, que me empenho em
 desluzir finezas, que no Mundo estão taõ
 acreditadas.

Eu acho, que ninguem ama de fino, se-
 não de vilonho; não sabe as ancias a que
 se aventura, & começa a amar mais de
 ignorante, que de affeioado.

Quem vendeo extremecido

*A alma a hũa belleza,
 He certo que da saudade
 Nam tinha feito experiencias.*

*Quem se arrojou a querer
 De huns olhos as luzes bellas
 (Visto se está) nam sabia
 Os rigores de hũa ausencia.*

*Quem por agrados da vista
 Empenhou da alma as potencias,
 Não sabia quam escuras
 Erão do não ver as treuoas:*

*Dilirios do entendimento,
 São da vontade as finezas;*

Visonheria do juizo

He nam euitar as penas.

Os custos de hũa saudade

Se quem nam ama os soubera;

Rebelde ao mayor agrado

Burlàra do amor as setas.

Tem mil descontos os gostos;

Que se lograõ na presença,

E nenhum aliuiio tem

As ancias em hũa ausencia:

O logro tem breue o fim,

Nunca acaba o que atormenta;

As horas da vista breue,

As da saudade eternas;

A ausencia he Purgatorio

Onde com muita miudesa

Ao menor gosto passado,

Toma o Amor residencia.

A ausencia he hum crisol

Onde a constancia se acendra;

He verdade; mas he fogo

Tambem, que abraza a paciencia;

A memoria dos faoures,

Ao ausente não deleita;

Que de venturas se afflige,
E de regalos enferma.

Tem por contrario mayor
Hum ausente a sua idea;
Pois faz, que o vinho do gosto,
Vinagre torcido o beba.

A ventura que lograda
O pensamento recrea
Magoa como perdida
Para regalo nam lembra.

A memoria de hum ausente
He hũa mosca grosseira,
Sobre as chagas que lastimão
He sòmente que passea.

He aranha o pensamento,
E podia ser abelha;
Pois a mais forte peçonha
~~Forma das flores mais bellas.~~

He dôr de dente a saudade
Que sem parar atormenta,
Quando o unico remedio
He o diuertirse della.

Quem surca hũa saudade,
Quem hũa ausencia nanega,

Està em continua luta

Com tempestades desfeitas.

Desta sorte (emprego da alma)

Viuo nas tuas ausencias,

Se quizerem chamar vida

Hũa continuada pena.

*Imprimi em Lisboa
na Officina da Typographia Nacional*

Demais q̄ como em minhas ideas estás
tam viua, taõ presente nas minhas memo-
rias, asleguras vista á fé, que puderas arris-
car ausente. Quem á vista do que ama pó-
de diuertir as atençoens! Estão seguras as
mayores pontualidades de hũa fineza, sen-
do registradas de quem se adora. A mes-
ma lisonja, que galantea, requinta os ex-
tremos na presença; logo se teus olhos,
como sempre me assistem, sempre estão
examinando as minhas acçoens, quando a
fineza não as ajustára á tua adoração, o
medo de tua offensa me hauria de ter aten-
to, obrando de acutelado quanto exe-
cuto de fino. Nam vem logo a ler a fine-
za com que te adoro ausente primor da
minha vontade, senão fruito das tuas pre-
uençoens;

uencões; pois me obriga a tua presença
a quantas finezas obro extremo.

Quando mais ausente estou,
Então viuo mais amante,
Nam que amor creça as finezas;
Porém descobre os quilates
Extremecimentos vistos,
Será quererem logarse,
Mas o que occulta a distancia,
São da fé nobres realces:

Quem aos olhos sacrifica
Amantes pontualidades,
Será querer que lhe deuão,
Ou tirar a que lhe paguem.

Mas quem sacrifica ausente
Finezas que se não sabem,
Não podendo ser lisonja
Bem seus extremos aplaude.

As adorações ao longe
São requintes de constante,
Desempenhos da fineza,
Desafogos da vontade.

Quem com finezas pretende
Dar a favores alcance,

Deixa escrupulosa a fé
No mais exeremojo alarde.

Quem com desuellos conquista,
Quem dos suspiros se vale
Para pretender os logros
Vesse que pretender sabe.

Mas quem ausente suspira,
E quem chora tão distante,
Não atende a interesses,
Mas acredita a lealdade.

Quem em amorosas ancias
Não deixa hum sò instante
Que nam deáique amoroso
A huma ausente Deidade.

Quem amante sacrifica
Em tão occultos altares
O tempo todo às memorias,
Toda a vida à saudade.

Quem de lagrimas não vistas,
Destilla dos olhos mares,,
Dando ao ouro da fé
No pranto finos esmaltes.

Quem sòmente a huma sombra,
E de huma idea galante,

Tributa a alma em suspiros.

O coração em pezares.

Quem continuamente está

Em as Aras da vontade

Reperindo os sacrificios

Sem que a memoria se canse.

Sem que o menor pensamento

Desta adoração se aparte,

Que todos Aguias se apuram

Em tão amoroso exame.

Como aquelle que presume

Como quem se persuade

Aque o seu feitiço, tudo,

Presente examina, & sabe:

Oh que bem apura a fé

Bem acredita as verdades

Que sendo vistas prodigios,

Nam vistas mais sobre saem.

E tu minha adoração

Posto que ingrata mal pagues

Tão extremosas constancias,

Ià he premio o adorarte.

Daràs se fizermos contas

A toda a fineza alcances,

*Que amandote o mais que posso
Bem sei que mais deuo amarte:*

Eleuação de minhas ideas, tão conhecido viuo dos extremos com que deuo amarte, que sacrificando todas minhas memorias à tua faudade, acho que obro pouco, pera o que tu mereces. Mais deues à minha vontade, que ao meu entendimento, porque o desejo suspira por mais extremos que obrar; mas o juizo não os descobre possiveis. Mais dilatada he a esfera do querer, que do entender; pois em hũ instante quizera obrar as finezas que em muito tempo não sabe descobrir. Viuer sò das tuas lembranças, morrer da minha faudade; não ter mais diuertimento que o contemplarte; ter por martyrio o menor instante, que me furtaõ a memoria de tuas prendas, finezas saõ que os outros aualiarãõ por grandes, & eu as julgo limitadas, que desacreditam a minha fineza; que não çhegãõ a desempenhar a minha

obrigação, será que os mais conhecem que nam deuem tanto a quem amaõ, mas eu estou certo em que se deuem mais extremos a quem adoro. Feitiço de meus pensamentos, nem nos desuelos te obrigo, nem nas contemplações me desempenho, porque se só tuas memorias são os meus alentos, se o contemparte he a vnica respiraçam de que viuo, os meus interesses nam pòdem ser finezas que te obriguem, ou me desempenhẽ, se o pensamento, & as memorias quizerão diuertirse em outra parte, & eu os puxara para o teu sacrificio, entãõ mais te obrigara a minha pontualidade, quando mais te offendera o meu diuertimento, entãõ nesta violencia, que me fazia, obíara algũa cousa com que te obrigasse, mas se quando precisamente hei mister as atençoens, naõ as posso apartar de tuas memorias; se quando quizera occupar o pensamento em outras prendas, seria impossíuel obedecerme, que obrio que te obri-

gue,

gue, ou me desempenhe! Tu mesma não quizeste deuerme as finezas, quiçã por não pagarmas; porque de sorte cõ o feitiço aprefionaste todos meus sentidos, & potencias, que não vem a ser merecimẽto a adoração, pois nam tendo liberdade para diuertirse, neçessariamente te assiste, sendo violencia das tuas prendas os extremos da minha vontade. Todos se admirão das magoas em que viuo, porque não sabem as glorias que perco nos longes da tua vista, eu só me espanto de que me nam tire a vida o golpe de tantas ancias.

*Nam sei qual mayor prodigio
Em esta ausencia se admira,
Ou a morte que padeço,
Ou como sustento a vida.*

*Que sendo morte hũa ausencia
Apezar da morte vira?
Ou se he mais, que a mesma alma
De si propria se diuida?*

*Neutral entre vida, & morte
Aquella me nam anima,*

Nem estoura me destroe
Para ser mayor ruina.

Com ambas de duas luto
A vida nam me aliuia,
Nem a morte como aos mais
As penas me finaliza.

Viuo estou para sentir
Todas as minhas fadigas,
Porèm viuendo estou morto
Para o gosto, & alegria.

Mas ay de mim que me admiro?
Que se he morte huma partida,
Eu morri quando deixei
As luzes de que viuia.

Por isso a vida, & a morte
Em mim estaõ indecisas,
Assim nam acaba a morte,
Assim nam alenta a vida.

Como a morto, nam me mata
Di morte a gadanha fria,
E como em morte tambem
A vida em mim nam respira.

Logo viuo por descuido,
Porque se ignora que viuia,

Ego nam morro de todo,
 Por nam se saber que sinta.

Sou hum desprezo da morte,
 Sou hum descuido da vida,
 Que o desprezo, & o descuido
 Para mais penas me anima.

Ou o que sinto he embuste,
 Ou o que digo he mentira,
 Porque no viuer nam cabem
 Penas tam executiuas.

Despois de morto quem viue?
 E sem alma quem respira?
 Mal pòde animarme aqui
 Huma alma que tanto dista.

Morto estou em quanto ausente,
 Mas a fortuna inimiga
 Com apparencias de viuo
 A morte desacredita.

Em hũa ausencia, parece, que naõ pòdê
 fer mayores as ancias na continua fadiga
 de hũa memoria, & na impossibilidade do
 menor diuertimento; mas eu ainda assim
 julgo que obro pouco; pois executo as

finezas que os outros encarecem, & pôsto que no meu sentir he verdade o que nos outros lisonja, já do fingimento de muitos, se vem igualados os meus extremos, & sobre eu ter por desar de minhas ancias que o mayor encarecimento chegue a fingir o que a minha verdade sabe executar, como as frases da lisonja, & da fineza são as mesmas, se cuidará ou que o hiperbole dos outros iguala o meu sentir, ou que a minha magoa he tão bem encarecida. Da igualdade da explicação se poderá conjecturar o mesmo empenho no sentir. Que importa, que a verdade me desiguale, se a narração me não adianta? Mas a experiencia de que sempre desluzo as minhas finezas fará mais acreditada a relação do que sinto; & ainda que o dizer não encareça meus desuellos, como sempre os deminuo, tem os creditos da minha verdade, nam da minha eloquencia.

Qual sem a luz do Sol, vemos o dia
 Como vemos o Sol, quando eclipsado,
 Como parece o Sol quando nublado
 Qual jardim sem a sua louçania.
 Qual girasol està na noite fria,
 Qual o freixo do ramo despojado,
 Qual se mostra sem flores triste o Prado,
 E qual a Roça murcha a bizarria.
 Qual Relogio quebrado, seco Rio,
 Arpa sem cordas, ou Pouo sem gente,
 Qual sem vellas, & mastros o Nauio,
 Como corpo sem alma, qual doente
 Atropellado do mortal fastio
 Assim eu de teus olhos viuo ausente.

Poderà entenderse que encaréce suas
 penas quem dellas procura construir azas
 para voar á conquista de huma vontade;
 mas em mim bem conhecerà que nam
 he exaggeração quem me ouue que també
 te naõ obrigo em todos estes sentimētos,
 pois todos se fundão nas glorias que me
 rouba esta ausencia, os logros que perço

na falta da tua vista, & nam se crerà das
minhas atençoens que queira venderte
por lisonja a magoa das minhas perdas, &
a faudade das minhas mayores ditas, &
como nam faço merecimento do que sinto,
nam fica elcrupulo de que o represente
exagerado.

Nam desacredite as magoas em que vi-
uo nesta ausencia, podellas resistir viuen-
do. Abraza o rayo a espada sem offender
a bainha; assim a ausencia com ambiço-
ens de rayo abraza a alma desdenhando-
se de executar o golpe no corpo. He a
faudade achaque da alma, & como a alma
he immortal, nam a mata.

Todos se admiram que viua,

E ninguem sabe que morro;

He que as apparencias julgam,

He porque eu a morte escondo.

Bem se admirão se presumem

Que, viuendo a fé desdouro;

Mas eu bem a desempenho

Quem ama ausente está morto.

Acham que apartado dalma
 Nam pôde viuer hum corpo,
 Nam sabem que ha mortes viuas;
 E que matam sem estrondo.

Arranca hũa aruore o vento,
 E fica sem vida o tronco;
 Porém cercado de ramos,
 Com a mesma flor, ou pomos.

Como o vento de huma ausencia
 Da saudade o menor sopro,
 Me diuidio da minha alma,
 Fiquei da morte despojos.

Assim agora se em mim
 Se vem na pessoa, ou rosto
 Alguns indicios de vino
 São como na aruore improprios;

He que ainda nos alentam
 As memorias do que fomos,
 Sam do que fomos reliquias,
 Que nam são vitas socorros;

Aquella Rolla que geme
 Exequias de seu esposo,
 Se sente tudo o que viue;
 Nam he nam vi da o que he choro;

Quem sòmente no sentir
 Empenha os sentidos todos
 Neutral em suas acçoens
 Da vida, & da morte he monstroo.

Aquelle penhasco altiuo
 Deste valle Promontorio
 Gigante desta alameda,
 Padrasto daquelle souto.

Entre o musgo, que o guarnece
 Olha como todo he olhos
 Hum Argos, que por cem partes
 Vay chorando pouco a pouco.

Não tem vida? Não tem alma?
 E està chorando? Pois logo
 Nam conclue o argumento
 De que viuo; pois que choro.

Se o sem alma se não liura
 De sentir os amorosos
 Golpes de huma saudade
 Bem pòdem sentilla os mortos.

E tu meu feiuiço dalma
 A quem tam constante adoro;
 Que se mata a saudade,
 Me anima de amarte o gosto;

Nam cuides que nesta ausencia
Viuo mais que do soborno
Das esperanças do verte,
Que em tudo o mais he que morro.

Em amorosos extremos
A minha firmeza abono,
Viuento sò de constante,
E morrendo de saudoso.

4 Se minhas faudades puderam ser referi-
das com a valentia com que eu as sinto,
menos queixoso estiuera meu amor; por-
que se eu vira que as podia explicar, co-
mo as sei sentir, entã eu me empenhara
em as descreuer; mas como haõ de sair
tam desluzidas do meu dizer, deixo aõ
tempo que melhor as acredite no conhe-
cimento de todos, çobraram os lustres q̃
lhe rouba a minha rudeza; pois haõ de
admirar sempre a minha constancia triũ-
fante de todas as opposiçoens da fortu-
na;

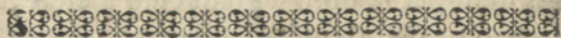
Mares da ausencia, ondas da saudade
 Embrauecido da fortuna o vento
 Contra meu amoroso pensamento
 Leuantam rigorosa tempestade.

Penhasco inconstaue l a vontade
 Requintes forma a fé no sufrimento
 E se he morte do gosto o sentimento
 Lisonjas sam as penas à lealdade.

Por mais iras que a sorte multiplica:
 A firmeza se apura nas distancias
 Mais acendrada a fé nas penas fica?

Em holocausto de amorosas ancias
 A minha adoraçam lhe sacrifica
 Magoas o coraçam, à fé constancias.





Bateria de bons olhos.



Ais distante está da terra o Sol, & obra nella grandes effeitos; ningué logo poderá estranhar que em menor distancia influão em meu coração com dobrada efficacia dous olhos que são dous Soes. A hum tempo gera o Sol em a mesma terra, as flores mais fragantes, & as mais asperas ortigas; não he logo muito que meus olhos ao mesmo tempo gerem em a minha alma as vossas luzes as vfanias mais gostosas de amaruos, & as mais desabrigadas penas de não veruos. Entre vanglorias, & magoas viue a alma indecisa; entregandose ao doce do sacrificio lhe poem embargos as ancias da ausencia; & se me queixo do rigor da faudade, deixo queixosa a vfanía da adoração; se vos culpo nos golpes que pato, falto ao empenho das glorias que vos

vos deuo, & se obro agradecido a estas ;
 acazaõ me de insensuel as penas em que
 estallo, com que a hum mesmo tẽpo quei-
 xoso, & agradecido nos proprios queixu-
 mes do sentido, enlaço os carinhos de a-
 moroso.

*Nam sei que diga a teus olhos
 Menina; porque os seus rayos
 Para rainhas são muy bellos,
 Para carinhos muy falsos.*

*Se me abraziõ de tam longe;
 Porque razõ hei de amallos?
 Mas como hei de aborrecellos
 Se são todo o meu regalo?*

*Como he aõto da vontade
 Este se por força os amo?
 Mas se eu os busco amoroso
 Sacrificio he voluntario.*

*Como hei de seruillos bem,
 Se me dão tormentos tantos?
 Mas hei de servir, que são
 Galès em que Jou forçado.*

*Porque hei de seruillos vendo;
 Que são negros, & eu mui branco?*

Sim, vendo que não mereço

De taes negros ser escravo.

Como hei de amar quem me tem,

Em continuos sobressaltos?

Vendo, que a suabelleza

Suauiisa os mayores danos.

Como rondo Borboleta

As luzes em que me abraço?

Porque huma morte luzida

Deixa hum coração ufano.

Como ameação tempestales

Postos em o Ceo dous arcos?

Contra os aluedrios querem

Com as armas conquistallos:

Como offendem os rendidos

Tendose por soberanos?

Porque penando mereção

Aventura de adorallos.

E como se nam sobayna

Da adoraçam obizarro?

São tributo os rendimentos,

E os trataõ como a vassallos.

Se tantos incendios vibração

Como tão frios os acho?

Sam pederneiras de Amor

Tem fogo para arrojado.

Como conquistaõ as almas,

Se dellas nam fazem caso?

Victimas nam se aproueiã,

Sò seruem nos holocaustos.

Se enfeitiçam vistos, como

Quando os nam vejo me abraço?

Sam rayos do Amor, & basta,

Que hũa ves sò toque o rayo.

Como tão liures se sãõ

De liberdades desmayo?

Naceraõ para senhores,

Todos para seus escravos.

Logo não tenbo justiça,

Por força logo hei de amarruos;

Sem que desta obrigação

Vos presumais obrigados.

Nam me poderei queixar

Quando vos encontre ingratos;

Pois se o que me não deueis

Pagardes fereis borrachos.

Sou Dom Francisco de Almeida

Vice Rey da India a caso?

*Pois que morro a mãos de cafres,
A poder de frechas, & arcos?*

*Mas seja o que for meus olhos,
Eu sei que hei de idolatrarvos
Tam extremofo na ausencia,
Como na presença v'fano.*

Meus olhos, nada me deueis na fé com que vos adoro; porque consistindo o merito no voluntatio, perde o merecimento a fineza, quãdo a vossa belleza faz preciso o rendimento Mereçeria premios a constança, quando o perseverar na vossa adoraçã, & o nam repetir outro sacrificio, fora primor da vontade, & não violencia de vossas luzes. Que montàra querer desuiar da vossa contemplaçã o pêfamento? De que seruirà intētar applicallo a outras prendas, se a vossa fermosura o prende? Se a vossa memoria o ata? Quando lutando com as ancias da minha saudade, com o desatino da magoa, tenho impulsos de desuiarme dos desuellos, sou como aquelle simples passarinhõ, q̃ prezo

no visço, mais se prende, quando mais batalha por soltar-se. Logo se quando eu quizer desuiarme, seria impossivel o liurarme, nada me deueis na fé que eu nam posso deixar de vos guardar. Naõ vos vêdo, causais em mim os mesmos incendios.

*Olhos queridos, & ausentes,
De todos olhos quebranto,
Sirenas dos coraçoes,
Dos aluedrios desmayo.*

*Se tambellos, como dais
As liberdades olhado?
Giluases das almas sois;
Mas contra os rendidos brauos.*

*Que abrazeis quantos vos vê,
Vai por seus passos contados;
Mas eu porque vos nam vêjo
Em mais incendios me abraço.*

*Os raios que vibraes sam
Ao reues dos outros raios;
Os mais abraço ao perto,
Vos mais abraçais ao largo.*

Aquelle a quem chega perto

O rayo fica assombrado;

Porém vos mais abraçais

Os que estão mais desviados:

O Sol nam faz seus effeitos

No Oriente estando no Occaso;

Vós estais lá no outro Mundo,

E cá me estais abraçando.

Sois malfaçejos que farte,

Pois tomais por desenfado

Estar despedindo setas

Tendo sempre teço o arco:

Sois certeiros à porfia,

Pois despedindo frechaços

Ao longe nenhum perdeis;

Todos acertam o branco.

Por mais luzes que vistais

Eu cuido que sois diabos

Meus olhos, que vos nam vejo;

E sempre me estais tentando.

Abraçase a Borboleta,

Porque em giros elevados

Amante de seu perigo

Busca na luz os desmayos:

Mas eu mais me abraço em vòs
 Quando de vòs mais me aparto;
 Tem a Borboleta o risco
 No perto, & eu no afastado.

Eu nam sei como dous negros
 Pòdem ser das almas branco?
 Mas sei que estou em Guiné
 De huns negrinhos sou vassallo,
 Ha palanques para os Touros,
 Loureiros ha para os rayos;
 Para o mal Frances ha salça,
 Para vòs nam ha reparos.

O golpe de veruos tem
 Hum sò remeio aprouado,
 He estaruos vendo sempre
 Tirando a triaga do dano.

Primogenitos do Amor
 Sois meus olhos que em morgado
 Tendes ser obedecidos,
 Lograis o ser a lorados.

Meus olhos com tanta fé
 Com tanto extremo vos amo,
 Que por mais, que me abrazeis
 Nos incendios viuo vfano.

*Por nam parecer vangloria
Tal vez finezas recato,
Que pôde crerse vaidade
Mais que empenho o a loraruos.*

*Tam ufano vos adoro,
Que escrupulos tal vez faço,
Que em todo o fino não cabe
A gloria de vosso escravo.*

*Medroso dos sacrificios
Que a vossas luzes consagro,
Eu do merito desisto,
Nam puxeis vòs pello agravo.*

Muitos haõ de cuidar, que hipocrita do bom gosto animo esta adoraçam por capricho, & tem razam em não fiar da minha escolha tam bom emprego; mas eu nesta adoraçãõ, nam acreditei o juizo, nẽ requintei o bom gosto, porque em vendo, a vossa belleza, sem esperar consultas do capricho, reparos do malogro, me obrigastes a amaruos, sendo este empenho mais violencia de vossas luzes, que sacrificio da minha vontade. Enõna a Filoso-

fia, que primeiro ha de ser conhecida hũa
 cousa, do que seja amada; mas eu cuido,
 que antes de vos conhecer vos amey; por-
 que sendo a hum mesmo tẽpo o veruos,
 & o amaruos, como em mim he mais de-
 stra a vontade que o entendimento, me
 persuado a que o affecto se adiantou ao
 juizo, & quando este formou o conheci-
 mento, jã a vontade hauia feito antecipa-
 do o emprego. Bem se vè que na vossa a-
 doraçãõ obra mais a vontade, que o entẽ-
 dimento; pois amandouos esta tanto, a-
 quelle vos não sabe descreuer.

*Meus olhos nam sei o que
 Da vossa belleza diga;
 Porque serà ser madraço
 Gauar a quem me enfeitiça.*

*Se digo que sam dous Soes
 As vossas bellas meninas,
 Vendo que agradam matando;
 Nam usarãm de caricias.*

*Se gostoso nos incendios,
 O meu coração se explica,*

Dirão que me fauorecem
Com as chamas repetidas.

Se me queixo de seus raios ;
A queixa será mentira,
Desluzirei no queixume
Dalma muitas vfanias.

Se digo que nas distancias
Vibram efficacias viuas ;
Nam quereram gastar luzes
Sendo as sombras tam queridas.

Se digo que ausente a alma
Finezas lhe sacrifica,
Diram que para adorados
Nam necessitam da vista.

Se digo que nesta ausencia
Mais a constancia se affina,
Quererão estar ausentes,
Pois à fé se multiplica.

Se digo, que nas memorias
Crecem as idolatrias ,
Entenderão que a presença
O mayor culto lhe arrisca.

Se digo que quem os vê
Toda a alma lhe dedica,

Diram que sendo tributo
 Quem os paga nam obriga.

Se digo que os alvedrios
 Violentam com bizzaria,
 Diram que nata lbe deuem;
 Pois os ganhaõ por conquista.

Se digo que o vellos sò
 A que os amem necessita,
 Me diram, que os sacrificios
 A força nam tem valia.

Se digo que o adorarvos
 Os bons gostos acredita,
 Diram que entam a vangloria
 Só deuedora lbe fica.

Dizei vòs o que quizerdes
 Olhos, que a fineza minha
 Empenhada nas verdades,
 Dos riscos se nam desuia.

A vossas sombras dedico
 As adoraçoens mais finas
 A constancia mais heroica,
 A fê mais extremecida.

Nesta ausencia tenho sempre
 As vossas luzes tam vivas,

Que todas minhas finezas,
As julgo de vós mui vistas.

Sempre me estais abrazando
Em chamas, sim tam actiuas,
Que como ardo tam ufano,
O gosto me resuscita.

Se a vossa ausencia me mata,
Vossa memoria me anima
Nos longes se afige a alma,
Nas esperanças respira:

Se padeço na saudade
Tam amo o sas fadigas,
Tudo, se vos chego a ver:
Mui recompensado fica.

Quanto soffo de molestias,
De confusões, & de lidas
Hão de ser merecimentos,
Para lograr vossa vista.

Teram fim os sentimentos,
Teram principio as delicias,
Que sò vendouos meus olhos
Pode esta morte ser vida.

Eu não fei meus olhos cõ que disignio

conti-

continuais tam porfiadas baterias, quando toda a alma està r dida   menor memoria vossa, & nam hauendo resistencias, he desperdiço de balas proseguir as baterias. Ainda que suspendais os rayos, naõ ser  possiuel desuiar de vossas luzes a menor idea, mas seja extremecimento meu, & nam violencia vossa, quem vos vir esgrimir contra mim tantas luzes, entender  que vos resisto às adoraçoens, & como as deuo   vossa bellezi, quereis executar por ellas o meu coraçam, quando elle s  respira nas vossas memorias. Deixai de repetir as setas para que vejais, que se naõ suspendem os sacrificios; mostre se voluntario o desuelo, nam se julgue violentado; que mayores efficacias ostentareis, vendo se, que sem diligencia vossa lograis as mesmas finezas. Tam viuos estais em o meu coraçao, que só os olhos acham menos as vossas luzes, que quanto   alma sempre se està abrazando em vossos rayos. Nam ha instante em que nam morra na vossa laudade, sem que a alma

espere respirações mais que da vossa vista.

Só a esperança de veruos puderã communicarme alentos para resistir os golpes de taõ viua saudade ; como he em mim continuo o desejo de restituirme a vossas luzes, tambem he continuo o pesar de nam as ver. Parece que cõpete a minha fineza com a vossa fermosura, sentindo nam lograruos, quanto vos sois mais para desejados.

*Ob quantas penas padeço
Ausente de vòs meus olhos,
Que tenho tanto de amante,
Quanto tendes de fermosos.
Lograua na vossa vista
A alma os alentos todos,
E vejo na vossa ausencia
Tudo sombras, tudo assombros.
Eu tinha na vossa vista
O requinte dos meus gostos,
Agora que vos nam vejo
Tudo pezares encontro.*

Na vossa prezença v'fano
 De vos amar v'nglorioso
 Viuia louco de amante,
 Viuia de alegre louco.

Agora na vossa ausencia
 Considerome taõ outro,
 Que a mim por mim me pergunto
 Desconheçame a mim proprio.

No custoso desta ausencia
 Mais as finezas abono,
 Mas he se crisel da fê,
 Tambem do tormento pot'ro.

Bem a constancia se apura
 Nos extremos de saudoso,
 Mas a grandes custos dalma
 Estes creditos os comp'ro.

Bem se acredita a fineza
 Nos realces de extremoso,
 Mas nos extremos de triste
 Bem os esmaltes desconto.

O que me acredita fino,
 Me desconjola choroso,
 O que me apura constante,
 Me conduz a quasi morto.

Meus olhos nada deueis
 A fé com que vos adoro,
 Porque deueis ser amados
 Com extremos mais heroicos.

Pouco vos amo, inda que
 Vos amo tudo o que posso,
 Como deuo amarvos mais,
 Ainda vos amo pouco.

Nam he desar da vontade,
 Serà do juizo oprobrio.
 Ella bem quer amar mais;
 Mas elle não sabe como.

Viuo tam desuaecido
 De me ver escravo vosso,
 Que julgo que nam mereço
 Ainda as penas que soffro.

Quando sempre nas fadigas
 Da saudade viua enuolto
 Sem vos ver, em vos amar
 Sempre ferei venturoso.

Posto que tantas finezas
 Na vossa adoraçam obro,
 Mais premios do que seruiços
 No mesmo adoraruos logro.

Amaruos he vfanía

Dalma, credito do gosto,

Sem que vòs agradeçais

Quem vos adora he ditoso.

Tal he a vossa belleza,

Que amala nam he soborno,

Antes tal ves o amaruos

Como delito o escondo.

Em tam geraes sacrificios

Que se vos fazem meus olhos,

Victima tam desigual

Vòs a tereis por desdouro-

Dos pezares que padeço,

E das saudades que choro

Serà cabal recompensa

Perdoarme que vos adoro.

Posto que na vossa ausencia

Em tantas magoas çoçobro,

Se desmayo nas saudades,

Nas esperanças me esforço.

Se no pezar do nam ver

A vossa belleza, morro,

Esperando que hei de veruos,

Cebra alma alentos novos.

Emprezas ha, que ainda no malogro acreditam. Pintou hum discreto a Enceladão empinando montes sobre montes para escalar o Ceo, & dizia a letra: *Empenhos tamanhos, basta o emprendellos*; o relevante da idea, o generoso da resolução, a intrepides do animo, gloriosamente recompensam o estrago das ruinas, & sam os desastres do mau successo, buris que grauaõ nos marmores da fama a vasta capacidade de hum coração, que excedendo as esferas de seu proprio valor, aspirou a emprender açoens tamanhas, que ainda o perderse nellas o eterniza.

As ancias que me tem custado o adoraruos; a tyrannia das saudades em q̄ morro, sam lisonjas para o gosto de amaruos. Quando me nam animara o vosso carinho, quando a esperança do lograruos, nam sobornara minhas magoas, nas desesperaçoens mesmas construiu os mayores creditos o meu gosto, & estiuera vana a alma nas ruinas. Dizem que a ausencia he Madrastra do Amor, & como tâ-

tas experiencias o confirmaõ, nam o que-
 ro eu negar, ainda que experimento em
 amorosos extremecimentos, quo nesta
 ausencia está mais requintada a minha fi-
 neza, mas serâ, q̄ como sempre vos estou
 vendo meus olhos, como estais tam viuos
 nas minhas ideas, lograis as efficacias de
 presentes, sem os riscos de nam vistos, &
 como a alma se nam aparta da vossa pre-
 sença, nos ruidos de ausente sustenta as
 constancias de quem assiste, como sempre
 os vejo naõ os posso esquecer; como se-
 pre me assistem sempre continuam as ba-
 terias.

*Em teus olhos minha vida
 Sou racional Borboleta,*

*Que apeteendo os incendios
 Os busca, ronda, & festeja.*

*Sou girasol, que amoroso
 Sigo as suas luzes bellas*

*Quando as vejo em vfanias,
 E quando as nam vejo em treuoas:*

*Sou Agulha que esse Nortes
 Busco com tanta obediencia,*

Que sem que tenha acçãõ minha
A sua luz sò me governa.

Teus olhos sam os meus Soes,
Que em mim a sua belleza
O ouro cria da fé,
Flores de cuidados gera.

São huns anzoes da minha alma,
Que a pos si contente a leuãõ,
Tam vfana da ferida
Que a elles de si se entrega.

Sam primeiro mouel que
Arrebatam as potencias
Tam docemente que nam
Formãõ do violento queixas.

São centro do coraçãõ,
Que sempre a elles anhela,
E sò està sem buscallos
Em quanto dura a violencia.

São a minha arte de amar,
Pois aprendo em suas letras
Da fineza, & da constancia
As mais extremos regras.

São minha arte de memoria,
Que tanto nelles se adestra,

10
Cristaes da alma

Que hum instante não succede,
Que de adorallos me esqueça.

Osteus olhos vida minha,
Sam do Lethes as Ribeiras,
Que em chegando às suas margens
Nenhuma cousa mais lembra.

De entre tam bizarros arcos
Os dispara amor por setas,
E com todas quantas tira
O meu coraçam acerta.

São Basiliscos do Amor
Não se ha de achar quem os veja,
E que nam fique rendido,
Porque os vio a vez primeira.

Sam os feitiços de Circe,
Os encantos de Medea
Nam ha Iassam, nem Vlises,
Que escape de suas tretas.

Sam grilhoens das liberdades,
E das vontades cadea,
Onde o Amor por justiça
Quer que as almas viuam prezas.

Mas ay de mim, que he delirio
O gastar tantas arengas,

*Teus olhos são os teus olhos,
Que nam ha cousa tam bella.*

Meus olhos, nenhũa cousa ha tam effi-
caz como a vossa belleza; todas as outras
violencias tem reparos, o calor do Sol;
& do fogo euitase no desuio, o frio tem
a resistencia na roupa, ou no fogo; â es-
pada resiste a anta, contra a chuua das ba-
las ha reductos; mas a vossa bateria sem-
pre executa os golpes; porque sendo o
remedio o desuio, ou o armarme, eu vos
descubro o peito, & como eu que hauia
de defenderme, estou da parte dos vos-
sos assaltos, todos se logram no mayor ri-
gor da minha saudade.

*Ah que Del Rey que me mataõ,
E quem me mata nam vejo,
Huns filhos da puta, huns olhos,
Tam maganos que sam negros.
Barrabàs leue os bribantes
Como elles vos sam frecheiros;
De tão longe tiram jetas,
E todas me dão no peito.*

Cristaes da alma

Quando os nam vejo me abraço,
E mais me abraço em os vendo,
Ou os veja, ou os não veja
São o meu continuo incendio.

Tam senhores requebrados,
Quando vistos tam izentos,
Nam vistos tam garridinhos,
Que em amor se troca o medo:

Cem tanto donaire as almas
Ferem estes rayos bellos,
Que por mais que os golpes sejam,
Muitos mais samos desejos.

Maganços de assobio
Quanto conquistam traueffos.
Sem fazer caço da caça
Fica por estes outeiros.

Pois pagar vos digo eu,
Cuidaõ que lhe estão deuendo
As almas que elles catinaõ
Cada hũa mil ao menos.

Mas tem razão os patifes,
Que eu quanto de mim confesso,
Que do fauor de roubarma
Mil nam foraõ desempenho.

Sam esmerilhoens ao longe,
 E sam pistolas ao perto,
 Quem lhe escapar ha de ser
 Sem gosto de bronze, ou cego.

Sahio hũa vez a Aurora,
 E esteue hum pouco suspenso
 O Mundo vendo que o Sol
 No Ceo se fazia esquerdo.

Chamou por elle a Aurora,
 Respondeo o Sol, nam quero,
 Que os olhos que adora Aonio
 Afrontam rayos de Febo.

Poz-se a caso em hum balcão
 De madrugada, em a vendo
 Toda a flor rompeo Capulhos,
 E toda a Aue foi quebros.

Tà (disse eu) nam he a Aurora
 Differam, bem o sabemos,
 Porém se ella traz dous Soes,
 Deuemselhe mais festejos.

Em hũa tarde de Julho
 Quando erão fogo os reflexos
 Do Sol, vio o Sol seus rayos,
 E ficou brusco em os vendo.

Mas eu ao reuès do Sol

Mais brusco estou se os nam vejo;

Porque elle foge os eclipses,

Eu as mortes apeteço.

Tam ufano de adorallos

Vino que sòmente entendo,

Que na pena de os nam ver

A gloria de os ver mereço.

Ella he grande sem razaõ , que simplex
Pinta filgo prezo na gayola de hũa ado-
raçam, esteja lisongeandõ o gosto de quẽ
me prende. Mais valera que a queixa me
mostrara sensiuel, que a raiua me accredi-
tasse apertado, que cõ praguejar os Mini-
stros das tyrannias respira a dor, & se des-
afoga a pena.

Olhos da Raquel mais bella

Nam foreis como os de Lia,

Que por liurar do quebranto

Eu vos dera quatro figas:

Nam foreis olhos do Sol

Para que de vòs fugira,

Porque em holocaustos machos
Nunca hei de queimar pastilhas.

Nam foreis olhos de couve,
Que os não como em toda a vida?
Entam nam se daua caso

Me fizesseis golosina,

Nam foreis olhos de coifa
Com todas suas preguinhas?
Que eu para vós vos deitara,
E nam vos tiuera à vista.

Foreis olhos da panella,
Que eu desde mui criancinha,
Como nunca fui mimoso,
Desses regalos me rira.

Foreis dous olhos de Alface
Com a sua cebolinha,
Que ahi com real & meyo
Eu bem enchera a barriga.

Foreis olhos de carneiro,
Ou de qualquer sauandija,
Que como me fazem nojo
Não me entrarão na barriga:

Nam foreis ao menos tortos,
Com seis, ou sete bellidas,

Que por me não enjoar
De vós desuiara a vista.

E em caso, que não quizesseis
Abater as bizarrrias,
Foreis Estrellas do Ceo,
Que não serieis tam lindas.

Foreis dous Ceos por azues,
Verdes esmeraldas finas,
Porém negros? Arrelàs
Escolheste a cor sinha?

Que foreis dous Basiliscos,
Que entã como vos nam vira,
Em os estragos dos outros,
Que fizesseis maravilhas.

Foreis embora do Amor
Duas grandes colubrinas,
Que eu me liurara dos riscos
Como as distancias medira.

Mas logo quizestes ser,
Dizeime duas meninas
Tam bellas como huns Alambres
De que as almas sam palhinhas.

Mas logo fostes dous Nortes,
De quem são agulhas fixas

Os coraçoes que em vos vendo

Se lhe reuoluem as tripas?

Logo acertastes a ser

Tam claras, & tam bonitas,

Que os que despojais das almas

Vos ficam deuendo as vidas?

Ora sede muito embora,

Que eu já venho a ter por dita

Hũa vez que me embebedo

O ser com tão boa tinta.

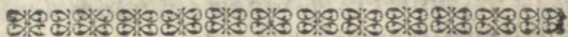
Meus olhos, nam he possiuel liurarme da traueffura das vossas luzes; porque como sempre me assistem, sempre me estaõ executando pellas mesmas finezas, estando á vista as causas, sempre haõ de resultar os proprios effeitos. Ferindo sempre o meu coração os rayos de dous Soes, sempre o haõ de abraçar; tendo no peito duas brazas do fogo do Amor, certo he que continuamente me hei de estar queimado, & como sei de mim que nũa hei de estar á sombra, nem desuiado do fogo; nunca espero verme liure deste calor, & destas chamas.

Soes que vistos no Ceo da fermosura
 Abrazaeis na vossa idolatria
 Nam vistos, como a vossa tyrannia
 O mesmo effeito executar procura?

Que quem vos vè se abraza na luz pura
 Que o resplendor de Febo desafia
 Recompensa serà d'essa vfanía
 Paga a alma tributos à ventura.

Porèm vòs olhos abraçais auzentes,
 E nã vistas as vossas luzes bellas
 Vibram na alma os incendios mais ardentes,
 Mas vòs meus olhos sois do Amor Estrellas,
 E as Estrellas sempre estão presentes,
 Posto qu os olhos nam mereçam vellas.





Piques de huma memoria.



Y mentiroso cristal, feitiço verdadeiro, a troco de huma alcaá que me roubastes, trouxe comigo hũa representaçam que me tyrannisa o que lá nam ficou. Que a esponja embeba em si o licor que recebe, he ardid para o conservar. Que na carta de marear se estampem os baixos em que se perdeu o Piloto inadvertido, he para que os outros se não percam; mas que meu cuidado embeba em si as memorias que o atormentaõ que com a pena do desuelo em o papel da imaginaçam descreua os perigos em que fatalmente ha de perderse? He sem razam tyranna, he tyrannia desarezoada. Ouue quem se costumou à peçonha para que a peçonha lhe nam fizesse mal; mas ay que a minha memoria alimentasse da mesma representaçam, que lhe ha de tirar a vida.

De muitas eruas faz á medicina triaga çõ

tra a peçonha; mas o meu desuelo busca
 continuas memorias para dellas fazer pe-
 çonha. Que a memoria abraçe os gostos
 para se recrear nelles, serà deseriçam que
 sam tam poucos os da vida que para que
 se logrem muitos he necessario que a re-
 presentaçam os multiplique, que se recor-
 de do que padeceo, para fugir semelhan-
 tes perigos, fora prudencia que sò a lem-
 brança do mal sabe dar estimaçoens ao bẽ;
 mas a minha memoria toma por recrea-
 çam o reuoluerse em seus mesmos peza-
 res, sem que seja com animo de os ata-
 lhar. Tam longe está de lhe cortar as rai-
 zes que as rega para que creçam.

*Memorias não me deixeis
 Posto que de vòs me queixe
 Morrerey sem que vos deixe,
 Se me deixais matarme eis.*

*Memorias não repareis
 Em que a vida me tirais;
 Antes vòs ma melhorais;
 Não ma tirais; isso he dalla.*

No meu desuelo he logralla
Agora a estimo eu mais.

Melhorada, & não perdida
Tenho a vida de tal sorte,
Que a vida atéqui foi morte,
E já agora a morte he vida.

Se em este amor renacida
A consideralla venho,
Se o viuer no querer tenho
Em quanto quizer viuer,
Hei de empregarme em querer
Idolatrando este empenho.

Oh não me desmintão nam
Minhas queixas repetidas
Sam da lingua referidas
Sem sabello o coraçam.

A furto (sim) da razão
Saem desencaminhadas,
Sam da magoa articuladas
Humecho são do que sinto,
Ouueas Amor, & as desminto
Com finezas abonadas.

Em a alma a fé se apura;
E no infeliz se acredita

Sim, que bem hũa desdita

Hũa firmeza assegura.

Amar hũa fermosura

Sem me esperar admitido

Extremo he de amor luzido,

Bem me acredita de amante

Jurar morrer de constante

Sem viuer de respondido.

Sem que a mais ventura aspire

Quero só morrer de fino,

Que n'um pòde ser mo fino

Quem por tal causa suspire:

Não haue à quem me tire

A vangloria (sim) do amar

Tal prenda, que o adorar

He paga do padecer

Sim, que aplaude o merecer

O capricho do penar.

A minha estrella agradeço

Guiarme por tam bom rumo

Sim, que ainda assi presumo

Que o desuelo não mereço.

Se obrigado ao que padeço

Os extremos multiplico

Mais empenhos justifico;
 Se he gloria o sentir, & amar
 Quanto mais queira, & penar
 Tanto mais deuedor fico.

Continuemos memorias, posto que se-
 ja esgotar os feitiços. He o coraçam me-
 lhor Astrologo, & em seus aluoroços tão
 antecipados, pudera ver a figura que le-
 uantaua de meu emprego. Disfarçouse
 amor em lastima, & passou a ser adoraçãõ;
 bem pudera eu aduirtir que quem se dis-
 farçaua vinha com animo de offender.

Estaua de silada Amor em huns olhos
 tam executiuo, que a nam serem elles o
 sagrado da fermosura, o puderam prender
 por saltador. Nunca vi tamanhas as for-
 ças de Cupido; mas he que fazia a guerra
 com os rayos de dous Soes mais bizattos;
 cuja efficacia desfazia os diamantes co-
 mo a cera. Em mudas resistências porfiou
 a alma por escapar de seus laços, mas em
 doces palauras foi bebendo mayores fei-
 tiços, ainda que descreçoens como ma-
 rão

tão ao ouvido, fazem os delitõs em sé-
gredo; nam se sentem os golpes quando
se executam, senam quando se recordaõ,
sam mais executiuos os assaltos do entẽ-
dimento, que os da fermosura; porque
põdem os olhos entreter o emprego va-
riando o objecto; porẽm nam pòdem os
ouvidos fugir à descriçã, o agrado dos
olhos pòde vencerse no retiro, mas as ra-
zoens que enamoram o entendimento,
logo a memoria as estampa em a alma:
Os olhos tem meninas, & como estas nũ-
ca sam firmes, nam he mui seguro o seu
rendimento, o ouuir he a estancia da fé,
& assim prometẽ mais firmeza. Os olhos
seguem o que lhe agrada; o entendimẽto
vne a si o que lhe contenta, & mais se-
guro deue estar o que em mim tenho, do
que aquillo que fóra de mim busco.

Ou o amor seja emprego da alma, empe-
nho da vontade, achaque do entendimẽ-
to, ou agrado dos olhos, sempre he acer-
to amar o melhor; porque já que deslu-
zamos o que sò em nós nasceo para ser li-

ure, fogueitando a outrem, he bem que recompensemos este desar em o superior das prendas que amamos. No indigno de hum emprego, desacredita-se a alma no ajustarse a menores prendas, a vontade no rendimento, o juizo na escolha, os olhos no agrado. Assim o entendi sempre; porém amar o que se nam espera lograr, & o que se nam pôde estoruar que outrem logre; nunca pôde ser acerto, & a ser o amor escolha do entendimento, como violencia da fermosura, sempre ouuera de julgar desacerto grande dar a alma a hum impossivel, & sacrificalla a hum ciu-me; he comprar huma breue vangloria a troco de grandes martyrios. Este discurso me fez batalhar algum espaço com meu desejo, ou eleuado no que via, nem ainda para sacrificarlhe a alma parece que me podia diuertir:

Brinco de cristal, feitiço de neue se mō-
straua hũa maõ traueffa. Ouuera de pre-
sumilla hum ramo de cinco jasmins, huma
açucena, ou obrada ao torno de brunhi-

da prata, se eu tiuera visto jasmins cõ tanta alma, açucena com folhas tam delicadas, & prata tam tersa; mas era tam superior a sua perfeiçam, que a nam ter perto outra com quem só podia compararse, cõ mais razam se pudera chamar orfa do q̃ a perola do Castelhana tam celebrada; vi que era hũa mão em quem a natureza lançou o resto das perfeiçoens; hũa mão que a todas as mãos dava de mão; mas ay que foi hum Basilisco que affestou amor para render a minha liberdade, que para abraçar coraçõens izentos, em a neue sabe amor acender fogo. Hidropico destes feitiços, era sede o que deuia ser recato, sentia abrazarme, & presumindo neue a mão que via, foi incendio o que busquei aliuio. Tremeo a mão achando brazas o que via flores. Assim o mar se representa espelho cristalino a que póde alinhar-te quem o vé, mas aquelle que inaduertido se fia de suas apparencias, acha ondas que o sepultam, o que cuidaua cristaes q̃ o lisongeauaõ. Assim o Sol alegra com a

fermosura de seus rayos; mas quem se che-
ga a elle de mais perto, acha o resplendor
ruina, morrendo a violencias de huma luz
que lisongeando ao longe, ao perto ma-
ta. De hum biçinho humilde nasce a bor-
boleta, & a penas se vê com azas, quando
se atreue a remontar os voos, enamorada
da luz de huma vella a galantea fina, acer-
ça arrojada; eleuada em aquelle flamante
globo que a illustra, desatende ao ardor
em que se abraza; arrebatase ao lustroso,
& morre no ardente. Assim eu, ô maõ cri-
stalina, enamorado de apparencias taõ bel-
las rondei o mayor perigo, arrebatoume
a neve que via, & abrazeime no fogo que
occultaua. Assim o monte Etna de Sici-
lia cuberto de neve vomita chamas. Asi-
sim a pederneira, parecendo huma pedra
fria despede rayos. Ay de mim! Ay de
mim, que o nam aduerti entaõ para o sen-
tir agora. Mas ay como me mostro quei-
xoso do mesmo de que estou agradeci-
do? Como culpo o q̃ me arrojey, se por
repetillo agora deira a mesma vida,

Que simples Pintasilgo
 Em hum raminho posso,
 Sentindo o visco nelle
 Nam se passou a outro.

Ha Rouxinol que vendo
 O laço de que solto
 Se vio por dita grande
 Nam se puzesse em cobro?

Ha quem colhendo flores,
 Vendo nellas enuolto
 O Aspid nam fugisse
 Com a mão de medroso?

Quem de hum fogo liurando
 A diligencias morto
 Se poem no mesmo instante
 A assoprado logo?

Sò eu (amada prenda)
 Ao mesmo risco corio
 O proprio visco busco,
 Ao mesmo ramo torno.

Sò eu Deidade bella
 Ao mesmo laço volto,
 Com mayor desatento
 Me entrego ao Aspid proprio.

Sò eu desuelo dalma
 Mais simples, ou caprichoso
 Antes que o fogo morra
 Os incendios assopro. ~~Sig. F. 1. 2.~~
 Mal escapo dos riscos
 Quando os riscos renouo,
 Abraçando a memoria
 O que dista dos olhos.
 Sendo a neuê remedio
 Do fogo para todos,
 He para mim sòmente
 A neuê isca do fogo.
 Perde a essencia fria
 O cristal enganoso
 Para mim, & me abraço
 Quando esse cristal toco.
 Mas ay suaue engano,
 Pois com elle posso
 Em fé do que logrei
 Fazer ao mal soborno.
 Ay, & quem repetirà
 Aquelle breue gosto
 Se fim da liberdade
 De meus suspiros logro.

Eu me quiz enganar, os olhos nam me enganaram; porque a ser neue a mão que via, já dous Soes que tam perto estauam, a tiueram derretido. Oh que estaua Taful, & vendo o ganho certo, em hũa tam bizarra mão lancei todo o resto da alma, & por não me ganharaõ huns olhos com quem eu já tinha perdido a liberdade. Oh fermosos Soes do Ceo da fermosura, que ao mesmo Sol matais de inueja, & ao Amor de amores. Daim licença que vos culpe de ociosos, quando vos abateis a tam humildes prezas. Fazei ostentaçam de vossas luzes, contra as Aguias mais Reaes, que queiram examinaruos os raios, & nam contra quem nam se atreue a vos olhar, renhindo desejos, & desuiando pensamentos, sim que julgo ainda o sacrificio arrogancia, o arder atreuimento, & o aspirar à morte tam luzida, soberba deslumbrada. Nam merece os rigores quem à primeira vista vos prostrou adoraçoens, & se resistio foi de cobarde, não de obstinado. He tyrannia grande que lan-

ceis

ceis mão a cinco setas de cristal, para atropelar a hum rendido. Mas ay que vos não duuidastes o meu rendimento, nem o quizestes affegurar com nouas forças; foi dar-me a mão, para que eu atreueffe de sejos, & alentasse esperanças; foi estamparme em a alma vossas armas para que a conhecessen todos eſcraua vossa. Mas ay neste dizer parece que desconheço o que sou, & que me nam lembro do que valeis. Como se puderam honraruos tam humildes sacrificios. Não importa que leuem almas para que consigam estimaçoens; porque a vossa fermosura, que victimas itam sem alma, ou que alma nam serà victima sua? Ay de mim, atèqui me atormentaua não merecer vossas prendas; agora já começa de affustarme o hauer de merecellas outrem. Teue razam quem disse que era o ciume fumo do amor, que como o fumo sempre mexerica o fogo, assim o ciume sempre explica o amor, & se o ciume he fumo, já nam estranho o effeito que em mim faz.

A quem dà o fumo nos olhos, que o nam
faça chorar? Nam entendo que o ciume
he filho do amor, como o dizem muitos,
irmão sim; nam nasce do amor, que da
gloria nam nasce o tormento, nasce de-
pois do amor. Quem ha de amar, que não
tema perder o que ama, & mais quando
se vê indigno, & não se espera fauorecido.
o certo he, que não corta bem o amor, se
não se dà hum fio em o ciume, & como
disse hum discreto, amor que não chegou
ao ciume, não chegou a ser amor, & o que
chegou ao ciume passou a ser inferno. En-
tre os empregos d'alma, as desesperaçõs
de admitido, & os receos de outrem ser
venturoso, batalho com minhas ancias
sem aueriguar se hei de viuer de amante,
apurando as verdades no segredo; se hei
de mostrarme fino na ostentaçãõ de meus
sentidos, ou se hei de morrer de ciolo:
Viuer de fino, & morrer de secreto não he
impossivel, quando a esperança não alen-
ta pertençoens; mas tem a alma seu mo-
do de vangloria, & quer que se veja a ga-
la

la de que se veste para desquitar no acertado do emprego o impossivel do favor. Dizer o que se sente, he confissãõ escrupulosa, parece que tem mais de pertençaõ que de fineza, & neste meu empenho, todo meu amor he respeito, nada esperãça. Explicar ciumes, he sò permittido a favorecidos, sim, que he taõ custoso o declarallos, que sò os deue explicar, quem os espera satisfeitos; quando a correspondencia nam os ha de serenar, mãda a prudencia que se occultem. Demais que recatando pensamentos porque se nam entendam pertençaõs, mais deuo occultar ciumes para que não se entenda que sam memoriaes do amor, em que sempre mais pede satisfaçoens do que allega queixas; pois para as ver satisfeitas as repete, o ecco he agravo, mas a sustancia he rogo.

Doce encanto de meus sentidos, suaue laberinto de meus pensamentos, adorote com tantas veras, que quando a alma vã-gloriosa deseja romper em confissõens, o teu respeito as atalha. Se vai a conceber a fantasia,

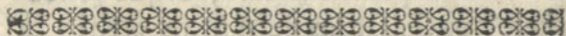
fantasia, a menor sombra de esperança, a razam a desuaece, nã fora cordura mallograr verdades de huma alma por lisongear enganos de hum affecto; quando me matão receos de que queiras a outrem, occulto meus pezares; porque nam presumas que aspiro a teus fauores a titulo de extremo, que só quererte quero, dando amantes idolatrias em agradecimento do que logrei, que para ser estimada, nam era necessario que a vontade a dispensasse por fauor, basta que o acaso a lograsse para timbre de minhas fortunas. Em a tua mão teràs sempre a minha alma, como victima que continua os sacrificios, como Borboleta, que busca os mesmos incendios. Nam temas que o fogo em que se abraza a alma te derreta a neué; pois em mim experimentalte que de neué sò tem as apparencias.

Em mudas idolatrias a esta memoria sacrificarei todas minhas memorias, sempre alegre, como sempre teu. Não implica contradição viuer hum triste alegre:
 Aquelle

Aquelle acipreste, sempre está verde, & sempre está triste. Alegre por teu escrauo, & triste por indigno de tuas prendas. Serà o meu viuer hũa alegria triste, huma tristeza alegre. Ves aquella aruore que abraçada com a Era que a cerca, a sustenta galante; pois essa Era lhe ha de tirar a vida, he ruina o afago. Bem sei que este amor que se arrima â alma, he a Era que ha de consumilla, mas que importa, se ter ruina de teus olhos, estrago de tua fermosura sempre ha de ser para festejado. Ves aquella ribeiro, que risonho corre sem q̃ repare em os seixinhos que lhe querem embargar a pressa, vai a regarem esse valle huma flor que ama, & corre tam cego de amante, que não repara em que primeiro se despenha em humas lagens, padrao de sua fineza. Ribeiro he meu amor que corre ao precipicio, quando corre ao alarde de seus extremos. Viste vapor grosseiro, que desdenhando sua humildade, se atreue a subir ao Sol, & quando mais procura tecerlhe gatinaldas, lhe fabrica nu-

uens? Quando mais se consultaua Estrel-
la, morre exhalaçam, pois he hum retra-
to viuo do meu pensamento, que desco-
nhecendo as limitaçoens da minha fortu-
na, se arroja a adorarte, & foi offenderte,
cuidou que construia sua melhor fortu-
na, & os rayos de teus olhos lhe abatem
as presunçoens. Subio ousado, & baixa
desuaccido, remontouse altaneiro, & cae
castigado; aspirou a tuas luzes inueja de
amantes, & morre excarmento de atre-
uidos.





Incredulidade na certeza.



E o fauor que se faz nam se merece,
 A ventura no logro se duuida,
 E nas lutas de ser ou nam ser crida

O gosto de entre as mãos desaparece.

Qual sonho que passou, se desuaece
 Como sombra que foge se he seguida,
 Qual faisca no ar introduzida
 Que ides a vella, & já nam aparece:

Hum fauor da verdate assegurado
 Como dà sobressaltos de não crido
 Desmentindo os seguros de alcançado?

Mas ay como ha de creerse concedido,
 Como se ha de esperar seja logrado
 O que de nenhum modo he merecido?

NAs traueffuras de huma fantasia, nos
 enganos da idea se achaua crido este
 fauor quando a semrazão o negaua, &
 agora que a fé o assegura o não creio. He
 desfi-

deficil de expellir o habito, porque procede da continuaçam de muitos actos, & estes repetidos o fazem como natural; a desesperação deste fauor como se gerou de muitos desdens continuados, a repetição dos desenganos a fez como natural, & assim nam he muito que seja mà de expellir. Che a huma redoma de hum licor, primeiro a hão despejar do que tem, para que possa receber outro licor. Cheo o coração das magoas do desengano nam cabem agora nelle os aluoroços deste fauor; para que esteja capaz de o receber, primeiro hão de fair as magoas que o occupão. Tendo em hũa gaueta hũas luuas de ambar, ainda que as tirem, ficaõ nella por muito tempo memorias daquella fragrançia. Como o desengano occupou tanto tempo a interior gaueta do coração, ainda q̃ agora tiré delle o desengano, por muito tempo hão de durar as suas memorias. Como o que primeiro se aprende nunca esquece, porque a memoria abraça tenaz as primeiras letras que nella se escreuem.

Como as primeiras liçoens que tomei do teu desuio foirão desesperaçõs de lograr o teu carinho, como as primeiras letras, que se estamparão na minha memoria foirão os protestos com que o teu desdem me intimou de enganos, não me pòdem esquecer, nem agora que já me asseguras o teu carinho. Aquelle que vio hũa fantasma, fica por muito tempo embaraçado sem poder resoluerse em que foi delirio da fantezia, ou verdade do successo, porque como os nossos olhos não estão feitos a semelhantes vizoens, as estranha a vista por extrauagantes, & a alterão como não ordinarias. Tratei como a fantasmas as esperanças deste fauor, como extrauagãtes, como nũca vistas as estranha a alma, não sabẽdo se as ha de estimar por verdades, ou çrer que são delirio do desejo. Neutral entre os aluroços do logro, & os medos de q̃ seja engano proprio, viuo indeciso sem aueriguar se ha a alma de agradecer ao Amor esta dita, ou se ha de queixarse desta burla que lhe faz a fantezia.

Com incredulas certezas
 Entre aplausos, & receos,
 Creio aquillo que duuido,
 Duuido aquillo que creio.

Em os affectos neutral
 Quando esta promessa vejo
 Na verdade assegurado
 Duuido sò do que leo.

Na firmeza da palaura
 Todos os seguros tenho,
 Mas constante nos seguros
 As seguridades temo.

Eu bem leyo este fauor
 Estou na palaura certo,
 Mas quem me diz que nam finge
 Estas letras o desejo.

Bem constiuo estas razoens,
 Bem o seu sentido entendo,
 Mas a fantazia, nam
 Engana o entendimento.

Nam padece a vista enganos?
 Esse Ceo azul nam vemos?
 E não he Ceo, nem azul,
 Senão da vista embelleco.

Não cuidamos que he Estrella
 Que cae do Firmamento,
 O que he sò exalaçam,
 E dos olhos deuanco?

A vista nam se presentam
 No mar quebrados os remos,
 E examinada a verdade
 Nam os a;hamos inteiros?

Pois quem me assegura a mim
 Que na n me succede o mesmo?
 E que he engano da vista
 O que cuido que estou vendo?

Chimeras da fantezia
 Sam estas letras que vejo,
 Visto se està, pois o gosto
 Pode caber em o peito.

Se os espiritos unidos
 Recolhendose ao seu centro
 O coraçam nam sufocaõ,
 He que ignoram o successo.

Se nam rompem em locuras
 Os alvoreços he certo
 Que a alma ignora o fauor,
 E nam chegou a sabello,

Que de aquellus vfanias
 Que prometta o desejo
 No logro? de embaraçadas
 Nam sabem darse a conselho.

Em confusas suspençoens
 Paraõ do gosto os protesto?
 He que està o gosto em calma
 Esperanão melhor vento.

Como a vozes, como a gritos
 Este fauor nam festejo?
 He que cuidando que sonho
 Estou vendo se disperto.

No logro das esperanças
 Nam tem as ancias socego?
 Em quanto os embargos correm
 Hão de correr os desuellos.

Como com sustos batalho
 Quando to to o susto venço?
 Monta o mesmo que nam ser
 O que eu ainda não creio.

Dada a sentença por mim
 Ainda o despacho temo?
 Se Amor concede a reuista
 Todas as venturas perco.

Vencido o Dragão de hum nam
Vfano nam corro ao premio?

Se eu cuido que nam venci
Como hei de acabar o pleito?

Se tenho chegado ao porto
Para onde he que nauego?

Para crer o que duuido,

Que não he golfo pequeno.

Se este despacho era o tudo,
Que mais ventura pretendo?

Que me confirme o carinho

Para que então possa crello.

Sobressaltos da minha alma

Eu já de vòs nam me queixo,

Antes os vossos combates

Do aplauso sam os esmeros.

Sois medidas do aluoroço;

Sois os contrastes do preço

Deste fauor; sois em fim

Da estimaçam juramento.

Nas duuidas acredito

Do gosto o maior extremo;

Que he tamanho que nam cabe

Na breug esfera de hum peito.

Dizes (feitiço de meus sentidos) que sempre na tua vontade haõ de estar muito viuas as memorias do meu amor, & que nos carinhos do teu cuidado teram sempre amorosa satisfacão as minhas finezas, & os agasalhos que eu faço a esta ventura, he não a crer. Não o estranhes, que como eu tantas vezes fiz esta mesma promessa ao meu coração, & nũa a logrou, não quer agora crer esperanças que nunca se lograrão. Aos Alemaens que entraõ em Roma, os persuadem a quantas pata-ratas querem; mas excarmentados na repetiçam de tantos enganos, depois de nenhum modo crem huma só verdade de quantas lhe dizem. Magoado o meu coração das repetidas lisonjas com que eu tanto tempo o trouxe mais louco do que entretido, não quer agora crer as verdades que lhe intimas, sem discorrer a diuersidade das promessas, que eu nam podia cumprir o que prometia, & tu podes satisfazer o que alleguras; mas este he o estylo de todas as emendas, carregartanto a
mão

mão nas cautellas, que querem impedir o ilicito, que vem a fazer dano tambem ao que he licito. Medroso dos herpes corta o Cirurgião pella carne saã. Temendo o coração os herpes de hum engano, se acautella contra as mesmas verdades, & corta pella parte mais saã de hũa fineza: que hauendo o coração agasalhado com tão indifucis aluroços as esperanças que lhe inculcaua o meu desejo, sendo delirios da fantezía, & que agora se nam aluroce com as certezaas que lhe assegura o teu carinho? Si; porque tem já perdido a fé que tinha com as esperanças.

Nos apertos de huma dor, protesta o Medico que a ha de aplacar cõ a applicação do remedio que lhe faz, & com estes proprios seguros passa a aplicar outros. Os dous primeiros tomamos nós com muito viua esperança do desafogo do achaque; mas desuaecidas as primeiras certezaas tão encarecidas, perdemos a fé às medicinas, & se as continuamos he por se a caso alguma aproueita. Recebeo o coração com

as mayores vñias as primeiras esperan-
ças que apliquei ao achaque da sua descõ-
fiança, desuaeceraõse todas, perdeo a cõ-
fiança que nellas tinha, & assim agora re-
cebe estas sem anticipar os aluoroços, es-
perando o successo, por ver se acato se lo-
gra. A quem colhemos em huma mentira,
não cremos nem verdades. Se alguem
entre o dinheiro que nos dà mete huma
moeda falsa, ficamos acautelados temen-
do que todas as mais sejam falsas. Como
introduzi no coração tantas mentiras da
esperança, tantas falsidades da fantezia, não
me creõ agora as verdades, teme se agora
das certezas. Não te offende logo o co-
raçam no que duuida, porque elle nam
forma os escrupulos no valor do teu di-
zer, senão no credulo da minha fantezia.
Se tu lhe intimaras esta dita com as maio-
res vñias, rompera de alegre em locu-
ras. Não se fia na minha vista, nam quer
crer a minha construção, teme que o de-
sejo haja trocado as letras que o interes-
se neste favor o assegure, porque lhe im-
porta,

porta, & não porque lho prometem. Ex aqui as incredulidades em que se acha o meu aluoroço, nas certezas deste fauor, ou não crerá o coração que sendo tu tão discreta, hajas de errar os empregos, como nos teus desuios vio que conhecias o valor do que negauas, não pode persuadir-se a que baratees a hum rogo o que negaste a huma adoração, que ainda que estas cegueiras tem a desculpa no Amor, como tu tanto tempo procedeste tão lince nas atençoens à grande valia de teus fauores, & ao indigno de meus sacrificios, não cre que erre a olhos abertos, quem sempre os teue tão claros no conheciméto.

*Se esta ventura fora merecida
Como sempre (meu bem) foi suspirada,
Eu creia que podia ser lograda,
Porque entam fora à minha fé deuvida,
Como foi tantos annos resistida,
Como ha de crese agora assegurada?
Quando para a lograr vem a ser nada
As maiores finezas de huma vida.*

Semprentas hei de ser tão venturoso?

A tanta gloria posso persuadir-me,

Sò por amante, sò por extremo?

Mente a fortuna posto que o confirme

Nam cito nam; que o ser eu tam ditoso

Nos meritos nam cabe sò de firme.

Dizem que se c'è facilmente o que se deseja, serà quando o desejo, viue entre as lisonjas da esperança, & não quando se acha oprimido do desengano. Como o gosto persuade o que se apetece, com facilidade se crè que haja de lograr-se o que se considera que ha de conseguir-se; como a propria conueniencia inculca as razoes da confiança desuiãdo os temores do desvio da se credito ao que se prezume, crè-se que succeda o que sempre se està imaginando que ha de succeder.

Como os interesses da vontade arrastão os discursos do entendimento, a vontade empenhada, & o juizo persuadido a que ha de ser o que deseja, primeiro se crè do que succeda, mas quando o desejo està a-

tropellado da desleiperação, quando a esperança hauendo e lgotado os prazos que hia dilatando, tendo gastado as balizas q̄ hia pondo deixou de ser esperança. Quando a vōtade desenganada não tē efficacias para persuadir, quando o entendimento tem tantos exemplos das esperanças, tantas vezes desuaecidas não deue ser facil crer o que se deseja: A repetição dos mallogros faz grandes escrupulos; nem basta que as esperanças que este fauor intima tenham mais firmes os alicerces, pois na q̄ eu me asseguraua o interesse enganaua a fantezia. Eu mesmo para desafogo das ancias buscava a breue respiração que me inculcaua huma idea, podendo eu introduzir esta chimera que nunca passaua de engano da fantezia, não lhe podia dar satisfação, & que agora me assegura as ditas quem pode coroalas do bom successo; porque ainda que nas realidades sejaõ tão mais firmes os novos fundamētos desta esperança, tambem na minha inculca todas as esperanças se representauão bem fun-

fundadas, & que em persuadir que era infaliuel o logro. Não pôde logo bastar o melhor fundamento nas realidades, se nas vozes todas forão sempre bem fundadas. Nas primeiras quedas não se defengana o lutador robusto, dellas se levanta cõ novos espiritos para os desquites, cõ mayor ardimento para as lutas, mas depois de muito atropellado, depois que com as forças perdeo as esperanças, quando totalmente descaido do animo ferà em vão incitalo nouamente. Nas primeiras occasioens qualquer palaurinha construida em meu fauor armava lutas com ambiçoens de vitoria; mas recebidas tantas quedas, desmayado o brio, perdidas as forças em vão quero meter a esperança em nouas lutas. Facilmente tenta o soldado ardiloso meter hũ auizo em a praça cercada; mas depois que baldou todas as diligencias, depois que se esgotarão os estratagemas, atropellado do defengano não torna a entrar em outras fadigas. Em quanto me alentaua a esperança do logro, em quãto

eu entendi que os ardis do Amor, & os meritos da fineza podião coroar de triúfos as minhas instancias, as continuaua tantas vezes repetidas; mas desenganado de que o Amor não tinha traças, efficacias o rogo, nem a fineza valia, como hei de ter animo para de nouo tentar as veredas em que sempre me perdi. Empenhado o Piloto em dobrar o Cabo da Boa Esperança, em quanto espera vencer a braueza daquelle golfo, se aventura, & se arrisca, mas se excrementado em seus proprios naufragios sabe que se perde quantas vezes se atreue, quem ha de obrigallo a que de nouo se arrisque? Muitas vezes por tomar o cabo desta esperança me perdi entre as ondas do desdem, & o vento da sem razão, & assim agora he tão difficiloso tornar a buscar a esperança em que tantas vezes naufraguei. Em quanto a Rapoza entendeo que podia chegar às vuas que apeteçia golosa, afadigauase pellas colher, mas como aueriguou que não podia darlhe alcance, acomodouse à confide-
ração

ração de que estauão verdes. Em quanto eu me persuadi a que minhas finezas podião conseguir o premio deste fauor, empenhei todos os extremos da alma na sua conquista, mas vendo que sem merito a adoração, sem dita a constancia, não era possiuel logralo, me acomodei à consideração de que o não merecia, & como tanto se entranhou no coração o ser impossuiel este despacho, por mais que faço não posso agora persuadir-me a que sobre possiuel me está já prometido.

Quando leo esta promessa

Eu quero crela, & nam posso,

Que a alma nos sobressaltos

Diz que lhe mentem os olhos.

Para se crer huma cousa

O desejo he o soborno,

Mas em mim faz que nam crea

O grande empenho, do gosto.

Ackarte a si carinhosa,

E verme a mim venturoso

Para sucedido he muito,

E para sonhado he pouco.

Esta evidencia da vista
 Crem os sentidos que he sonho,
 E temem que despertando
 Achem caruão o thezouro.

Em hum laberinto estou
 Prendome em quanto discorro
 Sendo a palavra infalivel
 Acho impossivel o logio.

Batalhão no coração
 Os sustos, & os alvoroços;
 No que me prometes viuo,
 E no que duuido morro.

Dividindo as letras todas
 Bem huma a huma as destronco,
 Mas quando as junto nam creio
 O fauor que nellas formo.

Leo, & fico assegurado,
 Porém mal o papel dobro
 Quando enuesti to do susto
 Outra vez a nam crer torno.

Sem duuida que perdido
 Tenho a memoria de todo,
 Pois do que estou sempre lendo
 Me estou esquecendo logo.

Em cuidava que logrando
Este carinho amoroso
Em alegres vfanias
Ficara de alegre louco.

Mas achome tam cezudo,
Que as vfanias reporto
Tam alheio do que leo,
Que o mesmo que vejo ignoro.

Deue ser porque na esfera
De hum coraçam, nam sei como
Seja possiuel que caiba
Hum tam indisiuel gosto.

Conbe o desejo he verdade,
Mas em espaço tam pouco
Como o logro não cabia,
Nam entrou o aluoroço.

Os eccos deste fauor
Tam sem novidade os ouço,
Que o coraçam nam se altera,
Por que o tem por fabuloso.

Quando o negaua o desdem
Enganauame a mim proprio,
Nos ensayos de logrado
Buscaua o meu desafogo.

Agora que me assegura
 O Amor, esto u tam tonto,
 Que crendo o que me negauam,
 Nam creio agora o que toco.

Delirios da fantasia
 Foram sempre o meu engodo,
 E agora a seguros da alma
 O coraçam està mouco?

Mas tem razão, bem duuida
 Porque o ser eu tam ditoso
 De quem o chegar a crer
 Ap esto que zombam todos.

Não he muito que eu não crea este fa-
 uor tanto tempo acomodado a despe-
 ração de o lograr. Sempre viui suspiran-
 do por esta cabal satisfação de meus ex-
 tremos, & agora não posso crer quando
 mais assegurada de hum carinho, quan-
 do he certo que o dezejo da execuçaõ se
 anticipou a promessa, quando eu conhe-
 ço que a maior dificuldade esteue na cõ-
 fissaõ, quando auendo feito esta promes-
 sa, o dar satisfação a ella vem a ser o me-
 nos; quando a maior rezistencia era ja
 do

do capricho , & não da vontade ; quando nenhuma duuida me affalta de que se a promessa he verdade, falte o cumprimento della. Mas serà que he mais dilatada a esfera do dezejo , que a da esperança ; pode dezejar-se hum impossivel , porem não se pode esperar , & como eu estaua persuadido a que este fauor era impossivel, não he muito que tão difficultosamente o espere ; como foi tanto tempo resistido, nem depois de assegurado o posso crer.

*Quando hum fauor se logra prometido,
Depois de muito tempo assegurado
Embargam os aplausos de logrado,
Os escrupulos necios de não crido.*

*A memoria de ser tam resistido,
Faz incriuel o ser assegurado
Ha mister todo tempo de negado
Para crerse, que seja concedido.*

*De receos a alma atropellada,
De sustos combatida a fantezia
O que he de crer ignora de alterada.*

*Ainda afusta o medo da poisia
Como foi sempre tam desarrezoada
Embargos poem agora à vfanía.*

Fallou experimentado o que disse; quẽ não quer padecer, não ame; porque não ha estado em que hum amante não padeça. Nos principios se luta com as fadigas de occultar os incendios, & não os pòde reprimir; porq̃ ou a boça explica as chamas, ou a queixa meixerica o fumo; se declara o seu rendimento, padece nas duvidas da sua aceitação; teme não conseguir a fineza o que se nega às confissoes; recea que as precisas leys do recato sejaõ diuertimento da vontade. Tem na correspondencia os assaltos da desconfiança, do desuio, & do ciume. Tem no logro o estudo das cautellas, a ancia da cólervação, o susto de outro emprego, & na ausencia tem o martyrio da saudade, com que sempre està padecendo quem ama, na variedade de quantos accidentes succedẽ para susto, para magoa, & para ruina.

Pintão o Amor cego; porque só quem não vê proua que ama. Quem se extremce no que está vendo compra com o sacrificio huma vfanía. Junto ao fogo o mais frio se aquece; po' é na ausência como o agrado dos olhos não satisfaz à alma, & como a belleza vista não affopra os incendios, na desconmodidade dos sentidos se apurão os quilates da fineza. Pintão mais ao Amor com arco, & setas, & com azas; com arco, & setas para declarar que sempre está executando os golpes; com azas não sò para explicar a ligeireza cõ q' fogem os gostos do amor, senão que como as azas se constroem de penas, protesta ao mundo, que não ha amor sem penas, amar sem padecer. Nas amorosas batalhas com que luto o experimento. Cuidaua eu (fermosa suspensam de minhas Ideas) que se eu lograsse os teus agrados, se as minhas finezas se visse coroadas do teu carinho, que penduraria vfanos as muletas dos desuellos no templo do Amor. Que hauêdo liurado das cres-

pas

pas ondas do teu desuio, & da minha desconfiança, sem risco de tocar nos fataes baixos do desengano, vencido o desprezo, & lograda a esperança, contaria alegre na praya as borrasças de que hauia escapado. Consideraua que se eu conseguisse a gloria de que a aceitação de meus extremos passasse a ser amor; se em ti o agradecimento as idolatrias fosse affecto da vontade, que desuaecido nos logros de tamanha conquista, em amantes socegos suspenderia as fadigas, deixaria os desuellos, & não hauêdo tempestade que ameaçasse riscos, em amorosas calmas, lograria seguro as mais alegres vfanias; mas enganeme, que continuo as mesmas lutas, & os desuellos tristes em q̄ me tinha a tua sem razão, se trocarão em alegres fadigas. O tempo que me leuaua a magoa, o gasto agota na satisfação. As horas que occupaua na queixa as emprego no agradecimento, com que não se diminuirão as fadigas, posto que se melhorarão os motiuos.

Minha vida dize como
 Igualmente tyrannizas
 A alma com desenganos,
 O coraçam com caricias.

Em hum tropel de desuelos
 Me poens quando te acho esquiua,
 E no mesmo laberinto
 Me vejo se estás amiga.

Arrebatam as ideas
 Compezar as tyrannias,
 Mas tambem as arrebatam
 Os carinhos com delicias.

Igualmente me desuelas
 Ou mates, ou me des vida,
 Que prendes com o desdem
 Com o fauor enfeit ças.

Se me negas hum fauor
 O pezar me desatina,
 E tambem se mo cencedes
 Me enlouquece a algria.

Sam (emprego da minha alma)
 As tuas prendas tam lindas,
 Que matam com pena, ou gosto
 Negadas, ou concedidas,

Es hum tropel do discurso,
 Que em huma continua lida,
 Ou no fauor se regala,
 Ou no desdem se afadiga.

O pensamento, nam ha
 Instante, que nam te assista
 Que como quer regalar-se
 Elle aos voos se conuida.

Sempre, amante ou desdenhosa
 Ocupas a fantezia,
 Que ou o gosto a arrebatá,
 Ou a queixa a encaminhá.

A tua belleza sempre
 Está na memoria viua,
 Como sempre a estou vendo
 Sempre os desejos incita.

Retratada nas ideas
 Bebo os rayos que fulminas,
 E a todo o tempo me abraçãõ.
 Porque a todo o tempo os vibras:

Se hum instante o pensamento
 De teus olhos diuertira,
 Me acordara o sobresalto
 Estando certo em que o vias.

Como entendo, que em meu peito,
 Tudo ves, tudo examinas
 O menor descuido meu,
 Já temo, que mo castigas.

Desuaecido em querer-te
 Perdera aquella vfanía
 Em que viuo, aquelle instante,
 Que fino nam te assisti a.

No coração a fineza
 Tam finamente te pinta,
 Que aos mesmos extremos sempre
 A tua belleza me obriga.

Lisonjas sam, nam finezas
 As minhas idolatrias,
 Porque todas executa
 Meu amor a tua vista.

A teus fauores ingrato
 Vejo, que sou; pois deuia
 Multiplicar os extremos,
 E a fé nam os multiplica.

Nos mesmos desuelos viuo,
 Luto nas mesmas fátigas,
 Ou te veja carinhosa,
 Ou já te experimente esquiua.

Nam viuo mais extremojo
 Ouindo as tuas caricias,
 Que a fé sempre he huma; mas
 He mui outra a vſaria.

O fauor que me prometes
 Mais chamas não ſolicita,
 Mais gosto; ſi porque faz
 Que mais vanglorioſo viua.

Se he para que mais te adore,
 Os fauores eſperdiças,
 Porque eu nam poſſo adorarte
 Com finezas mais luzidas.

O meu gosto nam to explico,
 Quem conſtante ſacrifica
 A alma a hum deſengano,
 A hum fauor, que faria?

Demais que hum gosto tamanho,
 Nam pôde explicalo a lingua,
 E o que ſente o coração
 Tu mui bem o examinas.

Meu bem, quando vou a agradecer
 eſte fauor, eſtranha o coração os eccos
 do agradecimêto, alterão a nouidade das

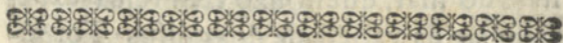
frazes, & não concorre para os aplausos; porque duuida o successo, como não esperava o favor, não o crê, não sendo merecido, & sendo tu quem o concede, com razão duuida que se haja rendido aos saltos do rogo a obstinação de hũa porfia.

*Quando neste favor eu empenhava
Toda a alma (dizei) quem entendera
Que com mil sobresaltos recebera
O gosto; porque tanto suspirava?*

*Se mil ancias negado me causava
Dizeime, quem considerar pudera
Que se amor algum dia o concedera
Para encherme de glorias não bastava.*

*Como em sustos (dizei) vejo trocados
Os alvoroços da alma mais crecidos
Acaso de sua eecem se logrados?*

*Fauores tanto tempo resistidos
Ainda quando mais assegurados,
Nam be possivel, nam, que sejam cridos:*



Borrascas da saudade.



Ver que foi dos olhos vfanias,
 E o nam ver, que he da alma desalento
 Vnemse agora para o sentimento,
 Matame o que nam vejo, & o que via.

Aquelle gosto a ser pezar porfia,
 E passa de ser morte este tormento
 Huma felicidade he alimento
 Com que a saudade crece a tyrannia.

No mais sensivel dalma executado
 Este golpe, ha de ser o mais sentido
 Posto que seja menos explicado.

Nam pode ser da lingua definido,
 Porem no coraçam acreditado
 Serà do sentimento encarecido.

NEciamente se queixa das tempesta-
 des do mar quem segunda vez se
 fia da inconstancia das suas ondas: Des-
 culpa tem de entregar-se aos crespos cri-
 estas

staes do mar, quem não tem feito experiencias da variedade dos golfos. Torpemente acuzas as borrascas da saudade, que segunda vez se entrega aos fracassos do amor; sò terá desculpa para se queixar deste accidente quem nunca o experimentou. Quem se fia das lisonjas quando prometem rizados, & allegurão bonanças; se bizonho se embarca terá a desculpa na sua ignorancia, mas sò poderá queixarse do seu desatino que sabendo que o amor tem o baixo da saudade arriscada a vida no perigo de que a não pode desuiar, & virá a ser maior a barbaridade, quanto as borrascas da alma sam mais executiuas, que as do corpo. Certo he que quem se empenha em amar, ou não sabia os rigores com que húa saudade executa o coração, ou entendeu que a poderia atalhar assistindo sempre a quem ama. Não pôde ser, que considerandose arriscado a padecella, senão desuiasse de a padecer, escuzandose entrar no golfo aonde esta borrasca se leuanta.

O que de penas padeço
Ausente de vós meus olhos
Em estes mares da ausencia,
Da saudade neste golfo.

O que de ventos contrasto?
Que terriueis ondas rompo
Em cada memoria vossa
Hum baxo fatal encontro.

Encontrados mares surca
Este batelzinho roto
A vista lembranças vistas
Na verdade altiuous mortos.

He meu coração hum Mapa
Aonde em sitio tam pouco
A alma vos ve no Oriente,
Os olhos no Occaso postos.

A hum mesmo tempo me acho
O mais ufano, & saudoso,
Saudoso, que vos não vejo,
Ufano que vos adoro:

No pensamento tam vistos
A todas horas vos logro,
Que me abraçais sempre, quando
A vista ausentes vos choro.

Se no coração estais

Atiçando sempre o fogo,
Como sempre estais ausentes
Para regalar os olhos?

Len 5

Se para auiuar as chamas
Sempre vos vejo fermosos,
Para diuertir saudades,
Nunca vistos vos encontro?

Quando na vossa belleza
Me estou abraçando todo,
Ià que sinto as chamas, nam
Tereis de veruos o gosto?

Com tantas adoraçoens
Meus olhos nam vos soborno?
A fé nam merece acharuos
Hum dia se quer piadosos?

Se sois os Soes que idolatro,
Dizeime, dizeime como
Hum, & outro anno se passa
Sem que illustreis este Polo?

*et, sendo vob
Durino
Enviado
scama*

Os continuos sacrificios
De hum coração amoroso,
Na fé sempre estam presentes,
E nunca vistos nologro?

Com tam fina idolatria

O bem de veruos nam compro?

Amão por ventura mais

Os que sam mais venturosos?

Quando na amante fadiga

Com que luto a fé remonto

Sobre todos os amantes,

Nam hei de ser tam ditoso?

Se rendido a huma idea.

Me traz huma idea louço,

Se não mereço lograla

Como fugirlhe não posso?

Se eu às vossas bellas luzes

Huma alma rendido postro

Dizei como as vossas sombras

Tam rigorosas encontro?

Se o coração nesta ausencia

Vos sacrificio extremofo,

Como à golpes da saulade

O quereis leuar por roubo?

Se me nam quereis pagar

Finezas que por vòs obro

Negaim e mbera o carinho,

Mas porque applicais o fogo?

Guardai para a vossa vista

Todos os raios meus olhos,

Nam me abrazeis nas distancias,

Quando eu vós vir vibrar todos.

Mas ay meus olhos em quanto

A vossa vista nam gofo,

Hei de viuer sem aliuio

Em muitas magoas enuolto.

Sem duuida (amada prēda) que o Amor julgou delito o amaruos, & castigou por temeridade a adoraçāo. Não dá meritos a fé, quando a mesma fé he culpa. Se o querer he delito, a constancia que vem a ser huma obstinaçāo no querer, como pode dar merecimento? Se os actos são culpa, como póde ser merito o habito q̄ procede de esses actos? Não he possiuel que huma temeridade homizie, & muitas liurem. A continuaçāo dos agrauos, a obstinaçāo dos attojos fazem maior a offensa, porque explicação o animo não tem aquella desculpa do desatento, da inconsideraçāo, que se saluão no tino do melhor acordo,

acordo, & nos protestos do arrependimẽto; logo se o amar foi culpa, a fineza no amar he maior e ffeſa; sem duuida que o Amor entende que he delicto a minha adoraçãõ; pois me condenou ao remo da faudade. Assim o Sol fogindo castiga o desuaecimento da enamorada Clicie. Assim a vella castiga nas chamas a fineza da extremecida Borboleta. Eu cuidaua que sendo Amor hum acto da vontade, hum sacrificio da alma, hum incendio do coraçãõ, agrado dos olhos, satisfacãõ dos sentidos, sendo hum rendimento das potencias, entendi, que não era offensa. Persuadime a que sendo o Amor hum aplauso das prendas, hum tributo à belleza, hum testemunho da mayoria, não seria culpa o amar; mas enganeime, pois o Amor tam rigorosamente o castiga. Porém isto seria fazer ao Amor tyranno; não se offende dos sacrificios meramente sacrificios, que a pequenhes das victimas não desacata os Idolos; antes houue Legislador, que mandou, que aos Deoses não se offerecessem offertas

offertas grandes, na fé de que o affecto, & não a grandeza da offrenda tinha a valia: Não foi delicto o amar, porém nam quiz o Amor, que não merecendo eu ver a vossa belleza lograsse esta ventura.

*Viuo de amarte tam desuaecido,
Que a nam serem as ancias de saudoso,
Ouuera de viuer escrupuloso
De nam ter esta gloria merecido.*

*No realce maior de extremecido
Nos mais finos excessos de amoroso
Nos requintes mais claros de extremo
Nam cabe a gloria de te hauer querido.*

*Vendo o Amor que em nada merecia
Ser victima felis de huma Deidade
Me roubou de te ver a vfanía.*

*Fezme justiça para que a vontade
Merecesse querer o que queria
Me condenou a esta saudade.*

Não lhe posso replicar com a terribilidade do tormento; porque como a gloria he excessiuamente grande com igual excessão

cesso ha de ser o custo que ha de merecer
tamanha vfanía. Sendo tão grosso o be-
neficio, não deue ser a pensão pequena.
Como este gosto se veste de muitas cir-
cunstancias para ser o maior, tambem este
tormento da saudade se acompanha de
varias penas para ser mais custoso; si, que
parecendo a saudade huma sò magoa he
vnião de muitas, & todas as mais çreci-
das.

*A saudade quanto a mim
He da alma huma impaciencia,
Hum desatino dos olhos,
Do coração fina seta.*

*Este tropel de pezares
He huma terrivel lepra,
Que a estaes sempre coçando,
E o coçalla a acrecenta.*

*He huma sede da vista,
Que os sentidos inquieta,
E atè que se satisfaça
Continuamente atormenta.
Esta queimaçam de sangue
He humana noua Noroega.*

Que continuam as noites
Os mezes & annos de ausencia,

Esta peste dos sentidos
He laberinto de Creta,

Que tendo as entradas liures,
Prende todo o que nelle entra.

He a morte mais cruel,
Pois com terrivel violencia
A ametade de huma alma
Diuide da outra meya.

He, se bem o considero
Dos sentidos huma teima,
Que em quanto nam vence o pleito
Os gritos nunca socega.

Nacardina he da memoria
Que tomandoa sempre lembra
O que se adora, com que
Nam he possiuel que esqueça;

He huma coca do Amor
Que os amantes embebeda,
Nam tornando em seu a ordo
Em quanto dura a ausencia.

He huma masmorra triste
Aonde em escuras trevas

Viue o amante nam vendo
De quem ama as luzes bellas:

He huma peste do gosto,
Ella he huma banzeira,
Que faz fugir os aliuios,
E nenhum ao perto chega.

Huma medicina errada
He, que se aplica a doenca;
Quer diuertirse em memorias,
E fazem com que o mal creca.

He hum barco destroncado
Em que hum amante nauega,
Que cada onda o assusta,
Cada vento o poem na areia:

Iulga o amar graue culpa
A saudade que he sentença,
Que confiscando os bens todos
Da propria patria desterra.

He purgatorio do Amor
A saudade, porque nella
Entre volumes de chamas,
Se purifica a fineza.

Eu lhe chamo chumindè
Do Amor; porque manifesta

O fogo do coração
Em o fumo da tristeza.

He hum pulso da vontade
Que descobre a febre intensa
A pezar dos aissimulos
Que a querem ter encuberta.

He huma mina do Amor
Que no coração rebenta
E enche huma alma que adora
De estragos, & de violencias.

Mas ay, que destuz o peſcio
Os tormentos de huma ausencia
A saudade he nam ver
O que se ama, olhai que pena?

Neste golfo de pezares
Que o meu coração nauega,
Viuo meu bem, como quem
Nam ve a tua belleza.

Todos os mais achaques respiraõ, se-
naõ melhoraõ nas medicinas, que se lhe
aplicaõ, so a saudade sabidamente peiora
nos remedios; porque as memorias em
que procura diuertirse a acrescentaõ. Ha
quem

quem toma nacardina pera ficar cõ mais viua memoria , he porque se não experimentão os effeitos de hũa saudade bem sentida , que tanto despreita a memoria , que meudamente està decorando aquellas minimas circumstancias ainda em que a presença não fez reparos. He huma Hydra Nermea, que em hũ só corpo inclue muitas cabeças, & o golpe que quer troncar huma, faz que resultem outras; porque o empenho de diuirtir o cuidado , faz que a lembrança acuda com tantas circumstancias de magoas na perda, que mais se lembra quando mais procura esquecerse. Eu cuido que a saudade afflige medrosa , & que a sua teima he cobardia, que se nam diuerte, não de fina, senão do medo que tem de que se faiba o seu diuertimento, & lho castiguem.

*Tam viua estás na idea retratada,
Viues no pensamento tam presente,
Que quanto vou a me chorar ausente
A queixa da razão fica embargada.*

Aqui te ves do rogo importunada;
 Aqui que ao teu decoro reuerente
 Impulsos vence o gosto, ou os desmente
 Que sempre vista estàs, sempre adorada.

Se puderas de mim ser offendida
 Bem poderias logo castigarme
 Sendo a culpa de ti logo sabida:

Cõ a mesma atençam sempre has de acharme,
 Porque fio de ti, que agradeçida,
 A fé que apuras, hajas de pagarme.

Enganase todo o ausente, cuida que tẽ
 grande aliuio na memoria, & a experimẽta
 o mais cruel algoz. Eu a confidero
 huma estatua de Nabucõ, a cabeça de ou-
 ro, os peitos de prata, as entranhas de brõ-
 ze, de ferro as pernas, & os pès de barro:
 Em huma ausencia começa a memoria na
 cabeça de ouro de huma vfanã no em-
 prego, desfinha na prata da lembrança dos
 fauores com a liga da recordaçõ de per-
 didos, baixa ao bronze de hum tenaz des-
 uelo, deca ao ferro do grilhão que o prẽ-
 de, & rematale no barro fragil da confid-
 eração

deração de ver quebradas todas as glorias,
desuaeccidás as vfanias todas, & de toda
esta maquina não fica mais que a memo-
ria dos estragos, & o monte de ancias que
formou a pedra da laudade, a cujo golpe
se desuaecerão todas as ideas que fabri-
cou a fantezia, com que a memoria de hū
ausente aponta em aliuios, & desfarma em
magoas. As respiraçoens de hum ausente,
são ilha para maiores sentimentos.

*Nas ancias de huma saudade,
Me abraço no que respiro,
Que he hum Etna o coração,
E sam chamas os suspiros.*

*Em o papel das ideas
A maior magoa fabrico,
Que mais me doe o que perco
Quanto mais o imagino.*

*Se vou a buscar delicias
Então me dobro os martyrios,
Porque me ferem de setas
O que recordo de aliuios.*

*Quando contemplo os reus olhos
Nortes do meu gosto fixos*

Nam me diuertem bizzarros,
Porque me maião nam vistos:

Se os pezares na belleza
Das tuas prendas diuirtio,
Sam teus todos os realces,
E sam meus os desatinos.

Se reconto os gostos, que
Foram todo o meu feitiço,
A lembrança de logrados
Crece o pezar de perdidos.

Se assiltam o pensamento
Memorias do teu carinho
Vejo o que perco na ausencia,
E entam muito mais a sinto.

Quando espero que estes gostos
Me sejam restituídos
Auiua o meu sentimento
Ver quanto ao longe os diuiso.

Quando nas tuas bellezas
Lisongeo os meus sentidos,
Quanto mais sei o que perco,
Tanto mais magoado fico.

Se na idea ao pensamento
Outra fermosura pinto,

Elle vaije a verdadeira
Sem reparar na que finja.

Se ao empenho de hum negocio
Do que contemplo o desuio,
O que desuio intentei
Vem a ser mayor autilho.

Se o procuro diuertir
Em hum discurso preciso
Fogeme do que discorro,
Vaise aonde o sacrificio.

Se o aperto porque esteja
Hum instante sò comigo,
Diz que foge dos pezares,
E quer buscar os aliuios:

Todas as traças que inuento
Para poder diuertillo,
Sam exames em que apuro
Quanto he na verdade fino:

Diz se o quero gouernar
Que já perdi o dominio,
Se o fiz escravo de huns olhos,
Que he de quem o fiz catiuo.

Nas ancias de o diuertir
As constancias lhe examino,

E vendo que me nam segue,
Eu sou aquelle que o figo.

Bem vejo que mais me empenho
Registando os meus feitiços,
Mas se elles sam tam biZarros,
Como hão de ser esquecidos?

Entra o pensamento afouto
Em tam bello laberinto;
Porèm nam pode sair,
E quem ha de darlhe o fio?

As tuas bellezas, sã,
As escaras as diuiso,
Mas entre sombras tam bellas,
He ganho o andar perdido:

Assi nas tuas ausencias
Adorada prenda viuo
Dando huma alma as tuas sombras
Constante, & estremecido.

Se hum ausente pudera liurar-se das bá-
terias da sua memoria, escusar-se-hia da cõ-
tinuação das magoas, mas tambem deixa-
ria de amar; porque a memoria he o pul-
so da vontade: Cuida hum amante quan-
do

do se ausenta, que leua grandes aliuio
na memoria, mas ella trocando os anti-
dotos em peçonha, buscada para recreo
enche a alma de estragos, sendo cada lê-
brança huma seta q̄ fere o coração. Roim
cozinheiro he a memoria. Os bons çozi-
nheiros de ingredientes muito grosseiros
fazê pratos muito gostolos; porém a me-
moria de bellezas, de fauores, de carinhos
& de logros faz huma iguaria, que se não
pode tragar. Todos os outros sentimen-
tos tem possiuel o aliuio, porém a saudade
de tem-no impossuiel. Dos mais accidē-
tes pode liurarle a memoria de os sentir
algum espaço; dificultoso he o diuertir-
se do que magoa, mas he possiuel; porém
nas ancias de huma saudade he impossui-
uel o aliuio; porque a memoria nam se
póde diuertir. Nas outras penas como a
memoria estâ liure, posto que lastimada,
póde diuertirse do que a molesta no que a
deleita, mas como na saudade a memoria
he a mais ferida, não póde diuertirse das
suas mesmas penas; como amagoa está no
proprio

proprio sitio aonde hauiã de buscar o de-
leite, he impossivel o diuertimento, por-
que està o achaque na mesma medicina.
Daqui vem que a saudade he o tormento
mais excessiuo, porque se alimenta dos
remedios, & crece com applicação das me-
dicinas.

*Cuido que he hum bichinho a saudade
Que roe o coraçam tam lentamente,
Que dissimula o venenoso dente
Nos amantes carinhos da vontade:*

*Com deleite a memoria persuade
Com reclamo de aliuio, falsamente
Disfarça no que se ama o que se sente
Mintira o gosto, & o sentir verdade.*

*De falso o pensamento introduzido
Cuida que vem a recrear memorias,
E na luta mayor se vê metido.*

*Ancias encontra o que esperou van glorias
Mais triste quando mais fauorecido
Fabrica as magoas das mayores glorias.*

*A saudade he huma parlezia, que toma
todas*

todas as potencias, & todos os sentidos. O entendimento todo se ocupa em conhecer quanto valia o gosto que lograva; a memoria só se empenha nas lembranças do que perdeu, & a vontade toda se desvela em amar a quem a çatiuou. Pois os sentidos visto se està que estão impedidos para tudo o que não he sentir a saudade. Os olhos não vendo o que amão, achão que nada vem; que he a saudade hũa cegueira interior a olhos claros, nada vê, porque não vé o que deseja. Quanto o ouvir como he affento da fé, a que guarda a quem ama, o enfurdece ao que ouue. Como os amantes tem particular idioma, os mais como fallão em lingua estranha não os entendem. O gosto desbotado na ausencia està entorpecido, perdido o olfato, porque sò preza a fragrancia da voz, & da belleza que ama. Está tambem torpe o tacto achando que não toca o que nam ama, que sendo este o mais grosseiro dos sentidos, ainda na ausencia acredita as bizarrias, com que hum ausente està impos-

si-

sibilitado paratudo o que não he sentir a sua saudade. Nos mais amantes o empenho que os obriga a ausentarse he tyrannia da desgraça, em mim foi justiça do Amor. He tyrannia violentar hum coração, idolatra tirando das aras aonde sacrifica todos seus affectos ; mas o apartarme a mim da gloria, que não merecia lograr foi justiça, & não rigor. Quem diuisando hũ cristal em huma roza de preciosos diamãtes, não manda tirar aquelle cristal como indigno de estar em tão bizarra joya, entre tão brilhantes resplendores ? Como a indigno me tirou o Amora gloria de beber em teus olhos as amorosas luzes, que não merecia lograr ; ou os teus olhos offendidos de tão humildes, posto que finos sacrificios me fogirão.

Ah que de El Rey quem me acode ?

Quem me liura deste aperto ?

Que huns olhos que me roubarão,

A alma, já nam os vejo.

Fugiram como ladroens,

Mas foi soberba, & nam medo.

Desistimando os despojos
O que foi roubo, he desprezo.

Sabendo, que honram olhando
O mesmo, que matam vendo,
Como eram fauor as chamas
Retiraram os incendios.

Vendo, que era a suas luzes
Tam humilde rendimento
Hum vapor, que as desluzia
Se desuiaram seueros.

Conhecendo a pouca preza
Que roubaram de talentos
Emendaram . . . ennosos
O que erraram de traueffos.

Indignados de que os meus
Fizessem tam alto emprego,
Castigaram retirados
As enzadias de vellos.

Vendo, que arrojando rayos
Acendiam os desejos,
Creaõ, que cessando a causa
Cessariam os effeitos.

Vendo a ambiçam com que
As chamas se arroja o peito,

Escaccaram as luzes,
 Por nam honrar nos reflexos.

Vendo que a primeira vista
 Arrebatou meus affectos,
 Virão, que deuiam ser
 Esquinos; porque eram bellos;

Rebentando de bizarros
 Viram, que era desacerto
 Ser alambre de huma palha,
 Pedras de seuar de hum ferro.

Como a cada r. yo seu
 Mil almas se estam deuendo
 Quando lhe deuião mais,
 Nam quiZeram cobrar menos.

Retiraraõse os meus olhos,
 Porque eu fique no desuello
 De os nam ver, as vfanias
 De os ter visto merecendo.

Ficou a alma às escuras
 Com os sentidos suspensos
 Occupado o exercicio
 Sõmente no sentimento.

Indigno era de tal gloria,
 Mas eu já agora a mereço,

Nam na fé com que os adoro,
Si na dor de que os nam vejo.

Pellas medicas do gosto
Se corta agora o tormento;
Cabalmente aquella gloria
Neste pezar recompenso.

Porque vos nam merecia
A gloria de vos ver perco,
Mas agora na saudade
Ià estou merecendo o veruos.

Esse velocino de ouro
Iã o posso lograr Tezeo,
Pois com o Dragão da ausencia
Ha tanto, que jã pelijo.

Vtuo sem vos ver meus olhos
Na fé que de veruos tenho,
Entam pagareis à vista
Os meus amantes desuelos.

Cobrareis nas vossas luzes
Apaga de meus extremos
Sendo a vossa bizzarria
Gloria, setas, fogo, & prêmio:

Se a esperança não comunicãra alen-

tos a hum ausente, nam fora possiuel poder rechaçar os golpes da faudade. Verdade he que se fazem escrupulosas as suas lisonjas; porque mentem os prazos, mas com tanta destreza enganam, que os mesmos amantes a quem burlou com a promessa, se tornam a fiar della; porque quando hum termo se desuaece, o outro aponta, a corrupçam de huma he geraçam de outra, com que nunca se perdem aquelles doces afagos, que quando hum acaba de desenganar, entra outro a entreter, & como o deixar-se enganar rende tantos desafogos à pena da faudade, a discursos fechados se bebem os enganos. Eu entendendo, que a esperanza he aquella arvore q̄ vio Eneas no inferno com os ramos de ouro, que hum arrancado logo resultaua outro. No inferno da ausencia, a esperança sómente presenta os ramos de ouro, & quando huma se tronca, a outra nasce. Enganos sam os longes da esperanza; porém nisso melhor se examina qual he o rigor de huma faudade, que os enganos da fantasia

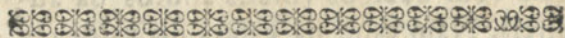
tezia vem a ser os vnicos aliuios da ausencia. Nam cabe na esfera do valor resistir o golpe de magoas tam executiuas.

*Quem se nam rende ao golpe da saudade;
Mais se mostra insensuel, que valente,
Que quem luta com ella nam a sente
Por mais que o sentimento persuade.*

*Ella he dalma desfeita tempestade,
Que o minimo reparo não consente,
Lima do coraçam com tenaz dente
Mais o magoa, quanto he mais verdade.*

*Ao Buitre à roda, ao pènedo esquiuo
Geroglifico antigo de hum tormento
Excede a pena em que ausente viuo.*

*Fome, & sede de Tantaló era vento;
Via o cristal, & o pomo fugitiuo,
Mas eu sem ver, de magoas me alimento.*



Finezas mal aualiadas.



Rbitrio injusto de huma crueldade
 Indigno proceder de huma belleza
 Iulgar que desmentindo huma fineza
 Pode desobrigarse huma vontade.

Fatal decreto de huma variedade
 Que a mais fiel adoraçam despreza
 Condenar por descuido huma fineza
 Auiliar mentira huma verdade.

Desarrezoadã ley da tyrannia
 Desconhecer a fé crer hum engano
 Venda os rayos do sol negar o dia.

Mas ay que intenta este desdém tyranno?
 Descre o amor, & faz da fé porfia
 Por ver se cede a fé ao desengano.

A Y minhas adorações, tão tões de
 verdadeiras, quanto de minhas, mas
 perde a sua valia a vossa verdade pella cir-
 cūstancia de q̄ fois minhas, & quiçã q̄ o se-
 reis

dadeiras, & o ser minhas sejam duas constelaçoens, que vnindose fatalizem vossa desgraça. Eu nam estranho que hũa vontade violentada na prizaõ da cortezia deseje passar-se à ley do seu gosto; sò me queixo de que a custa de minha fineza sollecite a sua liberdade. Nunca eu fui tam presumido, que esperasse duraçaõ em vèturas, que por minhas, & por nam merecidas se conheciã mal seguras, que me nam acomodasse facilmente a perdellas; mas hãua de ser a titulo de que nam as merecia, & nam que as desconhecia; porque isto he offender a minha estimaçam, & o merecimento de quem adoro, & aquillo confirmã minhas confissoens, & aplaude as prendas de quem amo. Que nam seja eu digno de lograr fauores tam soberanos, eu sou o primeiro que o publico, mas que eu nam faça delles a maior estimaçam, he huma falsidade que desmẽtem tantas vfanias dalma. Nunca eu entendi amantes adoraçoens que vòs creis pagas, mas cuidauuos çridas, & agora ve-

jo que nẽm pagas, nem cridas sois. Quem pertende confiado no que mereçe, ainda que lhe desacreditem a fé com que ama fica lhe a esperança affiançada ao conhecimento de suas prendas ; mas quem ama sem merecimentos que alentem , & sô em suas adoracoens liura o seu despacho, quem lhe desabona as finezas , lhe desfarma as esperanças todas.

Persuadir huma cousa a quem a não cré porq̃ a duuida he facil, a quem a nam crè, porque lhe nam està bem, he impossivel. A razão com que se proua hũa verdade , desfaz a duuida que della hauia. Quem não cria porque duuidaua, desfeita a duuida cré , porque já nam duuida ; mas quem não crè , porque lhe não està bem o crer, ainda que a razão lhe desmarche a duuida, nam lhe desfarma a conueniencia, & assi como tirada a duuida ainda a conueniencia fica donde nacia o duuidar, nunca se persuade, porque se nam quer persuadir. Nam crè (ó meu desuelo) as minhas adoraçoens, nam porque as

duvide, senão porque lhe nam está bem o darlhe credito, & ainda que as razoens, q̄ lhe dou em abono da minha verdade lhe desfaçam as duvidas, como lhe nam satisfazem as suas conueniencias não se dà por assegurada.

Conquistar huma vontade liure, nam he difficuloso, huma empenhada he impossivel, o estar sem amar he huma ociosidade do entendimento, hum desabrimento da vontade, hum desagrado dos olhos, huma rebeldia do coração, & hũa liberdade izenta, ordinariamente se inclina a quem a ama, que o ogradecimento abre portas ao Amor, & o maior arbitrio para ser amado (disse-o Seneca) que era amar, mas pretender huma vontade prezada sem mais difficuldades, pois he desobrigala de huma parte, & obrigala a outras, este sam dous empenhos, aquelle hum. Eu prézumi que aspirava a obrigar huma vontade izenta, & que a mais fina adoração suprisse a falta de minhas prédas, mas ay que em bẽ custosas experiencias achei

que me haviã empenhado na conquista de hum coração rendido, huma vontade obrigada, hum entendimento afeiçoado, & huma memoria empenhada; mas chegaram estas noticias quando nam bastou o desengano; antes impediraõ o empenho, depois nam bastaram para o retiro: o Amor em seus principios he menino, qualquer ruido o faz fugir, mas quando o trata o faz gigante, nada o vence. O Amor em os primeiros lances he hum agrado dos sentidos, huma inclinação da vontade, & huma disposição para o empenho da alma. Aos principios o Amor se dispoem, depois abraza, & assim a noticia que bastara antes de empenhado para não solicitar o emprego, nam bastou depois para me retirar d'elle, que essa differença vai de huma vontade inclinada a hum empenho declarado. Bem pudera eu entendelo logo, mas elle nam he facil a ver. sentir o entendimento ao q̃ a vontade lhe desuia. A poucos discursos pudera eu penetrar os segredos que depois

pois alcancei; mas como a vontade hia tão interessada em o não alcançar sobornado della o entendimento não o cria, porque lhe não estava bem o entendello, que com difficuldade abraça o entendimento o que a vontade lhe não propõe; então nam o entendia, mas já agora nam he possiuel que o deixe de entender, pois vejo que continuão as desconfianças como se a experiencia de minha fineza não desarrezoara todas. Aquelles conselhos de que a minha adoração era desenfado, não era dictame dalma, senam lisonja que embuçava o ciume na atençaõ do credito, & hoje que vejo repetidas estas mesmas razoes, final he de que se procegue a bataria, & quando minhas adoraçoens desmêtem o menor escrupulo em minha verdade, não ha capa que occulte a tenção com que se continua o desacreditar a minha sê. Que a outrem iê creão palauras, & a mim se descreaõ lagrimas? si, q o affecto tudo creè, o desagrado de tudo duuida. Creuse palauras muito sem noticias,

ticias em minha offensa ; & sendo as lagrimas razoens da alma , da verdade de minhas lagrimas se duuida. He que se veste o affecto das conueniencias ; crer as palauras, desobriga de hum empenho violentado, & por isso se crem. Nam crer as lagrimas, liura do empenho de as pagar, & por isso se nam crem.

Lagrimas julgaõuos falsas,

Pedaços dalma destilla

O coraçam pello: olhos ;

Mas que importa, não sois cridas.

Sangue sois do coraçam,

Do sentimento sangria,

Iuramento dalma sois ;

Mas ay, julgaõuos fingidas.

Do mais intimo do peito

Aos olhos vos enuia

A minha magoa ; mas ay,

Querem que sejais mentiras.

Da mais acendrada fe

Sois moedas sem ter liga,

E sendo metal tam puro

Nam correis, diz nam sois finas.

Sois interpretes do affecto,
 Sois do sentimento cifra, *Saber*
 Geroglifico da dor,
 Mas ay faltauos a dita:

O fumo descobre o fogo,
 O pranto assi mexerica
 Ao Amor, do Amor sois fumo,
 E no ar desuaecidas.

Sois suor dalma abrazada
 Do fogo do amor faiscas,
 Do coraçam testemunhas;
 Mas ay, cuidaõnos mentira:

Nam vos arroja a lisonja
 O affecto dalma vos dita;
 Não vos violenta o engano,
 O amor so vos regista.

A boca pode adular
 Falsa, ou encarecida,
 Mas lagrimas não enganão;
 Que os olhos sam dalma lingua:

Hum coração magoado
 Em as lagrimas respira;
 Sois aliuio derramadas;
 Mas sois martyrio não cridas.

Nunca de vòs me vali,
 Antes eu vos desmentia,
 Se não fostes allegadas,
 Para quo fostes fingidas?

O que faz moeda falsa
 De chumbo, ou cobre a fabrica,
 Com ouro ninguem engana,
 Com lagrimas, he mentira.

Lagrimas sam ouro dalma,
 O coração he a mina,
 Os rayos do amor o gerão,
 O ouro não se esperdiça.

Mas ay o juizo se turba,
 He que ador o desatina,
 Cridas sois, não desmaeis,
 Cridas sois lagrimas minhas.

Por rezão de estado sò
 Vossa fé desacredita
 Quem cuida que não vos crendo
 Da paga se desobriga.

Mas ay minha adoraçam
 Crede vòs que vos dedica
 Essas lagrimas huma alma,
 E nam sejam rasonãidas.

*Não logre eu vossos fauores ,
 Mas ay meu bem não se diga
 De mim, que amo com lisonjas
 De vòs que nam sois querida.*

Quem crer estas amorosas correntes do coração, empenhase em as enxugar com seus cristaes. Quem confessar que naceem estas fontes da fineza, & não da lisonja, sabidamente ha de acharse obrigada a acalentala com o fauor em cujo alcance se derramão ; logo não crer minhas lagrimas he conhecido ardid para negar fauores. Bem sei que instancias mais venturosas, importunaçoës melhor ouuidas fecharão sempre a porta ao meu despacho; mas ay para impossibilitar fauores, escuzãõe instancias; pois os assegura negados huma assistencia cortez , que nunca passou a ser amorosa, & hum gosto diuertido que nunca se deixou sobornar da adoração.

Bem sei eu que não querê que eu vos ame com extremos, porque o conheci-

mento da minha vontade lhe não roube algum agradecimento pellos vizos que tẽ de amor; mas ay não o estranho, que se eu me vira senhor de tão preciosa prenda, com ninguem consentira as repartiçoens. certo he (ô desuelo dalma) que se tu ouviras estas minhas queixas, te offenderas da clareza dellas; porque como teu respeito as embargaua, cuidauas que não as tinha. Tyrannaley de huma semrazão não querer que se sintão, nem que se entendão os golpes que se executão no mais sensiuell do coração! Rigor grande impedir que respire pella boca em queixa o q̃ martyrio aflige a alma? mas ay entendo que te offendem estas queixas, & as articulo? ou mente meu amor, ou me desatina a minha magoa. Nem em estes longes quero òbrar cousa de que te agraves; perca eu os aliuios, & não te molestẽ meus queixumes, que nas maiores distancias me ha de achar mais atento teu gosto para lhe diuertir pezares, do que a minha magoa para lhe buscar respiçaõens.

Quem pudera (amada prenda) não lembrar-se do que tu não queres que eu entenda! sentira eu meus pezares sem culpar tuas semrazoens; mas como destas nace[m] aquelles, vão enuoltas em minhas magoas as tuas tyrannias: Culpa a memoria, & não a vontade, ou nem a memoria culpes; porque o pulso do Amor aõde se toma conhecimẽto à intenção da sua febre, he a memoria, & mal pòde esta ser fraca sendo medida de hum amor tão ardente. Só eu posso queixarme de minhas memorias, pois assistindome como minhas, me maltrataram como estranhas, embargandome os discursos para tudo o que nam he batalhar com tristes ancias.

*Deixaime tristes memorias,
Que eu não sei que possa ser
Amizade o assistirme
Com rigores, com desdens.*

*Deixaime memorias digo,
Que serà termo cruel,
Que com capa de piedade
Me aflijais, me magoeis.*

Deixaime

Deixaime, que nos descuidos
Serà possiuel viuer,
E não se vòs me apertais
Com desuellos o cordel.

Porque me estais recordando
O que eu nãa posso esquecer?
Vòs com capa de carinho
Brindes me fazeis com fel.

A Antão se os mesmos cães
Despedaçarão crueis,
Vòs blazonando piedades
Obrais o proprio tambem.

Deixaime que he tyrannia
Contra toda humana l y,
Que estando tão affligido
Nouas affliçoens me deis.

Eu bem sei que o desafecto
Sò os des primores cre;,
Bem sei que não ama muito
Quem ama sò de cortex.

Bem sei memorias que busca
Desculpas de não querer
Quem de querer se arrepende,
Todos os segredos sei.

Mas em repetilo tudo
 Dizeime vòs que fazeis?
 Para o remedio que importa?
 O desengano nam o he.

Representaime huma dita
 O rustico proceder!
 Nam vos esquecer dos males,
 Nam vos lembrares dos bens!

Permeti que hum breue instante
 'Algun aliuiio me de
 Hum fauor, que no perdido
 Ià o seu desconto tem:

Entam depois apertaime,
 Que estarme sempre infieis
 Executando, he tratar
 De acabarme de huma vez:

Em hum discurso respire
 Breue espasso para que
 Tome alentos no piadoso
 Para passar o cruel.

Mas ay memorias que digo
 Nam, ay, nam vos ausenteis,
 Porque nos vossos martyrios
 Se requinta a minha fé.

*A vida irà venturosa
Sacrificio a hum desdem
Sois de quem adoro? pois
Mataime, & nam me deixeis.*

Dizeis (amada occasião de minhas penas) que he em mim melindre a queixa de vossas desconfianças, & sam mui diferentes os termos de humas, & outras, em mim justifica as desconfianças o conhecimento de vossas prendas, & o pouco que eu mereço, & estes mesmos conhecimentos desarrezoão a vossa, eu desconfio, porque vòs me não quereis assegurado, & vòs desconfiaes da minha fé, porque não quereis asseguratuos della. Eu tenho por ley o vosso gosto, & vòs tendes por gosto a minha mortificação; duas vezes perdi a maior dita por não desgoftaruos, & vòs em satisfação desta fineza, nenhuma ouue de mortificarme que não lograsseis. Eu protesto que se alguma acção minha vos desconfia, a primeira noticia vossa a emendàra, & quando eu desconfio

côfio de que negueis despacho a minhas petiçoens, acalentais a minha queixa cõ enfados, com carrancas. Eu assegurovos obrando o que vós me ordenais, & assi não deueis descõfiar; vós desconfiai-me mais quando eu desconfio, & assim nam posso deixar de desconfiar; façamos hum concerto, que está posto na melhor razão. Quando eu deixar de obrar o que for gosto voffo, desconfiai de meu amor, & quando vós obrardes ajustada ao meu amor, eu viuirei confiado na vossa fé. De sorte que em quanto eu tiuer por Norte de minhas acçoens a vossa vontade, não duvideis de minhas finezas, & em quanto vos desviardes do meu gosto, viua eu desconfiado.

Aos principios de hum empenho nega fauores o recato, por não se prezumir que a facilidade, & não a afeição os concede. He prudencia em quanto o conhecimento se não assegura da fé, & do segredo; mas passados annos de idolatrias, examinada a fineza sem escrupulos na

peſſoa, ſó o deſaffecto nega os fauores, q̃ o brio permite que ſe concedão. Eu não vos amo pellos fauores, amo os fauores por voſſos, & quanto mais diſtantes, mais os merece a minha fé.

A pedra de ſeuar quanto mais apartada do Norte, o busca mais atenta. Aſſi o meu amor quando mais apartado da voſſa viſta, com maior ancia a ſolecita. Mas ay em vão me queixo de minhas deſconfianças, & de voſſas ſemrazoens, pois nam quereis ſatisfazer meus queixumes, nem aſſeguraruos de voſſas deſconfianças, & aſſim ſe conclue com evidencia, que he voſſo goſto duuidares da minha fé, & que eu deſconfie do amor que vós me enca- receis, & o voſſo deſdem deimente.

*Idolo da alma que conſtante adoro
Por quem fino padeço, & triſte choro,
Fleuçam amada dos ſentidos
No teu deſdem ainda bem perdidos
Feitiço da vontade,
Adorada prizam da liberdade*

De mim, ay Deos, te julgas offendida?
 Serà se cres offensa o ser querida,
 E se amarte he delicto
 Do ceo de Amor me dou já por precito,
 Que nunca em meu amante pensamento
 Se hão de ver sombras de arrependimento,
 Se duuidas de minha fé constante,
 Abreme o peito neste mesmo instante;
 Abreme o peito esquiva,
 E dentro delle te acharàs tão viua,
 Que fiques por ti mesma assegurada
 Da verdade com que hes idolatrada.
 Se não vé o que pode assegurararte
 De como sei amarte,
 O que queres ordena,
 E quando eu repare em risco, ou pena
 Quando não atropelle de huma sorte
 Os perigos da morte
 O gosto, a cortezia
 Da fé com que te adoro desconfia.

Sendo tão vistas as finezas, não he pos-
 siuel que o desacreditar a verdade dellas
 seja escrupulo da duuida; sabidamente he

arbitrio da conueniencia; quem mostrar que cre os extremos com que he querida obrigasse ao premio delles; mas quem quer negar fauores feruese da duuida que finge para negar a paga do q̄ deue. Chegando a declarar hum ffecto, ou se finta, ou só se finja, todas as palauras sam hūas; porque ninguem com ellas desacredita o que com ellas encarece. Não se cifra a verdade no dizer, as acçoens descobrem a verdade, ou o fingimento. Extremos que não passaõ da lingua, he que o coração os ignora. Que importa (feitiço de meus sentidos) que me encareças finezas, se o negar dela fogos a minhas ançias as desmente.

Mente quem diz que extremo ja

A fé de hum amante paga,

Se toda a satisfação

Cifra sòmente em palauras.

Mente quem se não lastima

Das mesmas penas que causa;

De todo ignora o que custam

Quem nam remedeia as magoas:

Quem

Quem deixa arder hum amante
 Em as mais ac̃tiuas chamas,
 Mente se diz que lhe quer,
 E os incendios nam apaga.

Quem por seguir os dictames
 Do capricho, ao Amor falta
 Blazona de caprichosa,
 Mas de amante nam se jaeta.

Quem rocha aos viuos combates
 Do rogo, os rogos rechaça
 Desmente no que resiste
 O que encareceo que amava.

Para quem nam ama o rogo
 He bataria sem balla,
 Amando he peça de Diu,
 Que todo o capricho arraza.

Tem a vitoria infaliuel
 Quem nam ama nas batalhas,
 Aizençam lhe assegura
 O triunfo das instancias.

Nega quem quer de verdade
 O fauores a quem ama,
 Nim por negar; mas espera
 Disculpas de importunada.

Quem querendo bem resiste
 Deixou vencerse das ancias,
 A liberdade he teimosa,
 A vontade logo cança.

Quem quando resiste fecha
 Toda a porta às esperanças,
 As presunçoens de que quer,
 He certo que desengans.

Nam diga que ama quem nega
 As respiraçoens a huma alma,
 Que na belleza se acende,
 E no desuio se abraza

Nam encareça o que quer
 A que regatea auara
 Alentos a hum amante
 Que de saudades estala.

Nam ama nam quem à vista
 Do fogo, no fogo lança
 O alcatram que o acende,
 Nam a agoa que o apaga.

A que no jogo do amor
 Os rogos de falso balda
 Perde creditos de amante,
 Abonos de liure ganha,

Quem sò por brio resiste,
Deixa vencerse da instancia
O que negou caprichosa,
O concede lastimada.

A vontade que do amante
O rogo importuno assalta,
Liure resiste os combates,
Amante nelles desmaya,
Se a vontade o que lhe pedem
Deseja, logo o abraça,
Contra o proprio gosto nunca
Se vio teimosa, & rogada.

Nam quer quem no nam querer
Dura com posia tanta,
Que por seguir hum capricho
Deixa sem premio as constancias.

Mas ay que delirio he este?
Como o juizo se cança
Neciamente em apurar
A minha maior desgraca?

Como com tantos discursos
Me afadigo em que se saiba
Que quem mereço tam fina
He comigo tam ingrata;

Duvidar a tyrannia

Muito melhor nam me estava?

A caso dà maior pena

Temida que aueriguada.

Mas conste esta semrazam,

E veja-se que realça

Finezas a minha fé

Nos exames de mal paga.

Tu mesma desatrezoas as tuas descō-
fianças, pois nos deluios fazes que luza
mais a minha fineza, quanto mais esquiva
me tratas, mais extremo so me examinas,
q̄ a tua esquiuança apura a minha fé, logo
na desconfiança te fizeras mais confiada
se não fora em ti capricho o não crer por
não pagar. Desluza embora a tua semra-
zão as minhas finezas, que tu mesma fa-
zes com os desdens que ellas mais luzaõ,
pois consta que tam mal respondido te
amo com tam fino extremecimento. Quē
segue hum empenho leuado da esperan-
ça, quem o continua entertido das lison-
jas, quem o prosegue enriquecido dos fa-
uores

uores nam apura os extremos nos que obra, porque a esperança de lograr pica a que se mereça no que se finge. As lisonjas que se crem verdades, pagaõse como verdades, & quem he extremofo viuen-do fauorecido, pode se entender que atẽ de a sua conueniencia, mais que aos reales da sua fé; mas quem como eu ama desenganado, mais acredita a sua cõstancia, pois nem as esperanças, nem as lisonjas, nem os fauores o picam, ou o empenham, senam que os dictames dalma, as verdades do coraçam o estimulam. Logo quando mais duuidas da minha fé, melhor asseguras os creditos della.

*Quem do maior fauor desesperado
Firme no mesmo extremo permanece
Padroens na eternidade estabellece
De fino, de constante, & de extremado.*

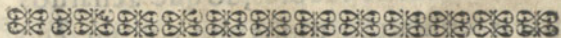
*Quem ama de esperanças enganado
Da fineza os caprichos enuilece,
Aquelle sò os timbres da fé crece
Que ama sem premio, & quer desenganado.*

Ser firme quem se vê fauorecido
Quem espera despacho ser constante,
He ser atento, nam extremecido.

Quem aos golpes do desdem diamante
Nos desenganos brilha mais luzido
Esse requinta os creditos ae amante.

Clay





Saudades de Aonio.

Primeiro suspiro.



Y minhas saudades, não parecéis
 minhas no rigor com que me tra-
 tais. Eu douvos toda a alma, &
 vòs tomais por entretenimento o mar-
 tyrizalla. Eu pretendo com vosco aliuiar
 meus males, & vòs só em mos multipli-
 car parece que vos diuertis. Em a tem-
 pestade desta ausencia, eu abraçome com
 vosco, como com a vnica taboa que me
 ficou na tormenta, & vòs me conduzis a
 mayores naufragios. Ruina he o que es-
 pereei reparo; mas y abonado està o que
 vos amo, que se eu vos não quizera tanto
 bem, nunca vos me tratareis tanto mal;
 seja saudades, seja, que se o reconhecimẽ-
 to faz mais agradauel o beneficio, a ingra-
 tidão o mostra mais heroico, & eu mais
 prezo

prezo teruos deuedoras, do que acharuos gratas, conheção todos que vos mereço lastimas, posto que vejam que só colho tyrannias. Si, que he estylo do mundo ser mais ingrato o mais deuedor. O receos tyrannos de meu gosto, para que me estais repetindo o ecco que me ameaça semelhante desgraça, quando no mesmo articular da queixa desfarizeo o temor, pois disse que era estylo do mundo, & nam do Ceo, & huma deidade nam segue as semrazoens da terra, quando os caprichos de sua soberania segurão a melhor correspondencia. Não tem hoje que fazer comigo desconfianças de huma fé, desmayos de hum receo, & temores de huma mudança, que me quero todo entregue á doce tyrannia de minhas faudades. Nê desuios sinto, nem choro rigores, só faudades me lastimão, só ausências me magoão, & pellas sentir melhor, tudo o mais deixo de sentir. Isto tem de Aguia a minha pena, que todas as outras gasta: Ay çruel ausencia, não estaua ausente quem

vos chamou paixão, pois não vos sente quem proua que vos sente, que em semelhantes magoas sentimento que não passa os sentidos, tem mais de exagerado, que de actiuo. Humador excessiuamente grande, não sò izenta de outras, mas ainda do sentimento de si mesma.

Tyrannas saudades

Nam digo que vos sinto,

Porque o mesmo sentir

Leuastes nos sentidos.

Deixastesme (que pena)

Sem huma açã de viuo,

Destes o golpe nalma

Tudo leuou consigo.

Se sentir he viuer

Ay (saudades) minto

Se neste apartamento

Me descreuer sentido.

Insensuel sem alma,

Sem vida morto fico

Impossuel à pena

Nam achado do aliuio.

Mas ay, & se estou morto
Como o que falo digo?

O he alma o tormento,

E do que morto viuo:

O desmayo me alenta,

Com o susto me animo,

Que alimentar pezares

He sò do amor capricho.

Se he certo que do amor,

He medida o martyrio,

Nam seja breue, nam

A de amor tam crecido.

Dilate se o tormento

Porque se apure o fino,

Meçase pella pena

Amor tam infinito.

Ay saudades da alma

Sabei que nam consinto,

Que nem por morto escape

A tam fatal perigo.

Ay saudades, ay

Que golpe tam actiuo

Despois de morto (ay si)

Ainda hei de sentillo.

Nam dis contradicam
 Estar morto, & sentindo
 Esteja ao gosto morto,
 Mas fique à pena viuo.

Nam saudades nam
 Em quem nacco tam fino
 Morrer por nam sentir
 Parecerà delicto.

Se com a alma està
 Este amor tam unido
 Tambem se identefique
 Com a alma o martyrio.

Prenda malma o pezar,
 Nam prenda nos sentidos,
 E sejam como a alma
 Eternos meus suspiros.

Saudades sintamos
 Sejam meus olhos rios:
 Pois he meu peito hum Etna
 Desafogue em gemidos.

Repita o ecco queixas
 Quando queixas repito,
 Vejase o que padeço,
 E saiba se o que sinto.

Ay de mim rompendo vem a Alua os negros embuços da noute, sem que possa defatar os de minha tristeza. Já vem aclarando o Sol o Ceo; mas ay a mim só o inferno me mostra, pois sem esperanças de melhor fortuna, nem hum rasgo de luz vejo.

De aljofar matizei o prado em aluiçaras do Sol que vem rayando, eu de lagrimas este sitio, sem poder deuisar os rayos do Sol que adoro. Vfanão se as flores, as aues alaudão, & a mim me martyriza seu aluroço; noua circumstancia de magoa ver tudo alegre estado eu tão triste. Que perguiçoso que fae o Sol.

Mas ay, que appareça me admira, não estranho que tarde. Estaua em os braços de Thetis, donde o tirão violencias de sua obrigação. O leys tirannas, que obrigas a que se deixe o que se idolatra, por acudir ao que se deue nem o Sol se izentou do vosso rigor! O flamante Topasio do Ceo, nacei nacei vfanô, apparecei bizarro, q̄ vos não ha de durar a louçania mais que

que aquillo que tardais em ver outros Soes mais luzidos ; correrà meu bem ne- uadas cortinas a mayores luzes, & à sua vista ficareis treuoas , entam vereis eclip- ses vossas presunçoens, desmayos vossas bizarrias. Ostentai a dourada madeixa de vossos rayos, assoalhai a brilhante pompa de vossas luzes , que eu mais acreditado me considero entre as lagrimas que der- ramo, os suspiros que repito , as magoas em que viuo ; pois vós na gala desluzis a fê, & eu no sentimento acredito o amor. Vós mostraisvos galante quando vos au- sentais, & eu ausente, todo sou penas. Fa- zei cristalino espelho de vossa bizarría ; esse campo de neué, essa derretida prata, & quãdo vos vires com mais alinhó, mais desairoso achareis vosso amor. Diuertido pezar ! ô mal sentida ausencia ! Con- sultar o enfeite da gala, quãdo a alma está tão descomposta ! O quando ha saudades que picão , não ha espelho que diuirta ! Mas ay ditoso vós cuja ausencia se termi- na à breues horas , quicà fazeis do mar

espelho, & vos reuedes nelle, porque suas agoas hão de ser o tumulto de vossa gala. Caminhais contente; porque caminhais a fazer breue a ausencia. O se as faudades vos picão, que poucas horas terá de luz o mundo! Ay de mim, que nem minha ausencia promete fim, nem minhas faudades me permitem alivio.

Não sei quando se ha de acabar meu desterro, nem está na minha mão abreviar o prazo. Ide, ó brilhante alma do dia, ide vffano; pois na pressa consiste o remedio de vossa ausencia, & eu que nem na esperança mereço, fique triste. Esses gigantes de escuma que se presentão na campanha do mar; eissas lanças de cristal creffpo, remedão a borrasca que em meu peito levantão minhas faudades. Aquellas ondas encapelladas que no meyo do mar se enfurecem roncão, porque não chegão á amada praya, mas ay, já entre as areias quebratão a furia. Ditofas vòs que á vista do logro desfazeis a queixa; ay de mim, que as ondas de minhas faudades, como
 não

não pôdem chegar à praya não se quebrão, quebrão raeu coração aonde leuã-tão riguroso temporal. Delli branca escuma dizem que procedeo Venus. Bem pudereis vòs agora, ó claras agoas, representarme outra Deosa de amor mais bella! Ó destas lagrimas, que na realidade são chamas, bem pudera nacer minha amada prenda; si, que no incendio em que morre huma Fenix de amor, bem pudera renacer a Fenix da fermosura.

Aquelle vulto que no meyo do mar a vezes parece, a vezes brama, quiçã que seja algum Delfim amante, ou algum Tritam cioso. Ay entre as agoas vos obriga amor a tanto! Huma mar não basta para aplacar tanto ardor? que serà em meu peito, aonde as chamas humas a outras se encontrão, tudo brazas, tudo incendios, quanto fallo, quanto respiro; si, que as respiraçoens dos Ethnas, & dos Vezuuios, não he ar, sam chamas. Que picado està o mar! Tãful parece perdidofo; tambem mostra querer conjurar-se contra o Ceo,

montes de escuma enlaça para dar a bateria.

Em vão, ó mar, em vão aspiras a subir ao Ceo, he maior a distancia do que a força; está impossivel o vosso valor; podeis cançaruos; porém não podereis chegar. Ay de mim, que imitando portia tão indilcreta, em vão procuro chegar ao Ceo quando me foge. Hum monte subo em outro monte para vencer a distancia cõ a industria; mas ay, minha desgraça he o rayo que termina locura tão inconsiderada. Ay Aues, nestas agoas tendes vosso intertenimento, eu só me entretenho em lagrimas que choro; si, que considerar a causa dellas troca o pezar em aliuio.

Aquella volãte Torre, aquelle Abestruz de pinho, aquella Ilha errante a quem as ondas já consultão para Norte, já despachão para Concha, ô que arriscada voa. Assi foi meu amor correndo ao precipicio sempre vento em popa aos riscos. O que começa a encontralla o vento, ó que os mares a combatem! Assi foi a Nao deste

deste empenho, a penas em o mar largo desatou as vellas, quando hum Tyranno Boreas intentou que desse à costa, quando logo as ondas de mil perseguições se puzerão a encontrarlhe o disignio. O que alentada rompes esses guilhoens que o mar te lança. Assim meu amor rompeo bizarras onças de inconuenientes. Melhor successo te prepare a sorte, ó que empenhada vens para o porto, como dizendo, ou entrar, ou perderme. Assim o protestão minhas saudades, que ou hei de entrar victorioso, ou me hei de perder sentido. O escapa, escapa à tempestade tão desfeita.

Que empenhadas estão as ondas em contrastar tua jornada? Tam vizinha ao porto encontras o perigo. Assim eu quando cuidaua que haueria já liurado das perseguições, as encontrei maiores? O liura, liura de tamanho risco. Já liuraste; ditosa tu, que despois da carranca de huma tormenta, achas os afagos de hum porto aonde descansas. Ay de mim, que lutando cõ as ondas de minhas saudades, na tormẽ-

ta desta ausencia escapo de huma onda
 para lutar cō outra, liuro de Scyla para dar
 em Caribdes. Hercules he meu destino,
 a acção que termina hum risco os multi-
 plica; quando cuido que venci hum peri-
 go, os achio maiores. Outro Sifiso sou cō
 o pezo de minhas faudades: quero ven-
 çer a alpereza desta ausencia, mas he in-
 acefiuel o penhasco, & o descanzo impos-
 siuel.

*O como rompe aquella seta breue
 O mar aonde seu valor escreue!
 Ou Neptuno a respecta,
 Ou para a proya por castigo a deita
 O como de nodada
 Em as azas fiada
 Sem temer as carrancas do mar voa
 Gentil valor? Pois nunca a sorte he boa.
 Como as ondas desfata!
 O como quebra esses grilhoens de prata
 Com que Neptuno já cuida que a prende,
 E se a nam prende, a nam cuidallo aprende
 He pequeno o batel fortes os mares*

(Tudo a mim me retrata em meus pezares)
O vence, vence opposiçam tam braua
Nacida quando o risco se acabaua.
Rompe, rompe esse azul impedimento,
Pois já se muda o vento
E pella popa já te fauorece
O como se parece
Com esta tua dita a minha sorte
Cujó rigor ha de amainar na morte,
Mas ay que digo, nam te desuaeças,
Que quiçã que comigo te pareças
Rompeose a vella, ò que fatal perigo.
Ay, ay batel amigo
De ti me compadeço,
Porque padeces, ay, o que eu padeço
Quando as veillas inchadas
Das esperanças, si, mais bem fundadas
O mar de amar surcaua denodado
Romperãose, eu fiquei desesperado.
Como està outra vez embrauecido
O mar. He que te vè já desualido,
O como o vento crece,
Tudo contra hum caído se embrauece,
Aos barços visinhos pede ajuda,

Porèm quem ha de hauer que a hũ triste acuda?
 Ià esse vento te conduz à praya,
 Que te està dando vays;
 Pois quando inchado pello mar corrias
 Semelhante successo nam temias.
 Mas ay ditoso tu ainda o digo,
 Pois foste venturoso no perigo.
 Vinhas à praya, & posto que em pedaços
 A praya deste os ultimos abraços
 Ay de mim que sem ver a quem adoro
 Suspiro, morro, estallo, sinto & choro,
 Ay quanto encontro, & vejo
 Tudo melhor o passa, tudo inuejo,
 Porque padeco em minhas saudades
 Mayor susto, mais fortes tempestades.

Segundo suspiro.

AY mudemos de sitio saudades, pois
 não podemos mudar de sentimen-
 to, não por diuertir a pena, que quem cui-
 da que póde diuertir seu pensamento bẽ
 alcança a pouca fineza delle.

Não póde diuertirse meu cuidado do
 que

que contempla; porque ama firme. Não podem meus olhos alegrarse no que vê; porque nada achão que vem, não vendo o que amão, mas queixase a praya de que sempre minhas lagrimas a tenham em enchente, & costumada à das agoas estranha a do fogo. Pratiquemos hum pouco cõ as flores deste jardim, com as plantas deste bosque, quiçã que tambem entre ellas ache quem simbolize minhas magoas, encontre quem minhas saudades inuejem. Ay como estais vfanas flores cõ os rayos do Sol que vos alentão. Que vistosas despregais ao vëto as folhas. Assi eu em mais ditoso tempo vfanos na vista do Sol mais bizarro animava as esperanças mais floridas que conheceo amante; hoje murchas, & eu ausente, todo sou sentimentos, todo penas, sem que estas me situam de voar aonde està meu bem; penas só para mortes, não para voos. Ay brancas açucenas, erradamẽte me apregoão guerra vossas folhas; de paz ereis simbolo, & agora o sois de minha morte. Parece que to-

mais

mais a mão às flores para representarme huma cristalina, huma animada açucena, hũa mão em quem a natureza deitou tanto o resto, que deu muito que inuejar às perfeçoens. Mas ay semtazão he de minha sorte, que quando os outros amantes se entretêm com o retrato de suas prendas, a mim me martyrize o que aos demais alivia; mas ay discretas saudades minhas, bem fazeis em não vos diuertir com o proprio aliuio que entretêm aos outros; porque como a causa he differente de todas, razam he que tambem os effeitos sejam differentes. Circunstancia seja de noua magoa a occasião do aliuio; quando os outros se diuertem, me entreticei vós mais que os mesmos motiuos de se aliuir, deue fazer meu amor razões para intristecerse. Nam haja instante que se veja diuertido, quem sempre deue estar magoado, que implicação contradicção olhos diuertidos, & coração saudoso.

Aquella roza a quem agora o vento la-
ciuamente

ciuamente brando derribou algumas folhas, me representa as que em o campo de neué da minha amada prenda desfolhou a natureza. Aquelle crauo me está pedindo que o ache retrato de seus beijos, porém não he tão vulgar a perfeiçam delles.

O memorias de huma ventura, que magoais passada, deuendo diuertirme na lembrança de possuida. Ay isso remeda aquella Aranha que da mesma flor que a Abelha fabrica o mel, tira a peçonha, assi minha memoria da flor de huma dita constroe a peçonha que me mata. Ay glorias de amor, apenas vistas quando já perdidas, Efimeras breues que aos termos de hum dia se limita vossa pompa! O tyrança ausencia, ó crueis saudades, pois tudo me roubastes, despojame tambem destas memorias! O percaas, percaas quem tudo tem perdido, & he nouo modo de tyrannia leuar o que me animaua, & deixarme sómente o que me mata. O vós candidos jasmims, tempo sei eu, que dandome hús
o idolo

o idolo de meu cuidado ao tomallos não
o sabia distinguir dos dedos. Ay, & como
ficais vfanos com este gauo, pois abatei os
brios que foi enagenação de meu amor,
& não embaraço de vossa semelhança.
Aquelles junquillos, vi eu ontẽ os mais
vistosos, & agora quebrados, & abatidos
ao chão, dizem quam facilmente quebra
humã dita, se acaba humã prosperidade;
pois isto he murcharse humã flor, quiçã
me estejão agora dando liçoens de cordu-
ra, ou vayas de sentido; pois ontem vfa-
nos, hoje derribados, tam para vistosos
õntem, hoje tam desprezados, ontẽ a pre-
função do bosque, hoje a lastima delle,
parece que me estão dizendo: Que estra-
nhas necio amante, murcharse humã flor,
troncarse humã dita; este he o estylo das
felicidades do mundo acabarem quando
se cuida que começão, se lhe esperaste
mais duração, engano foi de teu discurs-
so, não rigor da sorte. A todos dà exem-
plo esta Republica de flores, auisos damos
do pouco que duram os bens; lede vós o
que

que nós escreuemos. Aos eclipses de hũ Sol. aos desmayos de huma flor, acenda o mundo a luz da razão, & acharà defenganos. Ay a lemos frondosos, com quanta mais razão que quando Hercules entrou no inferno coroado dellas, deuem agora vossas folhas tornarse todas escuras, como defumadas, offendidas dos incendios de minha respiração. Na diuersidade dellas, noto varias circunstantias de minha sorte, que se vós simbolizais o tempo, essas folhas por hũa parte brancas, & por outra negras minhas glorias dizem, explicão minhas penas. As brancas dizem que já tiue dias venturosos; as negras dizem que tudo hoje he triste noute para mim; si que ausentes do Sol tambem vós ò flores viueis sem alegria que sempre faz estes effeitos a ausencia em quem sabe amar, posto que não possa sentir.

Ao vento que vos combate, vos humilhais; ò juncos a quem rega esta fita de prata com que se enfeita o prado, & quando furioso arranca as arvores que mais se animão

nimão a resistir-lhe, a vós nam fazem mais dano que dobrar-vos. Poderà o vento de huma, & outra perseguição combater-me embrauecido, porèm não ha de derribar-me vitorioso, quiçà vendo a fogueira cõ que me humilho às penas, mude para outra parte a bateria. Mas ay que he isto ô flores? Mas ay que foi isto o plantas. De verme triste vos entristeceis, como he possiuel que encontre o aliuio de huma lastima, quem ha tanto que luta só com tyrannias. Mas ay não he compaixão de minhas magoas, sentimento he de vossas perdas. Poz-se o Sol, & já começais a sentir ausencias suas; agora que o Sol se deixaua ver, se escondeo. Ditas do mundo q̃ se mostrão para vos empenhar, & logo fogem para martyrizar-vos! Que he isto, ô branca açucena, já encolheis a gala? q̃ he isto ô purpurea roza, murchais a bizatria? Quê de vossa alegria ò prado? cristaes, aonde està vosso rizo? Tudo trocou em apparencias tristes a ameaça não mais de huma ausencia. Ay de mim triste, o Sol

ainda

ainda agora se aparta, a dezhoras de ausencia se terminão vossas magoas, porèm minhas saudades mayores rigores dizem. Naceo hum dia o Sol, pozse outro, naceirão muitos, todos se puzerão sem eu ver a cara ao dia, sempre em treuoas meu pensamento. Passa huma, & outra semana, acaba hum mez, & passase outro, & eu sem ver o Sol que adoro. Deixai para mim, ó flores o sentimento, pois toda a perda he minha, antes a consideração de minha fortuna deue aliuiar os desmayos de vossa ausencia, pois à medida da minha pudera dilatarse a eternidades, & vós, ó musicas Aues, suspendei a suauidade de vosso cánto. Se sois musicos da capella do Sol, como quando elle se retira, vós cantais? O não vos veja alegres quem vos acha ausentes, que he affectar tyrannias cantardes vós ao mesmo som que eu choro; mas ay quereis duplicarme as magoas vendo que tudo se diuerte, & só eu nam posso diuertirme,

E vòs minha flor canora
 Como com tal melodia
 Vendo que se ausenta o dia
 Cantais quando o prazo chora.

Suspendei a voz sonora
 O musico Rouxinol
 Esperai que naça o Sol
 Vede tudo tam trocado
 Como està triste este prado
 Murcho aquelle girasol.

De meu amor aprendei
 'A saberes ser amante
 Liçoes de fino constante
 Rouxinol eu as darei.

A todos ensinarei
 'Amantes pontualidades
 'As mais sinceras verdades,
 'As mais eroicas finzas,
 'As mais profundas tristezas,
 'As mais tristes saudades.

Mas ay o voo detende
 Não vos arrojais ao risco
 Fugi (ay) fugi ao visco
 Que nesse ramo vos prende

Bateis as azas? Pois tende
 Paciencia. Que fazeis?
 Olhay que mais vos prendeis.
 Perdestes a liberdade.
 O perdeilhe a saudade
 Nunca mais a lograreis.

Mas ay Rouxinol amigo
 Quando catiuo vos vejo
 Ainda assi vos inuejo
 E vossa sorte bem digo.
 O consolaiuos comigo
 Mayores meus males sam;
 Que em mais aspera prizam
 Nam com cantos me entretenho
 Na ausencia a masmorra tenho,
 Nas saudades grilham.

Ay huma Ave de Rapina
 Esses ares vem ferindo
 As garras vem esgremindo
 Contra ti (Ay que mo fina)
 A seu bucho se destina
 Ia faz rigurosa presa
 Em hum tronco ja faz mesa
 Ay que ja se despedaça,

De ti se desembaraça?

Que rigor? Ay que asperesa?

Ditofo tu que acabaste

De hum golpe, mas ay de mim

Que não tendo os golpes fim,

Noõ ha hum golpe que baste

De huma ferida espiraste,

Eu nam de tantas feridas.

Porque em penas mais crecidas

Padeça por varias sortes

Em huma uniam de mortes

Muitas mortes diuididas.

Terceiro suspiro.

AY muito ha que para mim he noute,
 agora começa ao ser para os outros.
 Nenhuma estrella apparece em o Ceo, sen-
 do que todas nelle estão. Assi vos, ò do-
 ce suspensão de meus sentidos, em meu
 coração estais, posto que meus olhos vos
 não vem. Muito combatem os ventos es-
 tes mares; mas he certo que a bateria, se
 turba as agoas, os leuanta. Assi a tempesta-
 de de tantas perseguições se perturba meu
 gosto, com euidencia se vé que sobe de

ponto os quilates de meu amor. Já a nou-
te tira o aparador das Estrellas. Que bri-
lhantes que saem: Muitos de vós, ó fla-
mantes Astros, foubestes de amor, expe-
rientastes penas. O lastimemos agora
as que padeco. Por menores acçoens a
muitos de vós puzerão em o Ceo, bem
merecia meu amor por prodigioso, &
por fino, ser colocado em o Ceo por
estrella, & sempre o fora fixa. O queira a
forte que tenham minhas finezas bõ lugar
em o Ceo da minha Venus entre as estrel-
las de seus olhos, que se huma estrella be-
nigna he prosperidade certa, que seram
duas propicias? Que será hum Sol afecto?
Que clara aparece a Lua? menor he que
cada qual das Estrellas, mas achaa maior
a terra, porque está mais perto, que ó per-
tosamão os homens. Não eu querido em-
prego dalma, que a maiordistancia nam
diminue a estimação que faço de tuas
prendas; he tam certo o conceito que
dellas tenho, que nam posso fazer caso
das que de mais perto vejo. Proprieda-

de he do Sol acanhar as de mais luzes; mas he quando aparece. Tu todas as luzes eclipfas quando mais te occultas ou he, q̄ sempre meus olhos te tẽ presente, ou que basta a memoria de tuas prendas para desluzir o mais. Ay enganada Cintia, sem duuida que vindes tão toucada de estrellas, tam vestida de luzes por cuidar que podereis lograr os braços do vosso Endimiam ditoso. O nam, que já a inueja vos impedio os logros, & lhe tirou a vida. Lutos deuem ser de sua morte as luzes de vossa gala, que o melhor affeo de huma pena, he o desalinho. Mas ay, que bem soubestes de sua morte; mas he que o tempo aliuiou a dôr. Só eu sei amar fino, não diuertir pezares. Ay de mim que com os dias crece meu sentimento, & tenho de mais triste o que de mais ausente:

Chea appareceis agora, ó Lua, retrato ao viuo de minha desgraça, que está no maior auge. Nem seu rigor pôde ser mais, nem maior a minha magoa. Esse bem tenho entre tantos males, que já estes nam
podem

podê ser maiores, nê tenho mais q̄ temer; pois não ha mais que sentir. Huma nuuê agora vos escurece. Assi minha ventura quando estaua mais luzida, veyo a nuuem negra de huma ausencia, & a escureceo o que quieta està a noute; sô as vezes os ronços do mar fazem ruidos, em mayor silencio o passo tam pasmados os sentidos, que só pello rasto de algum suspiro podê verse em mim vislumbres de viuo. O que encontrada està a fortuna com meus pesares. Quando eu choro minhas saudades, repicam à festas? Aquella exalçam errada que rompendo os ares parece vai blasonar à esfera do fogo, de que tãbem a terra fulmina rayos, he meu pensamento, que ardendo se leuanta à comtemplarte, amada prenda minha. Aquelle que se desfas em l-grimas que outra cousa he senam descreuer as propriedades de meu amante pensamento, sobe a comtemplarte fino, assiste constante; lembrame o que perco de glorias nesta ausencia; pica a memoria na vea das saudades,

dades, & saem as lagrimas que derramo que saem sangue do coração, & como os incendios em que este se abraza o fazem hum Mongibello, são as lagrimas chamas, & eu em vam te chamo; pois furda a minhas vozes nem com a menor lastima as respondes. Mas ay nam he este o tempo (vnico feitiço de meu amor) para sentir rigores ou chorar descuidos; só minhas saudades quero sentir que nam basta para desempenho de minha fé não suspender o sentimento, senam que importa tambem nam variar a causa.

Naõ quero dar lugar a outra queixa, antes me conuê supor q̄ esta ausência me impede o mayor logro para q̄ aly esteja mais justificado o rigor de minhas saudades.

Hum ausente esquecido mais deue sentir o esquecimento, do que a ausencia; pois esta lhe nam impede as venturas, aquelle si. Quem viue desconfiado na ausencia, menos ha de sentir as saudades; porque a causa que tem para a desconfiança, ou lhe furta a pena ou lha diuerte.

Hum ciolo ausente sente a ausencia não só por ausencia, senão também por occasião do aggrauo, & em fim hum esquecido, hum desconfiado, & hum ciolo tem no esquecimento, na desconfiança, & no ciume quem lhe diuirta o sentimento, & lhe embarace as saudades; só esse as sente de verdade. Affi eu para que minhas saudades me achem mais desembaraçado para as chorar, nem a temor do esquecimento, nem a impulsos de desconfiança, nem a repiques de ciumes dou lugar; porque me hão mister todo minhas saudades, & não quero que fique diminuto o sentimento que deuo a ellas repartindoo por outros affectos.

Querida eleuação dalma, nada de quanto vejo me diuerte, q̄ olhos q̄ pódẽ diuertirse licença trazẽ do coração para serem falsos.

Tudo para quanto olho, me representa nouas magoas. Nada me desperta memorias de tuas prēdas, porque estaõ muy alerta sempre de contemplarte viuo da mesma lembrança que me mata, tomo os alētos

alentos que me animão, que não he nouo ardid em os achaques da alma fazer da mesma peçonha triaga.

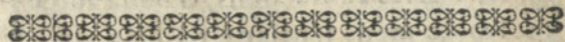
Quanto este mar discorre, quanto aquella bosque encerra, quanto nesta noue te passa, tudo em mim he motiuo de nouos sentimentos, já vendo sua alegria na bonança à vista de meus desmayos nesta ausencia, já vendo suas penas nos infortunnios tam inferiores a meu sentimento em minhas saudades.

*Vòs foreis Astros sendo mais brilhantes,
Vòs serieis a ser multiplicados
Alguarismo, & retrato a meus cuidados,
Mas vòs sois menos, elles mais flamantes.*

*Pois menos vejo em vòs quanto em amantes
Meus firmes pensamentos retratados,
Nam ten les disso indicios abonados
Pois ausentes estais mais radiantes.*

*Estam do vosso Sol no mar os rayos
E vòs lançais a mais lustro, a tella
Nam saam esses de fé nobres ensayos.*

*De mim po deis, ò luzes, aprendella
Quando entre lustres vòs, eu em desmayos
Vòs na ausencia lusis, eu morro nella,*

*Quinta essencia de amor.**Verdades abonadas no segredo.**A M desluzaes ò nam meu pensamêto
Tanto extremo de amor acreditado
Na mudez de hum silencio exagerado**Fundar no desluzido o luzimento.**Aggraua a dor gauar o sofrimento**O encarecido offende meu cuidado**Mais vos abona o menos abonado**Mais sente quem dis menos sentimento.**Do sentir mais sentido a ley me ordena**Que reconcentre o peito quanto sente**Sem que esta pena a alma fie à pena.**Se na queixa respira a dor vehemente**A maior magoa a sorte me condena**Que hum breue respirar me nam consente.*

EM mudas adoraçoens, ò bella suspê-
 fão de meus sentidos, te diz a alma;
 quãto o respeito encobre. Em altar ocul-
 to, culto te offerecem minhas potencias.
 Não profana a lingua veneraçõs taõ estu-
 dadas, não põe a pena silencios taõ pro-
 metidos. Hydropico de martyrios meu
 peito os retem todos, para que vaidos o-
 brem mais violentos, porque espalhados,
 não combataõ menos efficazes. Ambi-
 cioso de tormentos que tem taõ bella a
 causa, nem a lingua, nem à pena fia bre-
 ues noticias de adoraçoens tamanhas.
 Não quero que pareça esperança de galar-
 daõ o alardeat finez s.

Que busca alguma esperança

Lo que sale de silencio.

Não quero que se cuide vangloria de
 meu tormento, habilitarse de mayor na
 desatenção da paga; porque me entreguei
 taõ medroso a este desuelo, que

Padecer du'té temiendo

Sí era arrogancia el dolor.

Batalhem renhidamente porfiados os

mais

mais prezumidos de extremosos, se pôde amar-se sem esperança, que eu em amorosas experiencias tenho achado que só cõ o gosto deuem os olhos consultar o rendimento. A mim o superior das prendas me sogeita não o facil da condiçãõ, ou a possibilidade do logro, amo o que me pareceo melhor, amo o que vi mais digno de ser amado.

Esto es amar, y lo demás amarse.

Amor que espera lograr, quer por conueniencia, amante que pretende, mais he para mercador que para amante. Quê se queixa aggraua o sentimento. Tal ves a esperança estimula a vontade, muitas a pretençaõ, estuda as lisonjas, não poucas, he a queixa razaõ de estado não dictame dalma. Pois amor, não esperemos não pretendamos, nem nos queixemos. Não deslusa a esperança o fino de tanto amar, não faça a pretençaõ sospeitosa a mayor finela; não desminta a queixa a mayor vfanía, acomode-se a alma a querer sem que desares de comuns deslístres descomponhaõ çaprichos da maior bisarria.

Causa peregrina de taõ peregrinos effeitos, empenho foi de minha estrella o adorarte; pois para que hei de expor-me ao dezar de cuidar-se que foi o emprego lisonja da esperança, ou esperança do logro credito de bõ gosto foi o discreto deste emprego; pois para q̄ ha de arriscar-se, a pretensão a q̄ se prezumaõ minhas adorações grangearia do appetite, & não eleição da alma? Se te amo só por amarte, não quero que se imagine que te solicito por te obrigar; se a mayor exaggeração de minhas palavras ha de fazer sospeitosa a verdade dellas o não as articule meu amor, calado abone quanto desfluzira encarecido sô as mentiras buscaõ enfeites que as dissimule; só lisonjas cuidaõ de artificio que as doure. Minhas verdades defendhaõ toda a composição lisonja ditas podiam só acreditar meu querer, mas ainda recusa a singella explicação dellas, porque se não cuide que trato de obrigar cõ palavras a quem adoro com estremecimentos, o não desflusa pouco dizer tanto sentir, aualiar-se ha minha fé pello pou-

co que digo, & não pello muito que amo, & como a eloquencia he tão inferior ao affecto, ficará este perdendo por mal explicado os creditos que merece por tão fino. Não quero fiar os primores de meu amar da rusticidade de meu dizer, ó que não he a lingua instrumento capaz da mayor fineza da alma. O que huma pena não pôde explicar tantas glorias, nem he bem que pensamentos tão soberanos se exponhaõ a murmuraçoens commuas. Nas estatuas que fasia dos Deoses punha Silenno os nomes no concauo da figura, não na exterioridade della, si, que não deuem fiarse tamanhas soberanias de atençoens vulgares. Teu nome doce feitiço de meus pensamentos graua meu amor no intimo da alma, com tanto respeito, tanta veneraçãõ que se nega ao soborno de o ouuir só por tratar de que se não saiba. A boca o não articula, os ouvidos o ignoraõ embargo a alma estas noticias, só para si quer a gloria de te amar, & de o saber. Nem tu has de sabello ou porque não ri-
nhas a teus olhos o ocio de tão piquena

vitoria, ou porque não te persuadas que esse alardear finezas será dispor esperanças.

Quando leuara alma ainda procura

As penas, & o segredo á sepultura.

Alientem todos que nam pôde ser amante de verdade, o que nam anhelar a sua correspondencia.

Eu nam proponho maximas geraes, afirmo conclusões particulares, & acho que bem posso ser amante sem desejo de ser amado. Quem fez tamanho emprego já parece que perdoou a gloria de correspondido, ou por não offender o que adora com a esperança, ou porque os impossiveis se não desejão, & assi fico de uendo a meu destino, alhanandome as adorações impossibilitarme as offensas. Quanto maior he o objecto, mais empenha em ser amado, & quanto mais se desigualava com soberania, mais vai dificultando a esperança. A hum mesmo tempo (vnico emprego da alma) te vi superior à todas as mais bellezas. *Vive a alma muy,*
vesi

vefinha dos olhos. Cuidei que se affomava a elles para verte, & foi para adorarte; fui para consultar o empenho, & já estaua empenhado, que muito que em materias de querer se adiante a vontade ao entendimento, se antecipem os affectos aos discursos? Não he muito se ponha mais da parte dos olhos, que da esperança. Os interesses consultão se com a esperança, as adorações com a vista; fora simonia dar-se o emprego espirital de hũa alma pello interesse da paga.

Amar só por amar, he capricho de meu empenho, he o timbre de minhas adorações. Antes tenho muito que agradecer a meu desuelo, não dar entrada à menor esperança, ou a quem adoro não permitilla, pois me fica amor liutando dos piques de hum desejo, do martyrio de hũa repulla do sentimento de hum desuio, de baldar as petições de hum carinho, pois está meu amor tão soberano por fino, tão diuino por independente, que nam o picão desuellos, não o martyri-

N

zão

zão defenganos , nem o sobornão lisonjas.

Amarte por amarte

'Adorado feitiço

He da minha alma empenho

De meu amor capricho.

Diserte sem falarte

'A sorte de que viuo

He primor ao respeito

He da fineza arbitrio.

Em cobardes mudeses

Mais fino amor te explico

Que amor quanto gigante

Entam he mais menino.

O como falo mudo

Mais digo o que nam digo

Si que amor no cobarde

Se requinta de fino

Nam saibam nam teus olhos

Que huma alma lhe dedico

Que para tantas luzes

He pouco sacrificio.

Medroso do que offereço

Mais do que presumido.

Nam o cuidado fineza
Occulto si delirio.

Ay amorosas ancias
Passais a ser prodigio
~~Mas amor,~~ ou nam he
Ou chega a ser delirio.

Como serà discreto
Amor não entendido
Mas amor bacharel
Nunca foi amor fino.

Se não digo o que te amo
Nam diràs nam que o finjo
Que he de falso suspeito
Quanto busca artificio.

Mais logo quando mudo
Verdades acredito
Pois calando o que passo
Nam se dirà que minto.

Disei mudos affectos
Quanto ao silencio liuro
Que sò nam o diser
O deixa encarecido.

A agoa que cã experimentamos tão pesada

fada, he leue em seu centro; o fogo que he tão voraz, & tão inquieto, em sua esfera está socegado. Centro são das lagrimas meus olhos, & por isso lhe são leues, esfera he meu peito do mesmo fogo, & assi nelle está tão quieto. Esta he a causa amada prenda porque me não affige o que choro, nem formo queixas do que me abraço.

Quando as lagrimas são forçadas, serão custosas, quando as chamas estiuere violentadas viuirão inquietas, mas como a alma está tanto da parte deste empenho, abraça as violencias de sorte que nada fica violento, & assi nem me custa o dissimulo, nem o amantre me lastima.

Vfano de tão nobre catiuei o a cadeia que deuia pender os pés, a ponho na alma, he adorno o que se forjou para grilhões, habito he de Tufam com que se honra o peito, mal logo posso dar queixas do q me acredita, grande semrazão fora que os mesmos fauores que recebo os quizesse vender por finezas,

Pouca justiça terá a Borboleta quando queira pôr a ação à luz de hũa vella perdindolhe sua morte, pois ella de si mesma quiz buscála, antepondo à vida hum morrer si mante.

Quando a erua Gigante alegar ao Sol, seguir seus raios embebecida, murcharse triste na ausencia delles, pouca satisfação lhe deu o Planeta Rey, pois seguir suas luzes foi acreditar o bom gosto, demais que assistir ao que se ama he logro, sentir ausencias suas he força, & a dita, & o preciso não sei como possão ser finezas Quando eu intente (ó grande satisfação das mais eleuadas ideas) alegarte que Borboleta de tuas luzes me abraço nellas, diràs que quando hum gusaninho toma por capricho em desprezo da vida honrar-se cõ morte tão luzida não vem a ser fineza, que tendo mais discurso siga o mesmo rumo, se quizer encarecerte que Clície de teus olhos siga teus raios como primeiro mouel de todas minhas acçoens, te riràs do fantastico deste blazonar, pois quero

aualiarte por fineza o que obro por gosto, pois quero venderte por extremo digão da maior satisfação o que sem interesse obra hũa flor. Diràs que se te adoro, querer assistirte sempre he mais comodidade para meu gosto que fineza com tua fermosura, quando em tua ausencia me descreuer sentido, me lastimar magoado, diràs então, amada prenda minha, que sentir a perda de hũa ventura he cuidar de minhas conueniencias, não lisonjear tuas prendas. Nada te obrigo quando mais te adoro, pois se ostentar as maiores finezas na vangloria de seres tu a causa dellas, colherei mui anticipado o galardão, isso me deueràs, que até de ti mesmo occulto meus extremos, mas ay, nem isso he diuida em que tu me estejas, nem isso seirá fineza que eu por ti obre. Pedir o que se sabe que não ha de alcançarse, he querer baldar as supplicas, he apurar a paciencia, não lisonjear a esperança, he buscar hum desfar, solicitar hũa pena. Não vem logo a ser extremo para encarecido deixar de
per

pertender o que sei que não posso conseguir. Nisto obro razoado, não fino, & assi viuo mais descansado.

Como no pido, no espero,

Como no espero, no pido.

Se te explicára meu rendimento, empenhauame em desculpar o arrojado de tamanha acção, com causa puderas culpar minha temeridade, pois vinha a ser delicto remontar tanto a vista.

Que son de sagradas luzes

Offensas las atenciones.

Pois melhor arbitrio he negar o empenho por fugir á nota, por escusar a desculpa, amar o melhor, he ter bom gosto, & este mais se acredita quando as prēdas que elege são mais releuantes. Amar não he offēla, jura a alma de superior o sogeito a quem se rende. O reconhecimento da moioria diz vassallaje, não agrauo; só confessar esse amor, ostentar esse querer, alardear essa fineza, será delicto, será offensa, será agrauo, pois não offenda eu dizendo o que adorando aplaudo, obre

meu amor as maiores finezas, que só callandose brilharão melhor, fiadas ao silencio que as oculte, entregues ao descuido que dissimule, melhor se gravarão nos bronzes, se estamparão nas memorias, & quando em as demonstraçoens de meu amor aueriguarem finezas tão dissimuladas, aplaudirão hum amor tão fino, que chegando a prodigioso, se sustenta mudo, & vendose os extremos, se ignora a causa delles. Descontase a gloria de amar-te cõ a pena de offenderte, sem duuida que auerigua a alma que te agrava o adorarte, pois tanto se empenha em occultar que te adora. Mas ay, eu não te offendo no que idolatro, mais digo; o adorarte não he acção minha, o impulso he de tua fermosura a obediencia he de minha vontade. Pois obedecer teus decretos, como pòde ser culpa quando não seja merito?

Desuaecido o vapor simbolo do mais humilde sobe ao Sol, centro das mayores luzes.

Tente vapor grosseiro, sobes tam altis
uo,

uõ , como se ouueras de encastoarte no Ceo por Estrellas; se solicitas tecer grinaldas ao Sol, bottoes saõ de suas luzes teus aplausos; olha que offendido de tuas temeridades te ha de arrojãr exhalacão desuaecida , ou desfeito em agoa lagrimas a que quicã te destina o arrependimento, mas ay que estou ouuindo que respondes. Nam culpes, nam que voe remontado; essa que te pareceo temeridade de meu desuaecimento foi primor de minha obediencia. Formoume o Sol leuantaraõme seus rayos, obedeci suas influencias sem atender a riscos de ruinas proprias. Se foi ruim modo de agradecimento tecer nuem o que deuia aplauso a culpa, temna o Sol que me arrebatou à buscallo , a desculpa está na obediencia que deuo à suas luses.

Animado Sol, flamante luz. Vapor he meu pensamento, à tua fermosura deue todo o lustre, se te offende no que se atreue, se te agraua o que sobe, teus rayos o atrahem, elle obedecelhe, se achas que he
dezar

dezar de tuas prendas aplauso tam humilde, tinha à teus olhos tam abatido emprego, a elles seja a reprehensam pois delles foia culpa, sofram o desfacato, pois eu me acomodo aos incendios, perdoem me os voos, pois eu me abalanço às ruinas, & se meu pensamento he filho de tua fermosura, bem pode ele em té deste parentesco anhelar a gloria de ser despojos della, sem que o arrojio se aualie temeridade. Si que se amor me desculpa, quem poderá culparme?

Nunca em amores defeto

Lo que es effeçto de amor.

Tomou certo cortesam por empresa huma Aguia fitando a vista em o Sol, & desia a letra que por gosarem os olhos tamanha vista ardesse embora a pena das azas. Seu foi o capricho, a verdade minha. Bem sei querido encanto de meus pensamentos que ha de abraçarme a pena de meu desvanimento, mas arda tudo, a troco de que meus olhos logrem o bem de tua vista meu cuidado a gloria de contemplarte;

templarte; mas ay ainda sobe de ponto a finesa de meu querer, & o abono no que parece que o desminto; pois nam sollicito tua vista, nem te explico os effectos della.

Essa acção tem mais de fina que menos de interessada, nam se pode chamar finesa a que nam encontra conueniencias proprias; cuidar dellas, nam he accam para a legada, dezar si para discredito; sollicitar tua vista, quando mais te adoro, fora grangear hum agrado aos olhos, huma gloria aos sentidos, & sendo commodidade, mal podia chamar-se finesa; Nam buscar o que adoro, desatender do que me agrada, essa he a maior finesa, o extremo mais para encarecido, pois encontro todas as conueniencias de meu gosto por abonar os primores de huma alma; mais atendo aos caprichos desta, que ao aluoroço dos sentidos, si que este amor vnio se com a alma não se collocou em os olhos, abriram he elles portas ao incendio; mas este como rayo espiritual sem fazer caso
das

das partes corporaes , no espirito logrou
 todo o golpe, nelle executou a sanha to-
 da; mas ay isto soa á queixa, & eu só de-
 no agradecimentos; pois nas ruinas de
 huma alma, lanço os alicerces para o cre-
 dito de minha fama.

Segunda Troya sois

Amante pensamento.

Pois vos honram ruinas

Vos illustram incendios.

O mortal de huma pena

Vos sollicita o termo;

Dispensa eternidades

Bem sentido hum tormento.

Pouco sabe de amar

Quem recusa os desuelos

Que padecer amando

He da dor refrigerio

Duplicate a sorte estoruos

Que eu agora os não temo

Para amar nam os ha

O ser amado he menos.

Profiga minha estrella

Influxos tam aduersos

Que

Que nam ha mister dita
 Quem tentaes pensamentos.

Nam facaes do penar
 Alhum merecimento;
 Porque se a pena he gloria
 A mesma pena he premio.

Felice (ay amo) si.
 No infelice a ser venho;
 Pois me prouo mais sino
 Quando mais desespero.

Nam ser correspondido
 A bona meus empregos
 Ser a paga impossivel
 Apura meus affectos.

Mais te amo pella prenda
 Quando nada pretendo
 Amoo que tu és
 E nam o que eu spero.

Por me abovar de firme
 Satisfaçoens desdenho
 Quanto o querer he mais
 Sempre o lograr he menos.

Todos os mais amantes
 Acreditem requebros.

*Solicitem carinhos**Que eu sò querer te quero.*

Quem quer mais nada quer; esse quer mais, que quer menos Paradoxos parecem, & são verdades. Quem quer mais que querer, pretende, não ama.

Quem não diz o que ama, he certo que não pretende mais do que amar. pensamentos occultos adoraçoens secretas não podem cuidar-se ardis do fingimento, ostentaçoens da pretensão, bem se prouão prodigios da fé Mais obriga hum amor que ainda desdenha o obrigar, bem se vé que ama por amar, não pello logro.

Vnico branco de todos meus pensamētos, se algum suspiro rompe meu silencio, não o presumas ancia do que padeço, ou esperança de obrigarte com o que occulto, he que sinto não ter mais que huma alma para ofertarte, he que me magoa não merecer mais para poder blasonar de tamanho pensamento; occultese de indigno que ha de eternisar-se de constante. Vtano
yiuo,

viuo, quando considero que viuo teu, nã
o calante meus cuidados vem à ser fine-
sa, arbitrio he de melhor discurso, he for-
ça que te julgues offendida vendote ado-
rada de tão indigno amante, & eu não
quero arriscarme a que me ordenes que
deixe de te amar, porque ainda que co-
nheço que não será possiuel, tambem al-
canço que impossueis ha de fazer meu
amor por te obedecer, & deixar de amar-
te, ou de obedecer-te, ambas cousas pas-
saõ de custosas a impossueis. & qualquer
dellaseria dezar grande de meu amor es-
quecendo o que quero, ou não obede-
cendo a quem adoro. Limite-se pois de
considerado na esfera do segredo, pois se
eternisa fino na desatenção da paga.

Não pode ser cobardia o não conqui-
star, quando he temeridade de hum pen-
samento, quando lo mais escala as esferas,
& se remonta ao Ceo he culpa.

El perder por temerario

Desdichas son que no offensas.

As idolatrias de hum pensamento não

offen-

offendem quando mais se remontão ; lisonjas que enganão, & ainda verdades que pretendem seraõ offensas a deidades superiores , mas sacrificios ocultos adorações secretas, suspiros não declarados, ansias disimuladas tributos saõ, nam aggrauo, prouão à soberania que adorão ; não se atreuendo a esperança a apadrinhalos melhoros encarece a veneração que os recata, se a esperança lisonjea, he facil o custoso do mayor desuello, se a pretensão mente legros, saõ suas ues todos os custos ; mas amar quem não espera , querer quem não pretende, grande prodigio he de fineza.

Não pretender o que se ama, tal vez he o melhor arbitrio de o pretêder, não querendo obrigar para mais obrigar ; si, que obrigar desobrigando he já treta sabida.

Não encarecer as finezas que se obraõ, he muitas vezes o ardid de as exagerar melhor ; se o cuidado està entendido, bẽ se conhece que o não pretender he traça, o não se abonar estratagemas em pensamentos

famentos conhecidos tãbem são conhecidas as finezas penetrada a causa, a ella se atribuem os effeitos todos, & indo conhecidos, vão mais acreditados por não assoalhados, mas quem encobre seu pensamento da mesma prenda que adora, que recata seu cuidado do proprio que estima, bem proua o desinteresse, bem se vê que não trata de obrigar.

Nem pareça fineza o deixar de pretender o ser amado, que essa ancia que querê seja inseparavel do amor, a desmente a pretensão. Solicitar catinhos com amorosos rendimentos, he comprar o fauor; não merecello, isso então será a agradecimento, não amor. Pagar finezas com finezas por se deuerem, não he pagallas. Nam paga amando quem ama; porque deue amar, si, que o agradecimento não he amor, este he hum entrego da alma, aquelle he hũa acção de graças.

O amar, he hum querer à pessoa, o agradecer he hum amar o beneficio, ser agradecido he ser honrado, ser amante, he

ser fino. Venerar o que se deue, he ser p^otual, não amante. Antes amar de agradecido parece que he aborrecer.

Amar por obrigação
Es modo de aborrecer. mente

Pouco logo faço em não agenciar a gloria de admitido a titulo do agradecimento que se deue a minhas finezas, & quando hum reconhecimento agradecido bastara para satisfação de hum amar prodigioso, sendo o amar te, ò bella suspenção da alma, diuida em que os corações estão à tua fermosura, como pôde ser merito em minha vontade, o que he violencia de tuas prendas, se quizera abonarte meu amor, sendo forçado que te obriga? & se não te obrigo, que me deues?

Amoroso cuidado

Amoroso no extremo que occultado

E occultado (si) com tal extremo

Que do mesmo silencio o ruido temo,

Que só da alma vos fio

E dos mesmos sentidos vos desuo

Com tal veneração, com tanto medo
 Que parece descuido, & he segredo
 Não vos mostreis queixoso
 De que não vos abone de amoroso
 Não vos deis por sentido
 De que não trate o veruos admitido
 Porque eu misterioso no descuido
 Assi melhor de vosso abono cuida
 Melhor assi vos explicaes amante
 Contentaiuos com timbres de constante
 Deixai os de ditoso

Que amar fino não he ser venturoso.
 Não vos queixeis o não de desuelado
 Agradeceime estar bem empregado
 Sendo a causa tão bella
 Mais val o padecer sò por querela
 Que gosar a ventura mais subida
 Si que dispensa glorias, no querida
 Si que logro ventagens no extremofo
 E sem ser admitido sou ditoso
 Já felice me vejo

Pois o capricho a men cuidado inuejo:
 Pois cuidado segredo não se diga
 Qua quer mais galardão vossa fidiga

Que tam nobre tormento
Que he paga do desuello o pensamento
E vòs ò prenda a quem oculto adoro
Tanto que ainda eu parece que o ignoro
De idade (si) que tam cortex venero
Que o respeito se iguala ao que vos quero
Sempre dalma sereis a mais querida
De meu osco dizer nunca offendida
E no peito grauada
Aueis de ficar nelle eternisada
E grauada em meu peito
Vos fara sacrificios meu respeito
Nas aras da vontade
Serà victima vossa liberdade
E a vossos pes prostrada
A alma dirà muito, a boea nada.

Magoas de Lisardo, no achaque,
 sangrias, E morte de
 Amarilis.

Doente Amarilis? Si.

E vi o Sol eclipsado
 Vestida de horror a Lua
 O Ceo sem a gala sua
 O dia triste, & nublado.
 Sem flores de luto o prado
 As flores, sem bisarria
 Os campos sem louçania
 Choro das aues o canto:
 O riso das fontes pranto
 E trocado em noite o dia.
 Eu vi Christal desbotado
 Jardim com a graça perdida
 Eu vi a rosa offendida
 Da grosseria do arado.

*Eu vi hum jasmim nenado
Perdião o candor lusente.*

E o Sol sem luz no occidente

Quem isto chegou a ver

Bem pode Amarilis crer

Que podes estar doente.

Que muito que hum accidente este-
ja em dous sogeitos. Dous sentem
hum acheaque; porque a dous offendem,
mas ay mal supponho separado o que por
amor està vnido. Ama Lizardo a Ama-
rilis, & assim nella padece quanto a mal
trata. Quem anihila o todo, destroe as
partes; quem offende a principal, aggraua
a inferior. Se a pedra que golpea os pes
da estatua toda a estatua postra, o golpe
que se empregou no coraçam como o
deixara em pè He Amarilis o todo que
adoro, hei de seguir seus accidentes; he a
parte mãis principal, hei de correr a mes-
ma forruna. He o coração, principio
de minha vida, se me reparte os alentos,
tambem os desmayos. Quem poderà e-
stranha-

stranharme magoado, estando Amarilis doente? Quê se admirou de ver murecho o Girasol, estando o Sol nublado! Mais justificada esta em mim a queixa porque he a alma a parte mais sensitiua. & nella executa a dor, quantas Amarilis padece em o corpo.

Amarilis doente. sy. He o vnico arbitrio que a fortuna achou para Lizardo viver sentido.

Como tantos experimentados encarecem mayor a febre do amor que a do mayor achaque, cuidará alguem que me importará grandes lastimas, se pello rigor desta, conjectura Amarilis o actiuo da outra, mas eu não apeteço os remedios tam custosos; antes quero à Amarilis sem noticias do que me deue, do que com lastimas do que passo em as sombras do que padeço. Si que menos me custará a desatenção a huma finesa que o martirio de huma alma. Balde me extremos Amarilis, com tanto que me forre das penas de ella o passar mal. No excesso de meu sen-

tir pode Amarilis tomar o pulso às veras de meu querer, & quando eu suspirava por occasioens em que minha tẽ luzisse como os extremos mais eroicos, sendo esta a mayor a sinto porque mais deseja Amarilis liure do que padece que certificada do q̃ a amo, não quero apurar meu amor no crisol de suas penas.

Nem nesta occasião acredita lisonjas meu sentimento, sentir penas proprias, mais he acção natural do que acção de fino. Morrer nas ansias do que padeço padecento Amarilis he a tenção a meu tormento não lisonja a sua fermosura.

Amarilis sangrada? Sy.

Vi nas cristalinas agoas

Fogo neue, sangue leite

Para os olhos que deleite

Para o coração que magoas?

Eu vi a neue abraçar

Eu vi o fogo neuarse

No cristal, fogo atearse,

No fogo o candor brilhar.

Eu puae bruxulear

Por entre humas enagoas

A neve acender as f. agoas

O fogo aximar a neve

Se opé de Amarilis breue

Vi nas cristalinas agoas.

Opè de leite coalhado

O Etna representaua

Pois os incendios vibraua

Em a neve di farçado

O Coral vi desatado

Dando magoas no deleite

Buscar o mayor enfeite

Nos laço que ao se recia

E assi na bacia via

Fogo, neve, sangue, & leite

Eu vi hum jasmim neuado

Hum atomo de cristal

Guarnecido de coral

Ou hum rubi engrazado.

Bem he que amor lastimado

A tanto incendio receite

Boiam de neve que estreite

O fogo em que me acendi

Ay como me suspendi
 Para os olhos que de leyte?

Eu vi o Sol desmayado
 Eclipsada a fermosura
 Desfeita a melhor mestura
 Sem rocieler o neuado.

Eu vi hum pé abreviado
 Nas ondas de humas enagoas
 (Mares já de sangue as agoas)
 Correr temporal desfeito
 Ay que golpe para o peito
 Para o coração que magoas.

Ouve quem disse que a alma era o sangue; não foi conclusam de Fylosofo, figura foi de Astrologo, pronosticou, que o sâgue q̄ haueria de sair do pé de Amarilis, seria a alma de Lisardo. Ay aspid lusente entre as flores da mayor fermosura executas os golpes mais tiranos. Es aspid para Amarilis, Basilisco para Lisardo à ella offendes com o golpe, à mim me magoas com a vista:

Vozes de sangue son, sangue del alma.

È correm amorosamente a pressadas para vnirte com teu sangue.

Ay Amarilis o Ceo ensangoentado ? permita amor que não seja pronóstico de infelicidades grandes, oh que as temo pelo que me ameação; sy que o mayor risco de tua vida, he o ser ella a alma que me alêta, oh se a fortuna o duuidàra para que não te perseguira. Perdera eu os creditos de fino, deslustram me opinioens de grosseiro, & tu liuraras de achaques tão rigorosos.

Amor como consentes, que seja despojos de hum accidente, quem foi triũfo de tantas almas? Como não defendes sua vida de agradecido a quantas vitorias te derão seus olhos, quem te ha de presumir, Deos, atropelando a morte quem tu mais presas, quem hade temer teu valor vendote quebrada a mais lusente seta? O não seja assí minino Deos, ay tira o embuço, vê o que desatendes, olha para o que perdes, aduerte que de hum só golpe atropella a morte todas teus respeitos,

des-

desluz tua opinião quebras o credito, & perdes todo o seguito. Mas ay tu enuejolo das venturas que logro nos fauores de Amarilis quiçã traças sua morte por te escusar enuejas. Mas ay Amarilis como podes perigar; a minha alma te fas escolta. Se crecer o mal, ella ha de fair a receber o golpe: & ficaràs tu liure.

Ve essas ondas de rubi, essa liquida purpura; pois não sahio não do pè que magoaraõ, senão da alma que me feriraõ; ó si que se offereceo ao pique gostosa por te escusar o desmayo.

Morta Amarilis? como?

Amarilis sem vida?

Ay Deos! Espirou? si

Tambem o Sol espira.

Naufraga (ay dor? a alma

De toda a bisarria?

Si que a belleza humana

Dessa sorte periga.

Treuoas (ay de mim) veje

A luz mais peregrina?

Si, porque a luz terrestre

Qualquer vapor a eclipsa.

He sombra de si mesma

Quem foi do mundo dia?

Si, que aias humanos

Sempre a noite os termina.

Lirio o jasmim mais bello

Murcha a rosa mais viua?

Si, que a pompa das flores

Não dura mais que hum dia.

O cristal terso alquime

Cobre a prata mais fina?

Si; porque em fim são terra

Metaes que a terra cria.

Em lagrimas se trocam

Tantas idolatrias?

Si, que humanas deidades

Todas se vem mentira.

Em a morte dissona

A maior armonia?

Si, muzicas da terra

Não tem sonancia fixa.

A mayor gala, & graça

Hum tumba as limita?

Si que graças, & gallas

Do mundo sam fingidas.

Ay ; morreo Amarilis ?

Morreo desta alma a vida ?

Si que para acabar

Basta ser gloria minha.

Amarilis he morta ?

He certa esta noticia ?

Si quando forão falsas

Ay Deos minhas desditas.

Morta Amarilis ? nam

Não he morta, he mentira

Não morreo, pois não morro

Pois que viuo está viua.

A mayor belleza estraga a morte, para que se veja que não guarda respeito a fere musura. A mayor calidade aggraua; porque se saiba . que não atende ao sangue. Na primavera de seus annos, tronca a flor mais bella; porq̃ ninguẽ se fie na pouca idade. Não ha prédas releuantes q̃ a morte respeite, antes considero, que a essas se abalança mais apressada, por se abonar
mais

mais poderosa atropellando o mayor.

Quiz a Parca amada Amarilis que fosse excremento a quantas foste inueja; Ay de mim por melhor te escolheo a sorte, exemplo seràs do mal seguro de humanas soberanias, & essa he a mayor magoa.

Que no ay desdicha como ser exemplo.

Morreste fermosa Amarilis, faltou seu eclipse ao Sol, inueja a Venus, seguiu a Cupido, luz ao Mundo, credits á fermusura, eleuaçoens aos olhos, pasmos aos ouidos, & glorias à Lifardo, ó sendo taõ bella como podias ser mais venturosa.

Que facilmente lo bello

Admite lo desdichado

Morreo contigo meu gosto, minha esperança & oje so a tenho de te acompanhar; Ay, & que pouco pode durar minha vida? Si, que se Amarilis assistida de duas almas, huma que a animaua, outra que a idolatra, nam pode resistir hum achaque, como eu desanimado poderei

vencer o golpe de tantos males. Não pareça que estar sem alma, me terá sem sentimento, porque a dór a substitue.

A pena que mata, he compaſſiua, a que alenta he tanto mais riguroſa, quanto vai de terminar as dores a multiplicallas; ſe a morte he o maior dos males, tambem he o termo delles, & o mal que ſe acaba, não he grande; ſe iſſo que dura a tormenta, vem a morte a ſer remedio, não achaque. Pena que ſe termina em a dór de hum ſó golpe, pouco laſtima, a que ſem matar aſſige, mais magoa. A dór que prende na alma, martyriza, não mata, a que ſe executa no corpo, acabandoo acaba, demais que não he para eſtranhare que viua ſem alma, que facilita o prodigio o ſer em dano meu.

Quien viue ſin alma

De mitades viue,

Que haze amor milagros

Para perſeguirme.

Ditoſo aquelle a quem ſorueo a primeira onda que o enueſtio, desgraçado

mil vezes aquelle a quem as ondas de tantas desgraças repetidas, mil vezes vomitão em a praya para toinar a foruello tantas. Ay que a fogo lento me abraza amor, mal afiado o instrumêto, porque não seja o martyrio breue deixar-me cõ vida, he já matarme; si, que o viuer entre tantas magoas, he modo de morrer mais riguroso.

Que vna puede ser cierto,

Pues hablo, lloro y escriuo;

Pero quien ha visto viuo

Con tantas señas de muerto?

+ Não te pareça amada Amarilis desar de meu amor sustentar a vida, sabendo tua morte, não posso morrer de outra sorte senão viuendo, Sem ti a vida he martyrio, a morte he só o que apeteço, & assi viuer entre tantas magoas he a mayor fineza de meu amor; he querer sustentar os pezares; cobardia fora o fugirhe sendo tu a causa delles, ou he que a morte não me mata vendome já defunto. Não o encontra achar-me tão lastimado, que males teus ainda depois de morto hei de

sentillos. Ay vaico emprego dalma, mais te matou minha desgraça, que teu achaque. Ay de mim, que em tantas perdas, insensível me ostenta o estar sentido, si, que ainda isso he deviuo, & verse que o estou, estando Amatisis morta he não sentir. Insensível por sentido, ingrato por lastimado, desacredito minhas magoas quãdo mais as abono: desartezoa as queixas poder articulallas ainda cõ estes defalinhos. O não, não expliquem minha dor excessos de grande em troncados periodos, informes frases, acuda a melhor rethorica do sentimento: valhame a eloquência mais aplaudida da dor, acudão os olhos com lagrimas, pois faltão palauras à lingua. O abone o pranto quanto desluz a rudeza de meu dizer. Dê o melhor testemunho a alma do seu sentir.

Que lagrimas bien juradas

Son del alma juramentos.

São as lagrimas razões encarecidas dalma, testemunha do fogo do coração, que se liquida em pranto, Respire pellos olhos

O coração fligido, deuirtase em lagrimas a dor, que reprezada abafa o peito, cõmuniquefe aos olhos a pena, para que menos atormente o coração; euaporefe a magoa pellas aberturas dos olhos, para que menos violento bata o peito. Ay querida Amarilis, olhos que te virão, olhos que já te não pôdem ver; que hão de ver? le-
jão rios.

No tengo ya mas que ver

Sobrame porque cegar:

Mas ay, se ver o que não for Amarilis ha de ser magoa, cegar teria conuenienciã, & assi vem a ser fineza grande empregar a vista em outros objectos, para que na disparidade delles se multipliquẽ os pezares. Deue minha pena fugir a aliuio, & buscar tormentos. E assi veção meus olhos, para que não vendo a Amarilis, & vendo que não he ella, seção dous os pezares, hum a pena do que não posso ver, outro o enfado do que vejo. Orompão meus olhos em correntes de lagrimas, que no mar de meu pranto só acha-

rei porto no naufragio. Mas ay que digo,
chorar he aliuio; e lagrimas derramadas
saõ penas diuertidas; pois não choremos
não, abone meu sentir

Lagrima antes enxuta que llorada.

Estes incendios reprimidos, essas ma-
goas reprimidas rompão o peito com a
bateria de seu rigor; não se enfraqueça a
violencia da poluora de tãtas desgraças.
no evaporar da queixa. Calar a dor, tra-
gar os suspiros, não fiar da boca a menor
noticia do que o coração padece, he ex-
tremo encarecido de hum amor que sen-
te por sentir, & não por lisongear.

Chorar o que se padece, he mostrar a
ver, saõ à magoa, quando acomodar-se a el-
la, he reconhecella precisa. Chorar pare-
ce que he sentir o tormento, & só deve
magoar a occasiã d'elle. Quem chora
seus males os aliuia, ó não

Quiero merecer sufriendo,

Y no descansar llorando.

Mas ay acudo por minhas lagrimas, que
saõ a melhor companhia em meus peza-

res, tão longe estão de aliviar as penas q̄
as affoprão. He tanto o fogo em que ar-
de meu coração, que os rios de meus o-
lhos são pouco borrifo que acendē mais a
fragoa. Não são isto lagrimas não, pedaços
si do coração que lo quebrou com dor, &
saem estas lascas delle pellos almbiques
dos olhos destiladas em pranto. Cricias
disse, que a alma era agoa, aduertio a que
as lagrimas que brotassem meus olhos ha-
uião de ser minha mesma alma. O faya
já enuolta em meu pranto; morra luzido
quem viue tão lastimado; seja a morte
tão honrada, pois a vida he tão constante,
morra de saudades quem viuco de fino;
honteme a melhor morte, pois perdi a
melhor vida, si que

Bel fin fá chi ben amando madre.

Mas ay isto será matar de todo Amarilis.
Morreo Amarilis em si, cõ ella morreo
a parte da alma que lhe assistia, e em mim
viue ainda a q̄ depositou em meu peito;
pois alarguese a vida porquẽ viue ainda a
pezar de tanto pezar esta porção de Ama-

rilis que em mim viue : anteponha-se á duração desta sua meia vida ao tormento desta sua meia morte. Desatenda Liardo a seu morrer por cuidar de hũa parte da vida da sua Amarilis ; seja hum martyrio continuado credito de hum amor tão firme. Defunto ao gosto, viuo á pena, entretenho o martyrio de minha faudade para que viua em mim quem morrendo me matou. Para sentir tamanha perda me achatao meus discursos sempre viuo, encontrandome os aliuios morto sempre, só para sentir com vida

Porque me fica o sentido

Para sentir o que entendo.

Entre os aluoroços de hũa morte, & os sentimentos de hũa vida , inuejo o que morreo, sinto o que viuo. A esperança de que hão de achar minhas magoas porto na morte, me dà alento para sustentar a vida , sendo a ancia do remedio todo o estoruo d'elle. Matame a pena , & dame vida o desejo de perdella, & nesta opposição de causas se embarça o effeito; pois

nem o tormento me mata, nem o desejo
me liura.

La muerte no me dexa,

La vida no se acaba,

Que de mitades viuo

Sin la mitad del alma.

Ay doce eleuação de meu pensamento,
quantas vezes minha lembrança ha de to-
mar residencia às horas que em tua com-
panhia me pareceão instantes, para mos
descontar a tormentos.

Quantas levado de meu amor hei de
principiar o caminho que tomava para
diuertir meus pezares, & achando impos-
sivel o aliuio delles, ha de pagar o cora-
ção o que os olhos perdem? O sintão mi-
nha dor, sintão quantos agora alegres de-
pois se põem ver tristes. Ninguem se cõ-
fie no que logra, que ditas de amor, são
mal seguras, efimeras breues, que aos ter-
mos de hum dia limitão sua pompa.

Ay amor, & quem agora ha de temer
tuas iras, quebrada a leta mais executiua?
Erão os olhos de Amarilis praça de armas

aonde tinhas reduzido todas tuas forças, esta entrada pello furor da morte, quem te ha de temer? Mas ay tu sem duuida traçaste sua morte por escapar a incendios, quiz o Sol forrar-se de emulaçoens, a Lua de ultrajes, as Estrellas de desmayos.

Morteste fermosa Amabilis, morreste, tua morte deuia cōsultar quem disse que o Ceo era corruptiuel, vio que o era o Ceo animado de teu corpo. Opinião he seguida, que os primeiros passos do Sol a penas criado, forão para o Poente, para seu Occidente caminhou logo em nascendo, não para seu Zenith. Tu Sol bizarro na primeira carreira de teus annos quando começaste a luzir com prendas tão heroicas, logo caminhaste para a sepultura. Que hão de cair Estrellas nos diz a mesma verdade, que sobe hũa, vemos nós agora, quiçã he preuenção do Ceo, para que não faltem a seu adorno as que então caitem. O sinta minhas magoas o amor que perdeu os maiores triunfos,

Sol que em os duplicados de Amarilis podia delegar a comissão de alumiar o mundo, a Lua que menos dependente do irmão, esperava de Amarilis alimentos mais flamantes; sintão minha perda as Estrellas que em os olhos de Amarilis têm a maior vingança de seus aggraus: pois se a luz do Sol as retira, também o Sol à vista dos rayos de Amarilis desmayua seu esplendor. O deixe a Aurora de sentir a morte do amado filho, chore a de Amarilis bella, derrame todo o aljofar, todas suas perolas, seja chorada com lagrimas mais custosas a morte mais para sentida. Sintão meu tormento as flores que perderão a gloria de remedarem as prendas de Amarilis; já o cravo não terá a lisonja de ser hum retrato da boca de Amarilis, as rozas não ouvirão o gauo de parecer que estão em seu rosto na confusa mistura dos jasmins. Sinta o prado, pois em seus olhos tomava liçoens de reuerdecer. O sintão, sintão tamanha perda estas flores, pois já não hão de merecer o

fauor de seruirem seus criffaes de espelho à fermosura de Amarilis. O como o sentem, turuas correm as que fahião claras. Tornemse endechas tristes as doces cantillenas destas Aues; pois não põdem já aprender cadencias de sua armonia, nem hão de ver a belleza que os fazia com emulação renhida, competir a quebros. O chorem as fermosuras mais celebradas, pois as destruhio a forte do maior hyperbole, já a lisonja mais encarecida não poderá dizerlhe que saó outra Amarilis.

Sintão os amantes de melhor gosto faltarlhe a melhor prenda a que pudessem sacrificar seus affectos. Ay claro concurso de armonias, senti perder a maior suavidade vossa. Ay claras, ay cristalinas agoas, engrossai estas breues sangrias de liquida prata, creça o çabedal, não seião lisonja à sede, diuertim entosaos olhos, alimento às flores, socorro às plantas, siuão de lagrimas que em turuas correntes expliquem saudades claras. Mas ay ninguẽ sinte a morte de Amarilis seja minha to-

da a dor, pois o he a maior perda. Eu sentirei por todos, pois por todos passa minha desdita: ò creça em mim o sentimento, multipliquemse as lagrimas; mas ay

Como puede llorar más

Quien no puede llorar menos.

Não posso sentir mais, porque me nam he possiuel sentir menos, & a pena que não póde diminuir, tambem não póde crescer. Excede minha dor todos os modos de sentir, não he possiuel que haja mais penar. Hum sò bem tem tantos males, que he forrarme de sentir outros. Não posso sentir outra perda, nem esta já a posso sentir mais, & se ha mais que padeça.

No estan los impossibles

Seguros de mis penas.

O que não póde ser a lingua fiel interprete dos sentimentos da alma. Nenhuma pena póde explicar tamanha pena; não ha papel que seja capaz para resistir incédios, & reter mares. Que tinta póde haer que dê viua cor a minhas magoas? O desmaye a penna, recuze o papel, temao a tin-

ta, melhor arbitrio he reconcentrar na-
ma meus sentimentos, escrever no cora-
ção perda tão fatal, si que seia

Carta il cor, pena il duelo inchiostro il pianto.

O não desluzá hũa pequena queixa tam
grande dor, si, que se medirà a pena pel-
la explicação, não pello tormento. Que-
rer relatar minhas magoas, parece pre-
função de poder comprehendellas, & fo-
ra desmentir o conhecellas infinitas es-
perar refitillas.

Bem sei que desatrefoa meu amor a
queixa formandoa

Queixase el amor de vicio

Quando se puede queixar.

Razão fora que liurara minha dor no silê-
cio todo o encarecimento, por não def-
acreditar o muito sentir com o pouco di-
zer, razão era que sentimentos tanto dal-
ma, sò della se fiassem,

Mas quem será raxoado

Em males tam sem razam.

Não atendem minhas magoas a arbi-
trios de parecerem grandes, desdembão
todo

todo o artificio no desalinho da queixa apurão o desfarzeado da dor. Não se acomodão à politica do cômum sentir; porque todo o sentir excedem. Não obseruão as leys da Rethorica, porque as ignora hum sentimento grande. Aquelle suave Rouxinol chora enamorado, ou canta triste a ausencia da consorte amada, entre tantas penas està sò a magoa. Aquelle penhasco bruto, esse gigante de pedra, ainda insensuel sente a magoa que pòde conuertello em pedra d'ua, como o dizem as lagrimas que destilla. O que hũa dor grande obriga a sentir ainda aos mesmos a quem a natureza izentou de sentimento. Esta cithara de cristal, esta successiua neue lembrada da aduersidade da sorte no desdem de Narciso, continua o pranto, ain la despois de mudar a natureza; si, que lastimas grandes não se satisfazem com instantes de sentimento, eternas lagrimas pedem. Amada Amarilis, defunta prenda de hum amor tão viuo, morta aos olhos, viva na saudade, todo meu cantar ferà

choro depois que a alma desamparè o corpo, se verão em mim sinaes de sentir tua morte, sendo meus olhos fontes perênes, eternamente minhas lagrimas publicarão meu sentimento.

Pauta serà minha historia de finezas, como tua morte excarmento às maiores bizarrias.

Expor meu amor as razoes que tinha para sentir tua morte, seguiase agora descreuer o como se desempenha das obrigaçoens de fino, mas recuza a lingua tamanho empenho: disse o menos, agora não fia das vozes a relação do mais.

Quaeque potest narrat, restabant ultima fleuit.
Eternas lagrimas sejam geroglifico de hũ amor eterno: veja se em o pranto de meus olhos a fineza do meu amor, sejam rios que lauem a victima de meu coração amante, para que Amor o sacrifique à tua memoria em quanto se não concede a morte a meus suspiros, não se lastima o Amor de minhas ancias, que só com a esperança de acompanharte cedo, entrete-
nho

nho todos os martyrios : nesta se trocou a de lograr tuas prendas , esta me animava, aquella me entretém. Mudar de fortuna, foi mudar de esperança , não deixar de esperar.

Nunca esperança falta,

Falta lo que se espera muchas vezes.

Neste desejo viuo, em tuas saudades morro. Não logra a morte minha esperanças porque está mui vana com tamanha preza , & achá que he desar do poder que ostentou, abaterse a tão humilde emprego; porém minhas tristezas abonarão tal sentimento, que seja maior fineza alimētar os pezares em a vida , do que terminallos em a morte. Em quanto a lingua puder articular vozes, souber formar caracteres a penna, encherei o ar de queixas, o papel de magoas , faltará a voz a meu sentimento; porém não sentimento a tanta perda. Não póde meu engenho celebrar teu nome, mas bastão tuas memorias para eternizar minhas finezas. Quem repetir a fermosura de Amarilis ha de lembrarle

brarse da fé de Lisardo, andarão vincu-
lados os pasmos de meu sentimento às
exageraçoes de tua belleza. Repetirà a
fama que foste a mais fermosa flor que
produzio a natureza, dirão os annaes da
lembrança do mundo, que foi meu amor
o mais constante na duração, o mais dis-
creto no empenho, & o mais extremo
no sentir.

Morreste (ay Deos) morreste
Eras Sol, no Occidente te puseste
Morreo minha ventura,
Por minha bem se via mal segura.
Ay Amarilis bella
Correste exaltação cuideite Estrella
Do Ceo todas as luses
De trevoas (ay de mim) vestem capuses
Virão que lhe faltauas
Quando com tua luz luzes lhe dauas
Quando contigo o Ceo julgo festiuo
O vejo (ay penas) hum retrato viuo
De meu sentir magoado.
Bosandote se mostra lastimado?

O saõ do Sol inuejas

Recca que subindo ao Ceo o sejas,

E tem consigo as luzes reprimidas

Porque as aches mais fortes quando unidas

Da fermosura de teus bellos rayos

Se pronostica à sua luz desmayos

Sĩ; de teus olhos teme a bateria

Que sejam elles quem aè luz ao dia

Viue viue no Ceo a mais ditosa.

Como foste na terra a mais fermosa.

Porém na terra tu nunca estiueste

Porque foi Ceo em quanto tu viueste;

Nessa esfera brilhante a que subiste

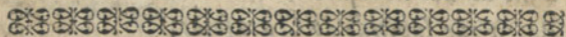
Descansa alegre em quanto eu morro triste

E nesse globo de flamantes lumes

Atende a meus queixumes

Em quanto a sorte lhe nam poem remate

Ou a ti resucite, ou a mim mate.



*Queixas sem agravo de hũa mudan-
dança sem culpa.*

Queixase Aonio quando se muda
Cloris, &c.



Aõ està introduzido o alinhio por fraze do sentimento, melhor aualiado està o desconcerto para abono de hũa pena. Mais explicação hum tormento rudezas desconcertadas, do que periodos encaecidos, quem sente com extremo não fala com afeite: dor que não defatina, pouco tem de dor. Implica contradicção, sentir com excesso, & encarecer com exageraçoens.

Quem atende ao concerto do que diz, não sente o que encarece. Pouco sente quem diz tudo o que sente. Pena que não pô le explicar-se, perto està de não sentir-se. Dor que não embarça os sentidos,

tem

tem mais de encatecida, que de apertada. Tormento que póde sondarse, bem se póde nauegar. Ansia que não poem a eloquencia em calmaia, pouco tem de rigorosa; o melhor modo de exagerar hũa dor, he o desconcerto em a referir, o arbitrio mais acertado para explicar hum tormento, he hum pasmo suspendido, hũa mudez cobarde. Melhor logo (ay ansias dalma) vos explicará minha grosseria, do que tantas eloquencias aplaudidas: mais abonadas vos acharã o mundo entre as rudezas de meu dizer, entre os desconcertos de minha dor, na calmaia de minha suspenção, nos pasmos de minha cobardia, do que no luzido de tantos discursos, no superior de tanta soberania. O que melhor jurará os sentimentos dalma hum suspiro eloquente, que rethoricamente encatecido, interrompendo a pratica, acreditarã a pena. Mais verdadeiras vos verã o mundo, quando menos exageradas. Abonemse os outros de discretos, que eu só quero acreditar-me de sentido.

tido, compitão com emulação bizarra tão-
 tos Apolos, a quem melhor vos ha de en-
 carecer, que eu sem atender aos empe-
 nhos da competencia, às leys da Retho-
 rica, aos alinhos do concerto, toscamen-
 te encarecido, no desalinho liuro o maior
 abono de meu sentimento. Verdades arti-
 ficiosas nunca parecem verdades; rude-
 zas fingelamente ditas, mais aceitas serão
 por verdadeiras.

Não vos encareço (ay penas) porque
 vos sinto. Não vos sente quem vos exa-
 gera. Façam-se os mais eternos com os lu-
 stres de seu dizer, entre os Astros grauem
 seus nomes: afadiguem os buris, empe-
 nhem os pinceis, cancem a fama os aplau-
 sos de tanta descriçam, que eu desaten-
 dendo ao lustre do dizer me desempenho
 nas veras do sentir. Ay de mim quando
 os mais dizem o que não sentem, não pos-
 so eu dizer o que sinto? O se eu tivera
 sua eloquencia, ou se elles sentirão a mi-
 nha pena, que bem que acreditará meu
 sentir! Que lustrosa sahira a relação de
 minhas

minhas ansias. Ay Cloris, está o peito cheo de tantos suspiros reprezados, & assi importa para cōmunicar a esta solidão quanto encerra, afflicto, que primeiro se desembarace em gemidos. Ay Cloris (digo) que me enganaste com promessas. Ay de ti Aonio, que te creste de palauras: Ay de ti Felizardo, que a mesma paga te espera. Excarnente te a aluoroço em minha desgraça.

Mudouse (ay Deos) mudouse

Cloris; quem tal dissera.

Faltou ao Sol a luz

Faltou ao Ceo firmesa.

Desmentese deidade

Quando molher se ostenta

Quem a julgou diuina

Mudanel chega a vella.

Quando a nam cria humana

Deshumana a ser chega

Pois usa tiranias

Pois exerce crueltas.

Escrito ficará

No livro das esferas

Meu agrauo entre as luses
 Po' que melhor se veja.

Serà falar liçam
 Para que o mundo aprenda
 A nam crer nem deidades
 Nam fiar nem de estrellas.

Caprichos de seu gosto
 Por outro gosto deixa
 Cloris; ò ninguem fie
 Em gratas avarencias.

Empenhos de seu brio
 Em sustentar firmeza
 Esquece Cloris; ò
 Ninguem em brios crea.

A fé desmente Cloris
 Quanto prometeo nega
 Cloris, nenhum amante
 Fie em fé, nem promessas.

Desmente (ay Deos) desmente
 Cloris tantas finezas?
 Pois se Cloris foi falsa,
 Qual será verdadeira?
 Abrio, gosto, & fé,
 Palavras, & firmezas

Falta Cloris! Pois quem
Será bem que se crea.

Cloris Cruel mas ay,
Nem offendido offenda.
Aonio teu respeito
Deixado te venera.

Foste molher qual todas
Cuideite qual tu mesma,
Não he filia a mudança
Não; porque he natureza.

Não se muda quem muda
Por melhorar de prendas
Melhoras no que eleges,
Pois não se diga que erras.

Acertos Cloris sam
Mudanças tam discretas,
Não te culpo esquecido,
Nem de ti formo queixas.

Amim de mim me queixo,
Pois presumia eterna
Gloria, que sendo minha,
O mesmo vento era.

Logra, logra este empenho
A mais querida sejas,

Que quem nasceo honrado

Desta sorte se queixa.

Mudou-se Cloris; perdeu Aonio quão ganhou Felisardo, mas ay como o estranho, se o mesmo Ceo parece que está doutrinando mudanças. Rey he o Sol dos Planetas, morgado das luzes, diamante he do Ceo, & em seus rayos temos escola de variedades. Hum mes he sua maior assistencia. Tanto tem de lustroso quanto tem de vario. Errantes sabemos tantas estrellas flamantes. As mudanças da Lua sam sabidas. Pois se as mayores luses do Ceo tem por essencia a variedade, como estranho que as bisarrias da terra sejaõ varias? Os mesmos Ceos se mouem, & fora ruina não sò pasmo o quietar-se. Pois como pode diser-se, que seja de ser na terra, o que he obrigaçam no Ceo? Imita Cloris o Sol no vario; compete com as estrellas no errante? Remeda a Lua nas mudanças? Segue o Ceo no mouimento? Pois como pode ser defeito em huma da-

ma o que he estillo no Ceo? Entre os elementos só a terra he estavel, & isso tem de grosseira que de firme. Sobre as agoas dis a mesma verdade, que fundou a terra, & se nas agoas se explica a mudãça, a variedade na terra estabelicida, parece que he dizernos que a firmeza mais eroica se ha de fundar nas mudanças.

Sò em Deos he virtude a immutabilidade, porq̃ se não pôde melhorar; mas que pôde melhorar-se, bẽ faz quando se muda.

A mesma razam que te escusa, amada Cloris, me empenha, mudastete de mal empregada, & eu como nam posso melhorar de emprego, mal poderei mudar-me: Quem elege sem examinar o que escolhe, caminha para o arrependimento; perto estã da mudança, mas quem se empenha em adorar o que nam merece, no retiro se desacreditara. Talvez hum pretendente finge o que não he; hum papel representa o que nam passa; quem apadrinha pinta com a paixãõ, nam com a verdade. Muitas vezes se enganam os olhos, o entendimento

mento se deixa lisonjear, deixa obrigar-se a vontade, & depois no discurso de hum empenho acham-se os olhos enganados no que vem, o entendimento descontente da escolha, a vontade violentada no trato, & nam està huma dama obrigada à continuar hum martirio por satisfazer tantos enganos. Quem não acha o que se prometia, desculpa tem para arrepende-se, mas quem acha mais do que buscava, infame fora quando se retirara. Tam pouco podem importar desares de ingrata; que o agradecimento obriga à pagar o que se deve, & finessas humanas nunca podem merecer correspondencias diuinas. De mais que a finessa de amar nam empenha em pagar, de outra sorte nam fora o amar eleição da vontade, senam obrigação da cortesia; de mais que neste caso, sendo os amantes muitos, seria huma dama obrigada tambem a amar a muitos, & como isto não ha de dizer-se, tam pouco o outro ha de afirmar-se.

Meu pouco merecer, querida Cloris,

desculpa tua mudança, & o eminente de tuas prendas, me penhora em firmezas: Quem escolheo o indigno, acode por seu credito quando o deixa; mas quem elego o melhor, empenhouse em não desmayar na pretensão. Erraste quando me admitiste a escrauo teu, conhecido meu pouco valor, não vem a ser em ti culpa o esquecimento presente, em mim vem a ser diuida a estimação passada.

+ Elegite (ay prenda amada) por vnico empenho dalma. Deixame fermosa Cloris blazonar de que foi meu emprego eleição da vontade, não violência da estrella, permite jactarme de que o entendimento te escolheo por superior, posto q o destino te me decretasse para idolo de meus cuidados.

Elegite (digo) por vnico empenho dalma (tal vez acerta mais quem menos sabe) Rendeote meu aluedrio sogeiçoens (quiz mostrase discreto, fazendo voluntario o preciso) Declareite parte de minhas ancias (foi o mais que pude, & o menos que

que sentia.) Arrojeime amante (he cego amor, & não vê perigos.) Instei atreuido (he propriedade de húa luz grande, o deslumbrar.) Logrei lastimas (piedade foi tua, não merecimento meu.) Duplicou meu amor finezas, por acreditar a fé, nam por lograr a instancia. Logrou a dita quanto a razão difficultaua (não he novidade alcançar mais quem merece menos) vime correspondido com finezas (cuidei o indigno em mim as asseguraua) conheceste o deslumbramento, & te retiraste (que os erros de discretos, são deslizes, nam contumacias (Esqueceste meu amor) para ser de graçado bastaua ser fino) Nam te esqueci esquecido (que he laberinto amor a que nenhum Theseo achou saída.) De sorte Cloris, que o queres me, foi ardid de minha estrellas, quiz que te enganasses com minhas prendas, porque fosse mais custoso o desengano; deixares me, há sido o maior crédito de teu bom gosto, ameite porque te vi digna do amor mais firme, & como tuas prendas ainda são as mesmas,

mas, nam risca este esquecimento os affectos da alma. Por fermoza, por discreta te adoro, não por facil, não por fina, & affi-
posto que mal correspondido com a mesma firmeza te hei de amar em quanto fores bella, & entendida. Carácter immortal ha de ser este amor que ha de viuer eternamente.

Morre com o corpo o amor que se vnio aos appetites do corpo, mas amor que se vnio à alma, toda a vida da alma ha de viuer. Eternamente te hei de amar, que só eternidades serem bastante campo para tanta fé. No immortal ha de parecer este amor desgraça minha.

Cloris nenhuma rasam te culpa;

Cloris nenhum motivo me retira.

Seres de outrem, nam basta para eu não ser teu; antes correspondido pudera meu amor aualiarse a agradecimento, ou conueniencia, por em mal pago bem se mostra prodigio.

Creditos importam ao amor tantos martirios do gosto. O padeça, padeça eu

vfano.

vfano tormento que me acie litam afe-
ctos, ansias que me abonam finelas, des-
presos que me prouam extremos, & em
fim morra de deixado para que meu amor
lusa de euidente. Erra quem me culpa fer-
mola Cloris, ofendeme quem me conso-
la, Deixare sme naõ foi culpa que mereça
nota, em menda foi de hum erro. Perder-
te naõ foi delicto; mas he desgraça que
nam admite aliuio.

O quantas vezes foi temido o golpe,
sem que tantas preuençoens valessem re-
paros! Quem nam merece o que logra
sempre o dà por mal seguro; mas nem
sempre o discurso atalha o destino, antes
nos desgraçados so de anticipar os pesa-
res serue. Ay quantas razoens pudera ale-
garte para te nam perder, mas á vista de
lembranças mortas naõ tem lugar razoens
vivas? Perdite por infelice, ou por fino,
chorote por firme; sinto o perdete, naõ
espero o cobrarte, & nenhuma destas pe-
nas me mata para que ambas me magoem.
Ay Cloris nam sei de quem primeiro me
queixe,

queixe , se do que padeço ou do que logrei, a memoria do que fui me affige, a vista do que sou me mata.

Quem cuidara , quem dissera, que de tantas glorias auiam de nacer tantas penas? Da memoria do menor fuor teu (o alma minha) esperaua eu reparo ao maior golpe da fortuna , & hoje nestas lêbranças vejo minha morte; com que venho a aueriguar , que hum triste quando he ditoso , he só para ter razoens de ser mais triste, mas ainda assi festejo o que logrei, pois isto só viui, que me estimaste. Liga fazem contra mim concordemente vnidos meus males, & meus bens, teu desprezo, & minha dita, teus desdens, & minhas g'orias Peçonha acho astriagas, entre as venturas morto. Ditas me matam: O quem nunca houuera sido ditoso, nam fora agora tam desgraçado.

Morrer de desgraças, he estylo, de venturas só eu morto. Que hum esquecímẽto me mate, não he muito; mas que a lembrança de hũ gloria me tire a vida,

he nouo arbitrio de pena. Que os rigores de hum mal que me sucedem me mate, passe; mas que a memoria de huma dita que tiue me aflija, he a quinta essencia dos infortunios. Mas ay quem costumado a teus fauores os perde, bem he sinta novos modos de penas. Colon he meu pensamento de tormentos, descobre magoas que já mais foraõ sentidas, & a maior de todas he, que vnindo se para atormentarme, nenhũa me mate; mas ay, nem as si quero desejar morrer, que terminar as penas fora conueniência, & já naõ era fineza, parecerà cobardia, & naõ era extremo.

Viuer quero, para que comigo viuaõ minhas magoas, quero à custa de hũ martyrio acreditar hũa fé. Acomodome ao que padeço, porque tu conheças o que te quero. Perdite Cloris, perdite, pois chore eternamente tanta perda.

*Pozse o Sol, ja naõ vejo a luz do dia
Passouse a illustrar melhor Oriente
Ficando eu (ay triste) no Occidente
Sem alma, vida, luz, nem alegria.*

*Secouse a fonte de quem eu bebia
Lizo aljofar, prata transparente
E hoje bebo a agoa tam somente
Que aos olhos a dor do peito enuia:
Apartouse de mim (que pena!) a alma;
E assi agora toda desalentos
Assiste a vida (que rigor!) em calma.
Dizeime Sol, Fonte, Alma, ha mais tormētos:
O leuem, leuem desta vida a palma
Tantos rigores, tantos sentimentos.*

Nesta solidão, amada Cloris, te choro
alhea. Aqui cōmunico meus males com
as Aues, que de lastima suspendem o can-
to por ouirme, cō as arvores que esquecē
o mouimento de suas folhas por escutar-
me com as flores a quem murcha o ar de
minhas queixas, com esta fonte que para
sua corrente por dar atençaõ a minhas ma-
goas. A todo este bosque entristece meu
sentimēto. Ves aquella Rola que se quei-
xa lastimada, queixosa se lastima! Pois naõ
he Aue que chora ausencias de seu ama-
do esposo, he a alma de Aonio, que nesta

solidão chora teu esquecimento. Vés aquella Acipreste, simbolo he de tristeza; porque hauia de ser ouuinte de minhas magoas. Vés aquella Pinheiro? Pois não está não para adorno deste vale, si para simbolo de minha morte. Vés aquella Alemo? Pois remoque-me tua mudança. Aquellas canas folhosamente vnidas, tua inconstancia dizem. Vés aquella etua Gigante que busca os rayos do Sol para se guillos? Pois não he Clicie amante, senão Anio fino que busca tuas luzes para idolatras. Vés aquella Rosa simbolo da graça? Pois diz que o ha de ser da desgraça, sentida de meus tormentos. Vés aquella Iasmim, bandeira de paz que o prado punha? Pois de medo de outro tal successo, olha como está amarello. Aquelles Goiuos dizem meu sentimento; aquellas maravilhas meu sofrimento simbolizão, que tambem he maravilha. Aquella giesta na desesperação que significa, diz o importuno, o rigoroso de minhas memorias. Aquelle cravo diz meu reço. Aquella

quella murta significa meu cuidado. Aquella cebola celega minhas saudades representa.

Este fio de aljofar, este galão de prata, esta successiva neve, que murmurado tuas mudanças, corre a publicar minhas finezas, não he sangria, não dessa fonte clara, he minha verdade liza, & transparente.

Ay Aues, y Aruores, ay Flores, ay Cri-
staes, com vosco procuro em vão conso-
lar-me, pois me intresteço com o que cho-
ro, ou vós me magoais com o que me
estais representando. Ay suave Roufinol,
tu estás requebrando a consorte amada,
que a quebros te responde, te fatifaz a
cadencias; ay de mim, ay de mim amante
passatinho, que enuejando vossa sorte, nẽ
mereço que me escute Cloris. Musico
Pintasilgo, que fino galãte da Alua, a estás
chamando a quebros, quando ella lastima-
da das queixas, ou trazida da harmonia cõ
lagrimas de aljofar, corresponde tuas sau-
dades, & com sua vista serena teus quei-
xumes. Ay de mim, que choro por quem

me não ouue, & chamo por quem me não acode.

Ay flagrantes flores tristes, na ausencia do vosso Sol, hũa noute estiuestes murchas, & agora vifanas com sua vinda, esperais cobrar com vsuras quanto perdestes em seu retiro. Ay de mim, que chorando eternidades, nem o Sol que adoro me recompensa tantas perdas, nem eu espero com suas luzes enxugar minhas lagrimas.

Doce corrente a despenharuos ides, mas sabeis que là embaixo naquelle valle hũa flor a quem galanteais com fineza, vos espera com aluroços. Ay de mim q̃ me despenho achando no fim do precipicio espinhos que me picão, abrolhos q̃ me magoão. Ay de mim, que adorando quem corresponde a outem, tendo impossivel o remedio, vejo o mal sem aliuio. O como desluzo meu sentimento no que viuo! Nada sinto, pois sinto tanto; sentir muito, não he sentir. Ay Cloris quem à vista de tamanha magoa, não fica morto insensuel padece por grosseiro; mas ay
naq

não he estar viuo, estar assistido de finacs de sentimentos.

○ Aquella rocha morta está a vida, viua ao sentimento, as lagrimas que distila o digão. Aqui cõuerteo Amor a hũa Ninfa nesta fonte, morta ficou ao gosto, com vida para a pena, as lagrimas que fia o testemunhem. Ay Cloris posto que minhas lagrimas, ainda que minhas ansias, & estas magoas me publiquem viuo, he que estou viuo para o sentir, morto para o viuer. O não murmureis flores, não meu sentimento por menor gentileza, lacinto vos perdestes; saudades de menos luz vos entristecem ó prado. Não chorais vòs ò fonte por occasião tão bella; mayor fermosura, luz mais brilhante, causa mais digna occasiona meu sentir, motiua minha tristeza. O deixai-me, deixai-me viuer triste, pois viuo desprezado, Alma era que me animaua esta correspondencia, em fé de bem pago viuia; pois se me faltou a alma, como hei de viuer? Por Sol adorei a Cloris; pois sem sua luz como posso liurar-me de

eternas treuoas ? Deixai, deixai que me magoem desprezos, que a conjuração de tantos males me examina o valor, quando me desatina a paciencia. Grande me cuidão as desgraças, pois tanto cabedal arrastão para combaterme.

Ay amada Cloris, desgraçado sou, como se nacera benemerito, queixoso viuo da fortuna, como se fora entendido, esse mal me fez tua eleição, cuidou a fortuna digno prezumio discreto, quem tu favorecias, não aduertindo a que mal podia merecer muito, quem lograva tanto. Que não poderà tua fermosura? Pudeste aualiar-me por entendido, & fizesteme venturoso, acreditado fica teu valor, requintada a opinião de teu juizo; agora se abone teu bom gosto. Escolheste a Felisardo, que já no nome tinha premissas desta fortuna. O queira Amor que te pague Felisardo quãto roubas a Aonio! O queira a sorte, que não fazendo caso Amor de minhas queixas, deixe sem castigo tuas mudanças, que eu mais me quero enue-

joso, do que compadecido, antes quero enuejar a Felisardo a gloria de teus fauores, do que verme vingado de tua mudança. Logre Felisardo tanta dita, que a mim bastame tanta fé, seja elle felice, que eu me acomodo com os creditos de amante. Sabes ó Cloris a fineza a que chega o extremo de meu querer, que não abono as veras de meu sentir, porque não culpem as mudanças de teu empenho: não queroque à vista de extremos tão prodigiosos te estranhe o mundo mudavel, te minta facil, ou te cuide ingrata. Não quero que saibão o que me deues, porque não culpem o como me pagas; mais quero desluzido meu amor nos dissimulos, do que defairoza tua fama na mà correspondencia. Padeça meu amor notas de pouco fino, & não eclipsen teu decoro murmuraçoens de ingrata: menos prezo os lustres de meu amor, ati te quero mais. Ay Cloris, Cloris, por Felisardo me deixas! Não culpo tua eleição, enuejo sua fortuna. Tempo sei eu, amada Cloris, em que

a estas horas rayando o Sol os mais altos montes enxugando o aljofar de que achaua bordadas as flores, o prado matizado, me pedia aluizaras de que em teus olhos hauia de ver o eclipse de suas luzes, & me enxugaua as lagrimas que tinha derramado em tua ausencia: hoje (ay de mim) hoje nace o Sol, para em seus rayos me despertar lembranças do que perdi. Enxuga as lagrimas ás flores, porque ninguem quer que me acompanhe no sentir. Diciteto anda o Sol, não te perderão as flores: pois não chorem. Perdite eu, pois só eu o sinto.

Ay de mim, cantão as Aues fazendo salua ao Sol que nace, eu sempre triste choro os retiros de hum Sol que se me poz. Vfanose as flores com a esperança do Sol que vem rayando, ay de mim, que sem esperanças de ver o Sol que adoro, todo sou lagrimas. Rizo offerece aquella fonte por aluizaras do Sol que vem nascendo, ay de mim que sem ter vistas do que idolatro, hũa noute he vespora de outra noute,

hũa pena he fuzil que enlaça outra. Def-
faz o Sol a parda nuuem, que se opunha a
suas luzes. Ay de mim, que não espero
que o Sol que adoro destaça a nuuem de
tantas magoas com a luz de sua vista, cõ
os rayos de hũa satisfação. A todos se
mostra já o Ceo sereno. Ay de mim, que
sempre o acho nublado, ay de mim que
sombas de minhas desgraças sempre mo
tem encuberto. Oh fatal estrella minha,
para que me destinaste a tanta luz se me
viste indigno de logralla? Ou mais dita,
ou menos fê; mas ay com a força da dor
(ay Deos) já deliro: Menos fé não, que
fora discredito de meu amor ser menos
fino, & offensa de Cloris não ser amada
tanto. Conheça o mundo em minhas fi-
nezas a verdade de meu amor, que nam
quero destas desgraças fir o abono del-
le, que nem todos os mo finos são bene-
meritos. Vejase em minhas confiões
que respeito a Cloris mudada, como
pudera firme. Amada Cloris, nem eu
posso culpar tua mudança, nem queixar-
me de minha fortuna,

Tua

Tua mudança foi discreta, pois foi melhora, meu queixume será grosseria, pois fora desconhecerte. Madareste tu, nam he desar que te notem, deixareime a mim não he aggrauo de que me queixe. Todos culpauão tua eleição em meus demeritos; pois cobre teu juizo melhor opinião, que isso me importa mais, que ser ditolo. Duuidauase fino Amor tão venturoso, conheçase agora que paga pensoens de extremo. Presumiasse que a pertençaõ era conueniencia, agora veja-se que o querer he fé. Se estauão desluzidos teus caprichos, violentado teu brio em tão indigna correspondencia, cobra teu lustre, que mais me importa teu credito, que minha comodidade. E como posso eu queixarme de que correspondas a quẽ mais te agrada, como posso eu queixarme de q̃ admittas hũ aliuiõ q̃ descartes hũ pezar. Se tua mudança não he desar que te notem: perderte não he desgraça de que me queixe, tambem lograr Felisardo teus fauores, não he dita que o desuaeça, escrupulos

deixa

deixa de sua fè, quem logra venturoso as pagas della, nem serà cordura prezar mais lances de ditoso, que creditos de amante: em meu exemplo tem Felisardo quem lhe aduitta o mal seguro da fortuna que logra: & hum bem com sobresaltos de peddello, não he bem; si, que nos reccos lhe desconta amor todas as felicidades, & se Felisardo ha de perder o que logra, vai comprando em instantes de gloria ao gosto, eternidades de martyrio á memoria. Si, quem mayor he o sentimento de huma perda, que o gosto de hum logro. Logo nem só em culparte a mudança, nem eu queixarme de ser deixado, nem Felisardo blasonar de admitido.

Fermosa Cloris, esquecido me tens sem eu poder esquecerme. Triste me verá sempre o mundo, queixoso nunca. Sépre acharà que te amo, que te culpo já mais. Logra maior ventura em melhor emprego, que nunca a dita me deixou tam desuaccido, que presumisse achar duraçoens em felicidades minhas. Eternamente vi-
uirás

uiràs nalma , sem que segunda eleição desacredite a fé deste empenho, & se em mim vites alguns sinaes de viuo, persuadete querida Cloris, que he nouo arbitrio de minha desgraça o matarme com a vida que para que eu morra não me mata , se algum indicio se vir em mim de menos triste, presume que he mentira do dissimulo, não descuido da vontade, que esta a pezar de tuas mudanças, & de meus pezares ha de adorarte firme, ha de assistirte pontual, & ha de ser sempre tua, ainda q̃ tu sempre sejas de outrem. A vista de minhas finezas publicará o mundo , que só Aonio soube amar fino, posto que só Felisardo chegou a lograr venturoso. Cloris, depois de desprezado meu amor te assegura a mesma fé, q̃ quando correspõdido, as mesmas finezas te protesto deixado, que antes prometi fauorecido, & em todo o tempo conheceràs em meus extremos que sou quem mais te ha querido, & te ha merecido menos.

Ay minhas saudades
 Viueres na minha alma eternidades
 Eternamente viueres comigo
 Porque vejas que cumpro quanto digo
 Ay tiranas memorias
 Penas agora sois ja fostes glorias.
 Ay solidam amiga
 Sò voz me consolais tanta fadiga
 Ay cruel pensamento
 Algez sois dalma potro do tormento
 Ay Cloris? Cloris? Ay que te mudaste?
 Cloris que me deixaste?
 Ay ay Aonio triste
 Que sofrimento tanto mal resiste?
 Ay de ti Felisardo
 Que o mesmo fim te aguardo
 Que se eu perdi a Cloris por indigno
 Nem tu seràs de suas prendas digno
 Ay consolai-me (ay) Flores
 Pois ausencia sentis, sabeis de amores.
 Mas ay nam he meu mal viuer ausente
 Outra pena maior Aonio sente.
 Pois chora desprezado

Penas de ausente ancias de deixado

Ay consolai-me Christalinas agoas

Em minhas tristes magoas

Pois vos penas chorais, se eu penas choro

Seja aliuio a meu pranto vosso choro

Mas ay se desunidas

Do mar (que he vosso centro) estais sentidas.

Agora que correis tam desatadas

Depressa vos vereis entre as salgadas.

Ay de mim que por mais que amante corra

A morte hei so de achar que me soccorra

Ay consolai-me ô Aues

Com cadencias suaves;

Mas ay nam consoleis que estais cantando

E eu estou chorando

E seram vâas porfias

Querem diuertir com alegrias

O ninguem me console ay de mim triste ?

Pois meu mayor aliuio (ay Deos. ?) consiste

Em que confesse o mundo

Que he meu mal sem segundo

Tanto meu sentimento

Que não naceo aliuio a meu tormento.

Deixai que aqui sentido

Me lamrnte esquecido
Deixai que magoado
Minhas ansias pratique a este prado
Sem que à Cloris offenda a minha queixa
Pois hum indigno deixa quem me deixa
Tu Cloris peregrina
Que por seres em tudo mais diuina
Em tudo soberana
Hum vislumbre nam das de ser humana
Viue felice ao passo que fermosa
Como discreta viue venturosa
Que eu posto que deixado
Hy de fazer eterno meu cuidado
Que eu posto que esquecido
Meu amor ha de verse o mais lufido
E de tua bellefa o mais amante
O mundo hei de ensinar a ser constante

LAVS DEO.

Protestação do Autor.

VZo de Deidades, adorações, sacrificios, entregues da alma, & outros hyperboles introduzidos como licenças Poeticas, frases amorolas, & não em verdadeiro sentir, em quanto são gala do dizer, & não desvios do sentir Catholico; isto & tudo o mais logeito à censura da Igreja, como filho della. Lisboa 16. de Outubro de 1672.

Gerardo de Escobar.

*Las fineza Coronadas estão ja impressas, e
ficcão se imprimindo deze nouelas do mesmo Au-
tor, que he a primeira parte,*

*Las fineza Coronadas estão ja im-
pre. Das eo ficção se imprimindo deze no-
ue las do mes mo Autor que he a primery
10 parte*





